

**CAMILA DE BONA**

**OS PREFIXOS DE NEGAÇÃO DES- E IN- NO PB: CONSIDERAÇÕES  
MORFOSSEMÂNTICAS**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO

**OS PREFIXOS DE NEGAÇÃO DES- E IN- NO PB: CONSIDERAÇÕES  
MORFOSSEMÂNTICAS**

**CAMILA DE BONA**  
**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SABRINA PEREIRA DE ABREU**

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2014

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, pelo apoio, incentivo e constante envolvimento com tudo o que me preocupa, me motiva e me inquieta: obrigada pelo porto-seguro.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Sabrina Pereira de Abreu, agradeço pela orientação cuidadosa, pelas conversas só nossas e pela confiança que, ao longo desses últimos cinco anos, me tornou uma profissional mais segura. Além disso, agradeço pelo deslumbre que tenho por essas coisas que chamam de unidades mínimas de significado. Obrigada por, de certa forma, ser a principal *culpada* por esse meu encantamento que, desconfio, já é sem cura.

Meus agradecimentos aos docentes do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, em especial aos professores Luiz Carlos Schwindt, Marcos Goldnadel e Sergio de Moura Menuzzi, que, por algum bom motivo, sempre me fizeram sair de suas aulas um tanto quanto perturbada. À profa. Solange Mendes Oliveira, da PUCPR, obrigada pelo estudo minucioso sobre os prefixos que foi tão inspirador para a realização deste trabalho. Aos professores membros da banca, Marcos, Sergio e Solange, agradeço por terem aceito participar da minha defesa com preciosos comentários e sugestões.

Agradeço aos meus colegas e amigos, da pós-graduação e da vida, por serem prova de que tudo fica mais fácil quando temos alguém com quem contar. Em especial, agradeço ao Gustavo por esses dois anos de valiosa amizade e parceria que, infelizmente, não havíamos tido antes na graduação. Ao Pablo, fica o meu *muito obrigada* por um e-mail despretenso com a obra de uma tal de Lieber em anexo; e também por alguns questionamentos e reflexões que, de forma muito contundente, foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço ao CNPq pelo importante apoio financeiro concedido ao longo deste curso de Mestrado e, também, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do qual eu muito me orgulho de fazer parte.

If I have learned anything from years of delving in lists of English words, it is that words in general, and affixes in particular, are slippery little things. But I still believe it's worth trying to pin them down.

(LIEBER)

## RESUMO

Este trabalho objetiva estudar as propriedades semânticas e categoriais de dois prefixos de negação do português brasileiro, quais sejam in- e des-. Com a evidência de que os prefixos de negação apresentam uma variada gama de categorias lexicais às quais eles podem se adjungir (nomes, adjetivos e verbos), buscamos delinear a frequência com que cada um desses prefixos de negação aparece em relação às suas bases e a semântica por eles atualizada, com o intuito de verificar quais seriam as principais propriedades gramaticais e semânticas capazes de apresentar um papel determinante na eleição e produtividade de determinado prefixo. Através de um estudo que se pretenda exaustivo dos itens lexicais formados por esses prefixos no português, analisamos a plausibilidade da procura de alguma regularidade semântica presente nas bases, para verificar se a distinção entre des- e in- se dá relativamente a determinados elementos de sentido que as palavras formadas por cada prefixo apresentam. Para fins de análise, nos valem dos vocábulos prefixados com os afixos de negação in- e des- listados no Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco S. Borba (2002). Como referencial teórico, elegemos o modelo de Lieber (2004), o qual apresenta o traço [-Loc] como única característica necessária para a descrição da prefixação negativa; esse traço, segundo a autora, pode dar origem a quatro nuances de significado levemente distintas, quais sejam: privação, negação contrária, negação contraditória e reversão. Pelo fato de a Lieber não fazer apontamentos muito relevantes no que diz respeito à seleção categorial, nos valem dos argumentos de Silva e Miotto (2009) para a análise dos dados do português, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam: in- seleciona apenas bases adjetivais e des- seleciona, além das adjetivais, também bases verbais. Ademais, relativamente a des-, os pesquisadores defendem a existência de dois afixos homófonos: um que seleciona verbos, aplicando o sentido de reversão, e outro que seleciona adjetivos, atualizando o sentido de um tipo de negação. Nossa análise evidencia que parece não existir um suposto traço semântico presente nas bases adjetivais capaz de licenciar a presença de des- ou in-. É provável que, em se tratando de adjetivos especificamente, des- e in- sejam concorrentes – a diferença entre os dois se estabelece mais em termos de produtividade categorial. A postulação de Silva e Miotto (2009) acerca de uma seleção rígida para os prefixos parece não ser condizente com nossos dados. No que tange à análise semântica, defendemos que o traço [-Loc], apesar de ser pertinente quando aplicado a itens lexicais estativos (ou àqueles que não implicam trajetória) prefixados por in- e des-, não é capaz de descrever adequadamente a noção de reversão atualizada por des- quando em

presença de bases que denotam processos de mudança. Com isso em vista, defendemos que a solução para melhor descrever esses verbos está no próprio sistema proposto por Lieber, qual seja a evidenciação do traço [+IEPS], que apresenta a noção de trajetória. Esse traço já se faz presente em todos os verbos que implicam processos de mudança e, ao adicionarmos o prefixo negativo, o traço [-Loc] atua sobre [+IEPS], não anulando a presença da trajetória, mas invertendo a direção da mesma. Considerando que [-Loc] se faz presente tanto para a noção de negação quanto para a noção de reversão, não faz sentido a postulação da existência de dois des- homófonos no português para tratar desses dois sentidos.

**Palavras-chave:** prefixos de negação, semântica em lexias derivadas, produtividade categorial.

## ABSTRACT

This thesis aims to study the semantic and categorical properties of two negative prefixes of Brazilian Portuguese, which are *in-* and *des-*. With the evidence that the negative prefixes attach to a wide range of lexical categories (nouns, adjectives and verbs), we intend to delineate the frequency with which each of these negative prefixes appears in relation to their bases and the semantics updated by them, in order to see what are the decisive categorical and semantic properties to the election and productivity of the given prefix. Through a study which aims to be exhaustive regarding the lexical items with these prefixes in Portuguese, we analyze the plausibility of looking for some semantic regularity present in the bases, to verify if the distinction between *in-* and *des-* occurs with respect to certain elements of meaning present in the words formed by these prefixes. For analysis purposes, we make use of the words with negative affixes *in-* and *des-* from *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, by Francisco S. Borba (2002). The theoretical model elected is from Lieber (2004), which exhibits the trace [-Loc] as the only necessary feature to describe the negative affixation; this trace, according to the author, can give rise to four slightly different meanings, which are: privation, contrary negation, contradictory negation and reversion. Since Lieber does not present relevant notes regarding the categorical selection, we make use of Mito and Silva (2009)'s arguments for the analysis of Portuguese data. These authors advocate for the idea that prefixes rigidly select the bases to which they combine: *in-* selects only adjectival bases and *des-* selects adjectival and also verbal bases. Moreover, for *des-*, the researchers advocate for the existence of two homophones affixes: one would select verbs, applying the sense of reversion, and the other one would select adjectives, attributing the sense of a kind of negation. Our analysis shows that there seems to be no alleged semantic feature present in adjectival bases able to license the presence of *in-* or *des-*. It seems that these prefixes are in competition - the difference between the two is established more in terms of categorical productivity. The postulation of Silva and Mito (2009) regarding a rigid selection of prefixes does not seem to be consistent with our data. Regarding the semantic analysis, we hold that [-Loc] trace, despite being relevant when applied to stative lexical items (or the ones which do not bear the notion of trajectory) prefixed by *in-* and *des-*, is not able to adequately describe the notion of reversion updated by *des-* when in the presence of bases that denote changing processes. Therefore, we argue that the solution to better describe these verbs are in Lieber's theoretical model itself, which is the disclosure of the feature [+IEPS], the one that introduces the notion of trajectory. This feature is already present in all verbs that involve changing

processes, and when we add the negative prefix, the feature [-Loc] acts on [+IEPS], not denying the presence of the trajectory, but reversing the direction of it. Whereas [-Loc] is present for both the concept of negation and reversion, it makes no sense to postulate the existence of two homophones des- in Portuguese.

**Keywords:** negative prefixes, semantics in derived words, categorical productivity.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Delimitação dos prefixos do PB (SCHWINDT, 2001).....	25
Quadro 2: Prefixos composicionais e prefixos legítimos (SCHWINDT, 2001).....	27
Quadro 3: Prefixo des- (SCHWINDT, 2001).....	29
Quadro 4: Teores semânticos do prefixo des- (SCHNEIDER e BIDARRA, 2009, p. 74).....	51
Quadro 5: Itens lexicais prefixados negativamente em inglês.....	75
Quadro 6: Itens lexicais prefixados negativamente em português.....	76
Quadro 7: Nomes primitivos formados por in-.....	88
Quadro 8: Nomes deverbiais formados por in-.....	89
Quadro 9: Adjetivos primitivos formados por in-.....	90
Quadro 10: Adjetivos em –do prefixados por in-.....	91
Quadro 11: Adjetivos em –nte prefixados por in-.....	91
Quadro 12: Adjetivos em –dor prefixados por in-.....	92
Quadro 13: Adjetivos em –vel prefixados por in-.....	93
Quadro 14: Adjetivos em –oso prefixados por in-.....	94
Quadro 15: Verbos prefixados por in-.....	97
Quadro 16: Substantivos primitivos prefixados por des-.....	99
Quadro 17: Adjetivos Primitivos prefixados por des-.....	103
Quadro 18: Adjetivos em –do prefixados por des-.....	104
Quadro 19: Adjetivos em –nte prefixados por des-.....	106
Quadro 20: Adjetivos em –dor prefixados por des-.....	106
Quadro 21: Adjetivos em –vel prefixados por des-.....	107
Quadro 22: Adjetivos em –oso prefixados por des-.....	108
Quadro 23: Verbos de estado prefixados por des-.....	110
Quadro 24: Verbos de ação prefixados por des-.....	110
Quadro 25: Verbos de processo prefixados por des-.....	111
Quadro 26: Verbos de ação-processo prefixados por des-.....	112

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Idiosincrasia e Produtividade dos Afixos (BONA, 2014).....	19
Figura 2: Possibilidades de formação para <i>imobilização</i> (SILVA e MIOTO, 2009, p. 13).....	33
Figura 3: Possibilidades de formação para <i>desmobilização</i> (SILVA e MIOTO, 2009, p. 15 e 16).....	35
Figura 4: Anexação do prefixo des- a verbos (MEDEIROS, 2010, p. 110).....	55
Figura 5: Anexação do prefixo des- a adjetivos (MEDEIROS, 2010, p. 115).....	56
Figura 6: Anexação do prefixo des- a nomes (MEDEIROS, 2010, p. 116).....	57
Figura 7: Classes verbais e seus traços (LIEBER, 2004, p.30).....	114
Figura 8: Classes verbais – possibilidade de prefixação negativa (LIEBER, 2004, p. 116)...	117

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Itens lexicais prefixados por in- e des-.....	86
Gráfico 2: Dados Categóricos de in-.....	87
Gráfico 3: In- em Substantivos.....	88
Gráfico 4: In- em Verbos.....	95
Gráfico 5: Dados Categóricos de des-.....	98
Gráfico 6: Des- em Substantivos.....	99
Gráfico 7: Des- em Adjetivos.....	102

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1. SOBRE A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PB .....</b>	<b>17</b>
1.1 Os processos de formação de palavras .....	17
1.2 O trabalho de Lee (1997) .....	22
1.3 O trabalho de Schwindt (2000, 2001) .....	24
<b>2. REVISITANDO A LITERATURA: DES- E IN- .....</b>	<b>31</b>
2.1 Prefixos: seleção categorial rígida? .....	31
2.2 Sobre in- .....	37
2.2.1 Alves (2004) .....	37
2.2.2 Oliveira (2004) .....	39
2.3 Sobre des- .....	43
2.3.1 Alves (2004) .....	43
2.3.2 Oliveira (2004, 2009) .....	44
2.3.3 Schneider e Bidarra (2009) .....	50
2.3.4 Medeiros (2010) .....	54
2.3.5 Ribeiro (2014) .....	57
2.4 Recapitulação .....	60
<b>3. O ESTUDO DE LIEBER (2004).....</b>	<b>62</b>
3.1 Da construção de um aparato teórico para lidar com a semântica dos afixos.....	62
3.2 Os traços semânticos propostos por Lieber.....	67
3.3 O traço [Loc].....	69
3.4 Localização em derivação: o caso dos afixos [-Loc].....	72
3.5 Os prefixos de negação e sua produtividade categorial e semântica.....	73
3.6 A proposta de Lieber (2004).....	78
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>81</b>
4.1 Sobre o Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002).....	81

4.2 Restrições para recolha e seleção dos dados.....	83
4.3 Organização dos dados.....	84
<b>5. ANÁLISE SEMÂNTICA E CATEGORIAL DOS DADOS.....</b>	<b>86</b>
5.1 Itens Lexicais formados por in-.....	87
5.1.1 Substantivos.....	87
5.1.2 Adjetivos.....	90
5.1.3 Verbos.....	95
5.2 Itens lexicais formados por des-.....	97
5.2.1 Substantivos.....	98
5.2.2 Adjetivos.....	102
5.2.3 Verbos.....	110
5.3 Uma possível solução para o problema.....	113
5.3.1 Retomando os dados de Schwindt (2001).....	118
5.4 Sistematização das ideias e perspectivas para estudos futuros.....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO: CORPUS ANALISADO.....</b>	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, o qual se insere na área dos estudos de Semântica Lexical, mais especificamente nos estudos sobre o significado de morfemas derivacionais prefixais, tem como objetivo estudar os aspectos categoriais e semânticos de dois prefixos de negação do português brasileiro, quais sejam in- e des-. A importância desse estudo está calcada na conveniência das discussões acerca da polissemia dos afixos e da descrição do tipo de significado que esses afixos podem veicular quando anexados a determinadas bases.

Marchand (1969 *apud* Lieber, 2004), em seu trabalho descritivo acerca da formação de palavras em inglês, sugere que o significado de um afixo é fluido o suficiente para permitir diversos significados em combinação com bases particulares. Rochelle Lieber, em sua obra *Morphology and Lexical Semantics* (2004), aponta para a necessidade de caracterizar o significado de unidades lexicais complexas, já que há, segundo a autora, uma carência premente de uma forma sistematizada de abordagem da semântica lexical de formação de palavras.

Uma pergunta há muito presente nos estudos morfológicos e que se faz relevante ainda procurar responder é a seguinte: por que determinados afixos são polissêmicos e, ao mesmo tempo, temos uma diversidade de afixos para lidar com uma mesma função e significado? Em um primeiro momento, nossa intenção era a de comparar e traçar alguns paralelos entre a polissemia dos prefixos de negação do português brasileiro com os prefixos correspondentes do inglês, tomando por base a proposta presente em Lieber (2004) para a descrição desses afixos e contrastando-a com descrições feitas anteriormente para o português e para o inglês, com o intuito de averiguar se a proposta da pesquisadora é, de fato, a mais pertinente para descrever adequadamente as relações tanto categoriais quanto semânticas estabelecidas entre esses prefixos e as bases às quais eles se adjungem. Devido à necessidade de um recorte mais específico do *corpus* a ser estudado, resolvemos focar nosso estudo apenas nos prefixos in- e des- do português, mas, tendo em vista nossa vinculação teórica às análises de Lieber, apresentaremos brevemente o cotejo realizado com o inglês e nos reportaremos a alguns dados de língua inglesa sempre que se fizer relevante no momento da análise em questão.

Na introdução de sua obra, Lieber (2004) aponta como uma das limitações de seu estudo o fato de se concentrar em apenas uma língua para análise, qual seja o inglês. Tendo em vista que o tipo de análise semântica que a pesquisadora se propôs a encetar requer um olhar mais familiarizado para/com o significado de muitas palavras formadas pelo mesmo afixo, já seria inviável fornecer uma descrição exaustiva da semântica de todos os processos

de formação de palavras do próprio inglês e, com isso em vista, a autora restringe a discussão na sua obra a uma série de estudos de caso de áreas particulares da formação de palavras. Ademais, Lieber argumenta que não seria capaz de empreender análises tão detalhadas com línguas de que não é falante nativa. Ela espera, então, que falantes nativos de outras línguas ajudem a corroborar ou a criticar o aparato teórico por ela construído. Com este trabalho, tencionamos analisar as palavras prefixadas negativamente no português através de um dos traços semânticos por ela propostos e, após, advogar ou não pela plausibilidade de seu sistema.

Com a evidência de que os prefixos de negação apresentam uma variada gama de categorias lexicais às quais eles podem se adjungir (nomes, adjetivos e verbos), buscamos, neste trabalho, delinear a frequência com que cada um dos prefixos de negação mencionados aparece em relação às bases com as quais eles se concatenam, com o intuito de verificar quais seriam, também, as principais propriedades gramaticais capazes de apresentar um papel determinante na eleição e produtividade de determinado prefixo. Para fins de análise, nos valeremos dos vocábulos prefixados com os afixos de negação *in-* e *des-* listados no Dicionário de Usos do Português do Brasil de Francisco S. Borba (2002).

Através de um estudo que se pretenda exaustivo dos itens lexicais formados por esses prefixos no português, tencionamos analisar, conjuntamente, a plausibilidade da procura de alguma regularidade semântica presente nas bases, para verificar se a distinção entre *des-* e *in-* se dá relativamente a determinados elementos de sentido que as palavras formadas por cada prefixo apresentam. Através da análise de nossos dados, uma pergunta que tencionamos responder é a seguinte: esses dois prefixos de negação estão associados de uma forma regular a certos traços semânticos presentes nas bases ou são, de fato, concorrentes, atuando em contextos semânticos semelhantes?

Com este trabalho, pretendemos empreender uma tentativa de sistematização das conhecidas instabilidades dos afixos, com vistas a contribuir com a descrição dos processos de formação de palavras em que tais afixos estão envolvidos e realizar uma descrição das propriedades semânticas do léxico mais acurada. Para tanto, no capítulo 1, trataremos dos processos de formação de palavra, dando especial ênfase para a derivação prefixal ao discutir a controvérsia existente no estabelecimento da distinção entre bases presas e prefixos. Para melhor entender esse estado de coisas, referendamos os trabalhos de Lee (1997) e Schwindt (2000, 2001), os quais propõem novas categorizações para os compostos e prefixos, respectivamente, através de análises sincrônicas.

No capítulo 2, revisitamos a literatura linguística do Português Brasileiro (doravante PB) no que tange às descrições feitas para os prefixos des- e in-. Alves (2004), Oliveira (2004 e 2009), Schneider e Bidarra (2009), Silva e Miotto (2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014) são os pesquisadores que retomamos para melhor entender como o nosso objeto de estudo tem sido analisado nesses últimos anos. Ademais, a retomada das considerações desses autores será de extrema importância para a posterior análise de nossos dados através do aparato teórico de Lieber (2004).

O capítulo 3 apresenta nosso referencial teórico, qual seja o modelo de Lieber (2004). Nesse capítulo, fazemos uma breve explanação de cada um dos traços semânticos propostos pela pesquisadora, dando especial foco e detalhamento ao traço [Location], o qual será de nosso interesse para a descrição dos prefixos de negação. Delinearemos como o traço [Loc] pode ser atribuído a itens lexicais primitivos, considerando seu papel tanto em verbos quanto em preposições. Após, analisaremos em detalhe o papel central desse traço na descrição semântica de alguns afixos, principalmente os negativos, que são o foco de análise deste trabalho. Para tanto, explicitamos as análises de Lieber para os itens lexicais da língua inglesa e já estabelecemos possíveis cotejos com os vocábulos do português.

O capítulo 4 apresenta nossos procedimentos metodológicos. Primeiramente, apresentamos o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco Borba (2002), e os motivos pelos quais o elegemos como fonte para análise de nossos dados. Ademais, também apontamos algumas restrições que tivemos de tomar em relação ao *corpus* e suas respectivas razões, para que não apresentássemos incongruências em nossas análises.

O capítulo 5 é o de análise de dados. Cabe notar que, além da análise semântica proposta por Lieber, também estudamos a seleção categorial feita pelo afixo em questão. Pelo fato de a Lieber não fazer apontamentos muito relevantes no que diz respeito às categorias e, também, por ela se focar na análise da língua inglesa, consideramos os argumentos de Silva e Miotto (2009) para a análise dos dados do português nesse quesito, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam. Neste capítulo, pois, verificamos a plausibilidade das análises concernentes tanto à seleção categorial (cf. Silva e Miotto, 2009) quanto à aplicabilidade do traço semântico proposto por Lieber (2004). As conclusões obtidas na análise dos dados serão relatadas juntamente com nossas considerações finais.

Dito isso, passemos ao trabalho.

## 1. SOBRE A FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PB

Neste capítulo, fazemos uma revisão dos processos de formação de palavras no português, retomando antigos debates acerca das diferenças entre flexão e derivação e, também, entre derivação e composição. A prefixação pode ser vista como estando, em alguns momentos, no entremeio dos processos derivacionais e composicionais, considerando que a distinção entre bases presas e prefixos é de difícil percepção em termos sincrônicos. Após esse debate, trazemos algumas ideias presentes no trabalho de Lee (1997), o qual apresenta, na análise de seus dados, um tratamento unificado para a composição e para a afixação, dispensando as diferentes regras de formação de palavras ao considerar que todos os elementos morfológicos não passíveis de serem analisados são definidos conjuntamente nas entradas lexicais. Como fechamento do capítulo, trazemos as considerações de Schwindt (2001) acerca do comportamento fonológico ambíguo dos prefixos no português e sua proposta de segmentação dos mesmos através de uma análise morfofonológica.

### 1.1 Os processos de formação de palavras

De forma geral, os itens lexicais no português são formados por três mecanismos principais, quais sejam a composição, a flexão e a derivação.

A **flexão**, apesar de não formar palavras novas na língua, é o processo através do qual temos a expressão das categorias de número e gênero nos nomes (e, também, pessoa, no caso dos pronomes) e das categorias modo-temporais e número-pessoais nos verbos. Apresenta-se através de desinências postostas ao radical ou aos sufixos, com obrigatoriedade e sistematização coerentes (CAMARA JR., 2008[1970]). Camara Jr. (2008) aponta que o processo de flexão é imposto pela própria natureza da frase, através do traço de concordância, estando os morfemas flexionais concatenados em paradigmas coesos com pequena margem de variação.

O autor também defende que o mesmo não se aplica à **derivação**. As palavras derivadas não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico, tendo em vista que uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo que lhe seja análogo; um exemplo clássico disso seria a palavra derivada *cantarolar* de *cantar*: outros tipos de verbos de atividade que fazem uso da voz, tais como *falar* e *gritar*, não apresentam derivações congêneres. Com isso, temos que os

morfemas gramaticais de derivação não constituem um quadro regular, coerente e preciso. Diferentemente do paradigma flexional, que apresenta relações fechadas, considerando que sua lista de termos é exaustiva e a atualização de determinada forma exclui todas as demais, as relações estabelecidas entre itens lexicais derivados de uma mesma base são abertas: a lista de derivados nunca é exclusiva e/ou exaustiva; sempre há a potencial existência de uma nova derivação.

Segundo Katamba e Stonham (2006, p. 223), a intuição padrão entre os linguistas é a de que a morfologia flexional lida com formação de palavras condicionadas sintaticamente, enquanto a morfologia derivacional é usada para criar novos itens lexicais. Na prática, no entanto, não há sempre unanimidade para classificar determinados processos como flexão ou derivação. Alguns linguistas trabalhando com a mesma língua podem divergir na classificação; entre línguas diferentes, então, a confusão pode ser ainda maior, já que um processo considerado como flexional em uma língua pode ser análogo a um considerado derivacional em outra. Os autores defendem que a diferença entre flexão e derivação está em um *continuum* antes que em uma dicotomia. Morfemas flexionais prototípicos (como afixos verbais) são fortemente determinados sintaticamente, enquanto morfemas derivacionais prototípicos (-or em *trabalhador*) apresentam uma fraca determinação sintática. Então, os termos ‘flexão’ e ‘derivação’ simplesmente indicam o grau de relevância sintática.

A derivação, grosso modo, se caracteriza pela adição de um afixo (prefixo ou sufixo) a uma base para a formação de uma nova palavra. As palavras *artista* (*arte* + *ista*) e *livreiro* (*livro* + *eiro*), por exemplo, são formas derivadas, estruturadas através de base + afixo. Os vocábulos *infeliz* (*in* + *feliz*) e *descolar* (*des* + *colar*) também são derivados, mas sua estruturação se dá através de afixo + base. Em o afixo estando à direita da base, chamamo-lo de sufixo; em estando à esquerda, de prefixo.

Basílio (2007, p. 30) defende que, em geral, a base de uma forma derivada é uma forma livre, ou seja, uma palavra comum que, por si só, pode constituir um enunciado, como é o caso de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. A autora também aponta que, em princípio, o processo de derivação forma palavras cujas propriedades sintáticas ou semânticas são de caráter fixo, predeterminado e de teor geral, como em *explicação*, em que temos o sufixo -ção atuando na formação de um nome deverbal; ou como em *inadequado*, em que temos o prefixo in- atuando na formação de um novo adjetivo através da adição semântica de negação ao significado da palavra-base.

Os afixos, então, apresentam funções sintático-semânticas definidas, que delimitam os significados possíveis das palavras a serem formadas. De acordo com Basílio (2007, p. 32), é

natural encontrarmos afixos de diferentes graus de generalidade e, conseqüentemente, produtividade. Em um extremo, temos, por exemplo, o caso da nominalização de verbos: a produtividade desse tipo de processo é praticamente absoluta em português, tratando-se de uma noção de grande generalidade. No extremo oposto, temos exemplos formados com o sufixo –ada (*feijoadada, marmelada*), em que o teor de produtividade é bastante restrito tendo em vista a particularidade da função do sufixo, qual seja a de indicar um prato feito com o alimento nomeado na base. Essa diferença na produtividade não se deve simplesmente à questão categorial, considerando que há mudança de classe na formação de substantivos deverbais e não nas formações em –ada: o fator relevante na produtividade desses sufixos diz respeito, antes, à generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação. Noções como a negação, o grau e a designação de entidades abstratas são bastante comuns e de grande generalidade. Por consequência, esperamos que processos que introduzem tais noções na formação de palavras sejam mais produtivos (BASÍLIO, 2007, p. 33). Considerando, pois, que a negação é uma noção semântica bastante geral e que nossa análise, neste trabalho, pretende ser a mais exaustiva possível, nosso *corpus* é reflexo disso: os itens lexicais formados pelos prefixos de negação des- e in- aqui estudados constituem 2.569 ocorrências.

Como vimos, a noção de produtividade, que é geralmente levantada para diferenciar a flexão da derivação, também atua de forma diferenciada no âmbito mais estrito dos chamados processos derivacionais, tendo em vista que alguns afixos são acentuadamente mais produtivos que outros. Como já mencionado anteriormente, a ideia de um *continuum* parece ser, de fato, a mais adequada para analisar não somente a diferença entre afixos flexionais e derivacionais, mas também a diferença existente entre os próprios derivacionais:

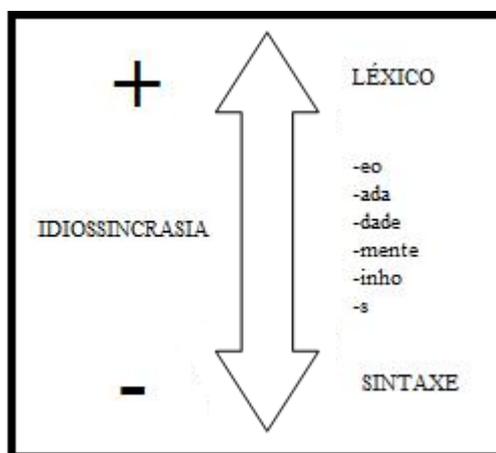


Figura 1: Idiosincrasia e Produtividade dos Afixos (BONA, 2014)

Com isso em vista, temos diferentes graus de produtividade entre os afixos derivacionais, sendo que essa produtividade é inversamente proporcional ao grau de idiosincrasia do mesmo. Apesar de identificarmos que *-eo* é um sufixo em *róseo*, sendo esta, pois, uma palavra morfologicamente complexa, não formamos mais novos itens lexicais com ele; o mesmo se aplica a *-ebre* na derivação *casa/casebre*. O sufixo *-ada*, como já mencionado, não apresenta uma produtividade tão acentuada quanto o sufixo *-dade*, formador de substantivos a partir de adjetivos, ou *-ção* e *-mento*, formadores de nomes de verbais. Já o sufixo *-mente*, formador de advérbios a partir de adjetivos, é um afixo derivacional bastante regular e produtivo no português. No que concerne a *-inho*, o debate acerca do seu lugar nos processos flexionais ou derivacionais no português já é de longa data; a tradição nas gramáticas normativas é classificá-lo como parte da flexão, enquanto Câmara Jr. (2008), Rocha (2008), entre outros, o consideram um afixo derivacional. A questão, mais uma vez, envolve um *continuum* de produtividade: em um extremo, temos o item lexical *negrinho* que, por ser lexicalizado, precisa ser registrado no dicionário como uma entrada distinta; no entremeio, temos *filhinha* e *mulherzinha*, que não necessariamente sinalizam a noção de pequeno, mas podem veicular a ideia de afeto ou desprezo; no outro extremo, temos o par *casa/casinha*, que parece ser facilmente aplicável a vários nomes do português<sup>1</sup>. Por fim, mais próximo da sintaxe e, portanto, da flexão, temos a noção de número, expressa pelo afixo *-s*, que parece ser o exemplo de afixo flexional por excelência – não só no português, como também em várias outras línguas.

Essa discussão que tange à produtividade dos afixos através das relações mais ou menos próximas estabelecidas entre eles e suas bases (BASÍLIO, 2007; KATAMBA & STONHAM, 2006) é de grande pertinência para este trabalho, tendo em vista que isso se reflete também na semântica desencadeada por essa ligação. Como veremos mais adiante ao tratarmos dos prefixos de negação, o significado desencadeado em alguns itens lexicais, principalmente os formados por *des-*, faz-se um pouco diverso do de simples negação, dificultando uma descrição semântica totalmente exaustiva e uniforme do processo. Essa constatação corrobora a ideia defendida por Chomsky (1970) em *Remarks on nominalization*,

---

<sup>1</sup> A discussão acerca da ideia de um *continuum* em derivação é fruto, além das considerações de Basílio (2007) e de Katamba e Stonham (2006), também das reflexões encetadas nas aulas de Morfologia, ministradas pelo Prof. Luiz Carlos Schwindt em 2012/2, nas quais discutíamos a noção de produtividade referente, mais especificamente, aos afixos do português.

de que nomes derivados são morfológica, sintática e semanticamente mais idiossincráticos do que nomes de gerúndio, os quais se comportariam mais como colocações sintáticas. De acordo com Spencer (1991, p. 72), o título da resposta de Chomsky aos argumentos da Semântica Gerativa poderia ser *Remarks on derivational morphology*, tendo em vista que exatamente os mesmos argumentos se aplicam à maioria dos processos derivacionais. Lieber (2004) lida muito bem com essas idiossincrasias presentes em alguns itens lexicais derivados ao postular a existência de um corpo semântico-pragmático em seu modelo – trataremos dessa questão em detalhe no capítulo terceiro.

Em se tratando, mais especificamente, dos prefixos, Rocha (2008, p. 148) caracteriza-os como uma sequência fônica recorrente, que não constitui uma base, mas que se coloca à esquerda de uma com o objetivo de formar uma nova palavra. Além disso, assim como os sufixos, os prefixos apresentam identidade fonológica, semântica e funcional, caracterizando-se pelo fato de ser uma forma presa. Via de regra, temos que os prefixos não são capazes de efetuar uma mudança de classe na palavra à qual se adjungem. Basílio (1993, p. 303) afirma que essa generalização não é uma particularidade do português, mas uma característica geral dos prefixos em várias línguas, apesar de não absoluta. Em contrapartida, ao discutirmos mais especificamente neste trabalho os prefixos de negação, encontramos em Rocha (2008, p. 154) alguns exemplos de formações cristalizadas do português em que temos transposição de categoria lexical em decorrência da anexação de um prefixo de negação, como em: *demente* (*de* + *mente*), *inglório* (*in* + *glória*), *imberbe* (*in* + *barba*), *disforme* (*dis* + *forma*), *inúmeros* (*in* + *números*). Em casos como *imberbe* e *disforme*, temos também a mudança da vogal temática, mas fica claro que essa se dá em decorrência da adição do prefixo efetuada primeiramente. Como o próprio Rocha aponta, essas formações são raras e bastante esparsas no léxico.

Outro processo de formação de palavras no português, qual seja o da **composição**, envolve a junção de duas bases preexistentes na língua, com o intuito de formar um único vocábulo composto, o qual apresenta papel definido pela estrutura da composição. Esse processo de formação de palavras utiliza fragmentos de estruturas sintáticas para fins lexicais: mecanismos que são utilizados, comumente, na formação de enunciados passam a ser utilizados na função de denominar/caracterizar seres ou coisas, o que é uma função primordial do léxico. Ademais, a composição permite designações bastante particularizadas, tendo em vista que, em apenas um item lexical, temos a junção de dois elementos semânticos através da utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais (BASÍLIO, 2007, p. 33 e 34). Em

português, os compostos podem ser justapostos ou aglutinados: no primeiro caso, não temos perda de componentes fonéticos ou mórficos (assim como *salário-família*); no segundo caso, os vocábulos perdem elementos ao se anexarem (como em *aguardente*). No que tange à semântica, Basílio (2007) aponta que as formas compostas são frequentemente opacas em relação ao significado estrito de seus componentes, já que se verifica um distanciamento entre o significado global de um composto e o significado de suas partes (p. ex., *pé-de-moleque*).

Adjungido a isso, temos ainda, no português, uma grande quantidade de compostos eruditos, formados através de bases eruditas (gregas ou latinas), tais como *hipódromo* (*hipo* + *dromo*), *ortografia* (*orto* + *grafia*), *sociologia* (*socio* + *logia*), etc. Muito em função desses radicais, surge um problema relacionado com a prefixação, qual seja o de estabelecer a distinção entre bases presas e prefixos utilizando-se de uma análise sincrônica. Para melhor entender esse estado de coisas, Schwindt (2000), na subseção em que analisa a perspectiva diacrônica da prefixação na sua tese de doutorado, aponta que a aparente ambiguidade demonstrada pelos prefixos, que são vistos ora como bases, ora como afixos, não é uma característica do português atual, mas tem sua herança no próprio latim, o qual tratava a prefixação como um tipo de composição. O autor ainda esclarece:

O português herdou (...) vocábulos latinos já prefixados mais os advérbios e preposições em forma de prefixos, ou seja, nossos prefixos se originam de formas presas e de formas livres ou dependentes. Isso tem consequências importantes em nosso sistema prefixal: há prefixos que conservam o caráter autônomo, próprio das formas livres, e há aqueles que perderam esse caráter, sofrendo adjunção com a base a que se ligam. (SCHWINDT, 2000, p. 80)

Essa relação é abordada também no trabalho de Lee (1997) sobre os compostos do PB. Mesmo não tratando com especificidade dos prefixos, o autor aborda alguns aspectos que os envolvem quando propõe dois níveis ordenados para o léxico do português brasileiro. Vejamos, na próxima seção, os argumentos do autor para essa proposta.

## 1.2 O trabalho de Lee (1997)

Lee (1997) propõe uma nova análise dos compostos do Português do Brasil com base nos pressupostos da Morfologia Lexical (Kiparky: 1982, 1983; Lieber: 1980, 1983). O pesquisador defende que existem dois tipos de compostos no PB: Compostos Lexicais e Compostos Pós-Lexicais. Os primeiros são formados no léxico e são sintaticamente opacos, tendo em vista que se comportam como uma unidade (uma palavra comum) relativamente a

processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação, nem concordância. Diferentemente, os compostos pós-lexicais são formados no componente pós-lexical e são, portanto, sintaticamente transparentes, considerando que permitem flexão, derivação, concordância, etc.

A primeira proposta de Lee para a organização do léxico ainda admitia três níveis: o primeiro incluía todos os processos derivacionais (*feliz/felicidade*), a flexão irregular (*descobrir/descoberta*) e a composição que admite derivação sufixal (*rádio-taxi / rádio-taxista; puxa-saco / puxa-saquismo*); no segundo nível, ocorreria a flexão regular nos verbos (*falo/falava*), a flexão de número regular nos nomes (*flor/flores*) e as formações produtivas no português, tais como diminutivos em *-inho* e *-zinho*, advérbios em *-mente* e grau em *-íssimo*; o terceiro nível seria o da palavra prosódica, caracterizado por ser a saída do léxico e a entrada para a sintaxe, na qual as operações morfológicas não podem ser afetadas: no desenvolvimento de seu trabalho, Lee desfaz este nível e o inclui no chamado componente pós-lexical.

Alguns argumentos do autor para a diferenciação entre compostos lexicais e compostos pós-lexicais dizem respeito a cinco propriedades, quais sejam: flexão de número apenas na posição final, formação de novas palavras por afixação, comportamento uno para a formação de diminutivos, respeito pela ordem determinante (DT) + determinado (DM) e não-manifestação de sinais de concordância de gênero e número entre seus elementos. Os compostos lexicais têm valoração positiva para essas propriedades, enquanto os pós-lexicais a têm negativa. Acerca, mais especificamente, da questão da formação de novas palavras por afixação, temos que compostos lexicais podem formar novas palavras através dela (p. ex., *rádio-taxista*); os compostos pós-lexicais, diferentemente, não o podem, exceto por alguns que parecem estar à mercê de alguns prefixos (p. ex., *ex-homem-rã, super-primeiro-ministro, etc.*).

Ao propor essa divisão dos compostos no PB, Lee defende que somente os compostos lexicais são "compostos verdadeiros", pois são eles que funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas. Já os compostos pós-lexicais seriam, então, "pseudo-compostos" – palavras sintáticas reanalisadas que, conforme Williams & Di Sciullo (1987), permitem a ocorrência de processos morfológicos entre seus constituintes.

Na perspectiva adotada por Lee, os processos de formação de palavras acontecem no léxico por inserção lexical (consoante Lieber, 1980; Kiparski, 1983; Inkelas, 1989). Essa abordagem propõe um tratamento unificado para a composição e para a afixação, dispensando as diferentes regras de formação de palavras, já que todos os elementos morfológicos não

passíveis de serem analisados (tais como raiz, radical, afixos, além da subcategorização lexical e da especificação categorial) são definidos conjuntamente nas entradas lexicais. Na próxima seção, delinearemos um estudo que, diferentemente da análise de Lee, tem como foco, em específico, a derivação prefixal.

### 1.3 O trabalho de Schwindt (2000, 2001)<sup>2</sup>

O comportamento fonológico ambíguo dos prefixos no português, de acordo com Schwindt, suscita o seguinte questionamento: seria ele uma palavra fonológica independente ou não teria outro *status* senão o de sílaba átona que se afixa à esquerda de uma base? Quais seriam as suas semelhanças e diferenças com compostos e clíticos? Com o intuito de responder a essas questões, o autor propõe uma segmentação dos prefixos do PB.

Ao realizar uma análise morfofonológica dos prefixos no português brasileiro (PB), Schwindt (2001) apresenta dois objetivos principais, quais sejam: o de categorizá-los prosodicamente para, depois, situá-los em uma proposta de léxico segmentado em níveis. Para tanto, utiliza-se do aparato teórico da Fonologia Prosódica (FP) e da Fonologia Lexical (FL), fundamentada nos modelos de Nespor & Vogel (1986) e Kiparsky (1985).

Os prefixos estudados pelo autor foram escolhidos com base em um levantamento realizado nas gramáticas de Celso Cunha (1980), Napoleão Mendes de Almeida (1989) e nas formações apresentadas por Sandmann (1989). Considerando suas características fonológicas e morfológicas, foram divididos em monossilábicos e dissilábicos:

---

<sup>2</sup> Esta subseção toma como referência, principalmente, o artigo do autor de 2001, o qual se intitula *O Prefixo no Português Brasileiro: Análise Prosódica e Lexical*, que resume os pontos principais da tese de doutorado do autor. O texto foi publicado no vol. 17, n. 2, da Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA - SP), disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502001000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200001). Por não termos encontrado páginas numeradas neste endereço, nossas referências ao artigo ao longo desta subseção se fazem apenas com o ano da publicação do mesmo.

### Quadro 1 – Delimitação dos prefixos do PB

DISSILÁBICOS <sup>2</sup>	auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recên-, semi-, ultra-, vice-
MONOSSILÁBICOS	a-, ad-, aN-, beN-, bi-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS <sub>fora</sub> -, eS <sub>ant</sub> -, iN <sub>dentro</sub> -, iN <sub>neg</sub> -, não-, paN-, pós-, pré-, pró-, re-, sub-, trans-, tri-

Quadro 1: Delimitação dos prefixos do PB (SCHWINDT, 2001)

Tendo em vista que a divisão dos prefixos em monossilábicos e dissilábicos, apresentada no quadro acima, não é capaz de refletir a hipótese do autor acerca de seu caráter prosódico, Schwindt (2000, 2001) propõe que eles sejam redistribuídos entre duas categorias: *prefixos composicionais* (PCs) e *prefixos legítimos* (PLs). Os primeiros, argumenta, têm a estrutura prosódica de *vocábulos fonológicos independentes* ( $\omega$ ) e os segundos se estruturam como *sílabas átonas* ( $\sigma$ ) adjuntas ou incorporadas à base a que se ligam. Ao traçar um paralelo com outras categorias morfossintáticas, PCs teriam o mesmo perfil prosódico dos compostos autênticos, enquanto PLs comportariam-se como clíticos. Ademais, suas diferenças estruturais estariam garantidas pelo nível do léxico em que são afixados.

Para sustentar essa hipótese, o *acento* e a oposição *forma livre / forma presa* são usados como argumentos pelo autor, considerando que:

- a) PCs, à semelhança de palavras, podem receber acento e podem se estabelecer como formas livres; e
- b) PLs, à semelhança de clíticos, não podem receber acento e não podem existir como formas livres.

Relativamente ao primeiro argumento, qual seja o da utilização do acento como elemento distintivo entre PCs e PLs, Schwindt (2001) traz à tona a discussão em torno da concepção de palavra fonológica ( $w$ ):

Segundo Nespor & Vogel (1986), a palavra fonológica é um constituinte n-ário, organizado, por força da hierarquia prosódica, em pés métricos. Esses pés, por sua vez, mantêm entre os elementos que os compõem uma relação de proeminência, isto é, uma relação de forte-fraco. Como a  $w$  só pode comportar um elemento proeminente, não possuirá mais do que um acento primário. Disso se depreendem duas exigências combinadas para considerar os prefixos do PB palavras fonológicas: que formem pés isoladamente e que não possuam mais do que um acento primário.

Com isso em vista, o autor organiza um conjunto de dados, os quais segmenta a partir do acento. Sua divisão e seus exemplos são os que seguem:

- 1) dissilábicos acentuados (*auto-didata, contra-evidência, pseudo-hermafrodita*);
- 2) monossilábicos acentuados (*bicampeão, não-hifenizado, pan-islamismo*); e
- 3) monossilábicos inacentuados (*descuidado, inesquecível, renovação*).

Levando em conta que o comportamento dos prefixos relativamente ao acento é diversificado, não podemos tratá-los uniformemente. Assim, argumenta o autor, a divisão entre PCs como prefixos acentuados e PLs como prefixos sem acento é reforçada. Além disso, os PCs, que já possuem um acento primário, não podem se unir a uma base na formação de uma palavra morfológica (w), considerando que formariam um vocábulo com dois acentos primários – sendo esse, pois, o motivo de chamá-los de posicionais.

No que tange ao segundo argumento, relativamente à oposição forma livre e forma presa, podemos dizer que os PCs são isoláveis, ou seja, podem se tornar formas livres em determinados contextos. O autor exemplifica isso através de algumas sentenças, tais como: “Está faltando *infra*” (infra-estrutura); “João reencontrou sua *ex*” (ex-mulher). Já os PLs, diferentemente, não o podem ser: prefixos como re-, in- e des- serão sempre formas presas, haja vista a agramaticalidade dos exemplos propostos pelo autor: “Ele já retornou, mas ela ainda não \*re” ou “Paulo desfez as malas, antes que Maria \*des as dela”. Schwindt afirma que isso pode ser explicado diacronicamente, tendo em vista que os PCs derivaram de formas livres (radicais gregos ou latinos) e os PLs derivaram, principalmente, de preposições latinas.

Com esses dois argumentos em vista, o quadro 1 é redesenhado, considerando que prefixos posicionais admitem todos os prefixos dissilábicos e, também, os monossilábicos acentuados. Já a categoria PL, por outro lado, admite apenas os prefixos monossilábicos inacentuados.

## Quadro 2 – Prefixos posicionais e prefixos legítimos

PREFIXOS COMPOSICIONAIS	
DISSILÁBICOS	auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recéN-, semi-, ultra-, vice-
MONOSSILÁBICOS	beN-, bi-, eS <sub>ant</sub> -, não-, paN-, pós-, pré-, pró-, tri-
PREFIXOS LEGÍTIMOS	
MONOSSILÁBICOS	a-, ad-, aN-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS <sub>fora</sub> -, iN <sub>dentro</sub> -, iN <sub>neg</sub> -, re-, sub-, tranS-

Quadro 2: Prefixos posicionais e prefixos legítimos (SCHWINDT, 2001)

Com a ideia de que PCs são  $\omega$ 's independentes e de que PLs são  $\sigma$ 's átonas à esquerda de uma base, o autor procura, em seu trabalho, evidências adicionais em processos fonológicos do PB que utilizam esses constituintes como domínio de aplicação. Para fins de análise em nosso trabalho, elegemos apenas as considerações do autor acerca da relação existente entre a prefixação e a estrutura silábica, tendo em mente que suas análises envolvem, entre outros, os dois prefixos a serem estudados neste trabalho: des- e in-.

Na seção *Evidência fonológica: a estrutura silábica*, Schwindt (2001) analisa alguns aspectos envolvendo prefixação e estrutura silábica. No que tange à estrutura silábica de PCs, a análise é breve, considerando que, sendo w's independentes, sofrem silabificação lexical e ressilabificação pós-lexical, de acordo com o padrão geral das palavras do PB. No entanto, os PLs fornecem importantes elementos para discutir sua segmentação em classes.

Na análise no processo de epêntese que se dá entre o prefixo e a base, o pesquisador identificou dois tipos de epêntese: uma pós-lexical, que possui caráter variável, e outra lexical, com caráter categórico. A epêntese pós-lexical pode ser exemplificada por *sublocar*, em que o prefixo sub- não forma onset complexo com a sílaba inicial da base, como mostra a forma com asterisco:

[sub]locar ~ [subi]locar ~ \*su[blo]car

(SCHWINDT, 2001)

O autor afirma que isso se dá em função do Princípio de Integridade Prosódica (IP), proposto por Harris (1983), o qual prevê que, uma vez estabelecidos os constituintes com os quais a palavra pronta se apresenta, os mesmos devem ser preservados. Acerca da epêntese

que, nesse caso, tem caráter variável, a alternativa, propõe o pesquisador, é admitir que há um afrouxamento da condição de coda em nível lexical, já que a epêntese pode tomar lugar variavelmente. O mesmo não ocorre com *sublime*, considerando que a sequência *sub* não é prefixo, mas parte integrante da base, o que permite a formação do *onset* complexo *bli*.

Relativamente à epêntese lexical, os exemplos do autor abaixo mostram o prefixo *deS-* seguido por uma base iniciada por *s* + *consoante*:

- 1) a. destruído/destituído    b. desestruturado/desestimulado

(SCHWINDT, 2001)

Pode-se constatar comportamentos distintos: os prefixos de (1a) se anexam diretamente à base, enquanto os de (1b) são intermediados por uma vogal epentética. Schwindt esclarece que adota a hipótese proposta por Harris (1983), amplamente aceita na análise das línguas românicas, de que bases como as de (1) são todas iniciadas por /S/. Por gerar *onsets* malformados na língua, como *st*, esse *S* terá de ser protegido no léxico pela extrametricidade até que esteja em condições de ser silabificado. Essas condições, afirma o autor, podem ser oferecidas pela epêntese, presente em (1b). Contrariamente à epêntese variável, essa epêntese não pode ser considerada pós-lexical, uma vez que se trata de uma formação categórica da língua, não admitindo variações, isto é, ninguém diria *\*destimulado*, por exemplo.

Se a derivação de *destruído* e *desestimulado* for proposta com o mesmo ordenamento de regras, a entrada da vogal epentética criaria um problema para o vocábulo *destruído* e uma solução para *desestimulado*. Schwindt reconhece que isso cria um entrave para a análise em um primeiro momento, tendo em vista a igualdade de condições das duas palavras: ambas tornam-se adjetivas pela sufixação e são claramente prefixadas por *des-*. No entanto, o autor defende que a Fonologia Lexical está aparelhada para lidar com esse impasse, quando propõe um léxico segmentado em níveis:

Precisamos considerar a existência de diferentes tipos de prefixos, aqueles que se integram antes da epêntese e aqueles que se integram depois. Esse argumento, porém, ganha consistência se obtivermos alguma evidência semântica, isto é, se pudermos diferenciar o sentido dos prefixos homófonos. (SCHWINDT, 2001)

Buscando tal evidência, o pesquisador juntou os exemplos de (1) a outros em que o prefixo precede bases não começadas por *S* no quadro abaixo, o qual apresenta uma proposta de segmentação semântica do prefixo *deS-*, com o intuito de explicar seu comportamento fonológico diferenciado. Quanto ao sentido dos prefixos, Schwindt se apoia nas gramáticas normativas, que o definem como denotativo de ausência ou privação (parafraaseável por *sem x*) e também de negação, mesmo que essa distinção, enfatiza, não se faça absolutamente clara.

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLOS	NÍVEL
$deS_{priv-}$	ausência, afastamento, privação	deslocado desmentir destruído destituído	nível 1
$deS_{neg-}$	negação (= não)	desfavorável desestruturado desestimulado	nível 2

Quadro 3: Prefixo des- (SCHWINDT, 2001)

Através do estudo do quadro acima, temos que, na derivação de *destruído*, o prefixo  $deS_{priv-}$  é inserido no nível 1, atacando a base ainda em formação, enquanto *desestimulado* é prefixado por  $deS_{neg-}$  no nível 2, quando a base já sofreu epêntese. Schwindt (2001) aponta que, independente de qualquer distinção semântica, a base *struído* não existe sem prefixo, haja vista o paradigma *instruído, destruído, construído*: não se faz *estruído* de *struído*, mas de *estimulado* se produz *estimulado*. Só isso, defende o autor, já seria suficiente para garantir a hipótese de segmentação de *deS-*.

O pesquisador sugere que fenômeno semelhante ocorre com o prefixo *iN-*: quando esse prefixo se junta a bases do tipo *s + consoante*, comporta-se de forma diversa: se significa movimento para dentro, não aceita epêntese (*iN+spirar, iN+scrito, iN+stituir*); se significa negação, em geral, está sujeito a ela (*iN+e+sperado, iN+e+squecível, iN+e+stimável*). Esse fenômeno seria, segundo o autor, uma evidência de que, assim como  $des_{priv-}$  e  $des_{neg-}$ ,  $in_{dentro-}$  e  $in_{neg-}$  estão em níveis distintos.

Ao propor a divisão dos prefixos do português em compostos e legítimos, Schwindt garante essa distinção lançando mão de argumentos em dois grupos de processos fonológicos: processos do grupo 1, que ocorrem nos limites da palavra fonológica, e processos do grupo 2, que se dão no interior do vocábulo. Os prefixos posicionais, por serem palavras

fonológicas independentes, se sujeitam apenas aos processos do grupo 1, enquanto os prefixos legítimos se sujeitam apenas aos processos de nível 2.

Acerca do status lexical dos prefixos, o autor defende que toda prefixação ocorre no léxico, podendo ser de nível 1 (nível da raiz) ou de nível 2 (nível da palavra). Os prefixos composicionais são prefixados no nível 2, enquanto os legítimos ora são formados no nível 1, ora o são no nível 2. A análise do autor é bastante completa e, por motivos tanto de espaço quanto de escopo temático, nos detivemos nas suas considerações concernentes à estrutura silábica. Com isso em foco, as evidências para a classificação dos prefixos legítimos foram encontradas através da epêntese, e é reforçada, ao final, através da proposição de um comportamento semântico diferenciado de *des-*, que pode ser privativo e negativo, e *in-*, o qual pode significar movimento para dentro ou negação.

Ao pensarmos nas análises de Schwindt (2001) acerca dos prefixos legítimos, relacionando-as ao âmbito deste trabalho, vemos que a diferenciação no que diz respeito a *in<sub>dentr</sub>O-* e *in<sub>neg</sub>-*, que já era de longa data em termos semânticos, tanto na literatura linguística quanto nas gramáticas tradicionais, encontra respaldo também no nível fonológico de análise. No entanto, referentemente à postulação de dois prefixos homófonos *des-*, não há consenso entre os estudiosos no nível semântico, fazendo com que a discussão ainda se apresente bastante atual<sup>3</sup>. Os argumentos acerca da possibilidade de postulação de dois *des-* homófonos no português são muito caros a este trabalho de dissertação: se, no nível de análise fonológico, o autor teve a necessidade de argumentar em prol de dois prefixos *des-*, analisaremos a plausibilidade dessa mesma postulação em termos estritamente semânticos.

Com isso em vista, na seção seguinte, detalharemos mais os argumentos favoráveis e contrários a essa alegação presentes na literatura morfossemântica do português. Retomaremos, após a análise de nossos dados, as considerações feitas por Schwindt (2001) no quadro acima, com o intuito de verificar se o tratamento conferido a *des-* pode ser o mesmo, tanto em termos semânticos quanto em termos fonológicos.

---

<sup>3</sup> Essa questão está mais centrada na diferença entre *des<sub>neg</sub>-* e *des-* relativo à reversão. Muitas gramáticas descrevem a noção de reversão como ‘afastamento’, a qual se encaixaria, no Quadro 3, em *deS<sub>priv</sub>-*.

## 2. REVISITANDO A LITERATURA: DES- E IN-

As Gramáticas Tradicionais (Cunha, 2010; Rocha Lima, 1998) na classificação dos prefixos latinos, descrevem des- e in- com o sentido de “negação” e “privação”, acrescentando, a des-, também os sentidos de “separação”, “ação contrária” e “afastamento”. Azeredo (2008), na Gramática Houaiss, vai ao encontro das descrições acima ao propor o sentido de negação para in- (e seus alofones im- e in-) e o sentido de “negação” e “ação contrária” para des-. Além disso, Azeredo (p. 453) coloca no que chama de *estoque lexical passivo*, limitado praticamente à *competência lexical dos falantes mais escolarizados*, o prefixo dis-/di- (como em *dissociar, dilacerar, discordar*, etc.), o qual também apresentaria o sentido de “negação” e “separação”.

Na literatura linguística do português brasileiro, já temos muitas descrições e discussões acerca dos prefixos de negação in- e des-, principalmente no que tange à semântica deste último em estruturas verbais e adjetivais. Com isso em mente, tencionamos, nesse capítulo, visitar as principais ideias já propostas por estudiosos que se debruçaram sobre o tema, delineando a importância de suas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho de dissertação.

Primeiramente, abordaremos os argumentos de Silva e Miotto (2009), os quais defendem a existência de uma seleção rígida feita pelos prefixos, à semelhança do que acontece com os sufixos; essas considerações serão posteriormente verificadas no momento de análise de nossos dados relativamente aos aspectos categoriais. Após, elucidaremos as contribuições de Alves (2004) e Oliveira (2004) concernentes a in- e, por fim, traremos as considerações de Alves (2004), Oliveira (2004, 2009), Schneider e Bidarra (2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014) relativamente ao prefixo des-.

### 2.1 Prefixos: seleção categorial rígida?

Em artigo de 2009 intitulado *Considerações sobre a Prefixação*, Silva e Miotto defendem a hipótese de que os prefixos, assim como os sufixos, também selecionam rigidamente a base com a qual se combinam. Tendo em vista que os sufixos determinam a classe da palavra que formam, seu estudo nunca negligenciou a classe da palavra que lhe serve como base; conseqüentemente, gerou-se um consenso de que os sufixos selecionam a sua base. No entanto, isso nunca ocorreu em relação aos prefixos: mesmo sendo considerados pela tradição gramatical como formadores de palavras derivadas, na maioria das vezes tem-se

a organização dos mesmos em ordem alfabética dentro de dois grandes grupos – o latino e o grego (SILVA e MIOTO, 2009, p. 1 e 2).

Os autores apontam que, mesmo já havendo alguns trabalhos que fazem referência ao fato de que os prefixos também se juntam a bases de classe determinada, essa ideia nunca é levada às últimas consequências. Mesmo autores que trabalham dentro do quadro da morfologia gerativa, assim como Rocha, apresentam os prefixos como se eles não fizessem exigências muito rígidas em relação à classe dos elementos com os quais se unem. Silva e Miotto (2009) defendem, pois, que os prefixos selecionam a base com a qual irão se combinar, sendo que essa seleção envolve tanto a sua categoria quanto certas características semânticas presentes nela.

Os autores apontam que os estudos tradicionais sobre a prefixação não produziram uma sistematização tão sólida quanto os que se debruçaram sobre a sufixação. Isso decorre, muito possivelmente, das divergências suscitadas por esse processo de formação, a começar pelo debate em que se discute se a prefixação seria mesmo um caso de derivação ou se se encaixaria melhor no processo de composição (como já discutido no primeiro capítulo deste trabalho). Além disso, alguns pesquisadores ainda lançam mão de argumentos baseados na etimologia, um conhecimento que nem sempre está disponível para os falantes da língua. A dificuldade, pois, em definir o que são prefixos contribui muito para essa falta de sistematização no estudo dos mesmos.

Levando em conta que nunca se construiu uma tradição para os prefixos em que se pensasse na ideia de seleção rígida, os autores sugerem que uma palavra prefixada pode ser o resultado de diferentes opções de combinação. O exemplo dado por eles está na palavra *imobilização*, a qual poderia ser formada através de três possibilidades distintas:

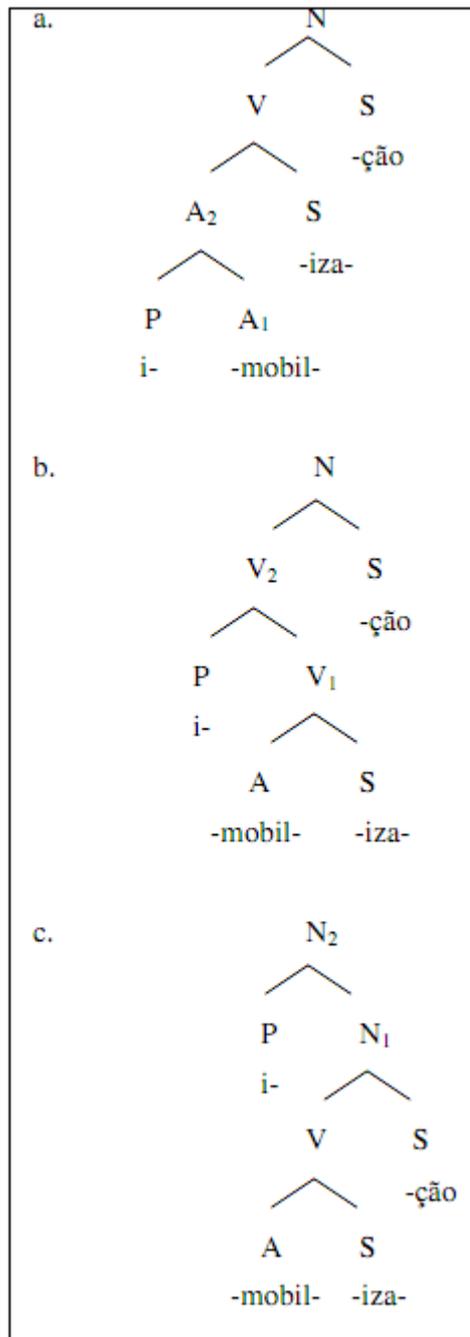


Figura 2: Possibilidades de formação para *imobilização* (SILVA e MIOTO, 2009, p. 13)

De acordo com os autores, em a, temos o prefixo de negação *i-* se ligando a um adjetivo. Em b, o mesmo se liga a um verbo e, em c, o prefixo é ligado a um nome. Os pesquisadores apontam que não temos razões para acreditar que processos verdadeiramente morfológicos sejam tão irrestritos a ponto de permitir três estruturas para a mesma palavra. Essas três estruturas afirmam algo diferente sobre o prefixo negativo *i-*: afirma que é prefixo de adjetivo em a, de verbo em b e de nome em c. No entanto, ao observarmos mais detidamente o comportamento deste prefixo, vemos que ele é bastante produtivo com

adjetivos: *imóvel, infeliz, irreal, impessoal, insensato*. Com isso, os autores lançam a hipótese de que i- seja um prefixo produtivo com adjetivos, sendo que uma forma de traduzir essa ideia é a seleção:

Por exemplo, na sintaxe um predicado seleciona os argumentos com os quais se combina. Se supomos que os prefixos também têm a capacidade de selecionar, não estamos fazendo mais do que estender explicitamente aos prefixos a capacidade, verificada em outros domínios da gramática, de um certo item selecionar os argumentos com os quais se combina (SILVA e MIOTO, 2009, p. 14 e 15).

Os autores apontam que aparentes contra-exemplos para essas afirmações poderiam ser itens lexicais como *infelizmente, impossibilidade, imobilizar e insensatez*. Entretanto, argumentam, vê-se que em todos esses vocábulos é possível identificar um estágio de formação em que existe um adjetivo – *feliz, possível, móvel, sensato* -, e, portanto, é nesse momento que a prefixação ocorreu. Para confirmar essa ideia, Silva e Miotto argumentam que nomes e verbos que não apresentam um estágio adjetival em sua formação não aceitam a prefixação com i-: *\*intossir, \*infazer, \*inesperança, \*irato*. Com isso, ao assumir que os prefixos também selecionam rigidamente suas bases, os autores eliminam o paradoxo de três possibilidades de formação (a, b e c) e ficam apenas com a derivação em a, em que o prefixo i- seleciona um adjetivo.

Uma proposta de seleção rígida se faz também para o prefixo des-. Ao examinar a palavra *desmobilização*, os autores, de início, atribuem três estruturas para essa palavra:

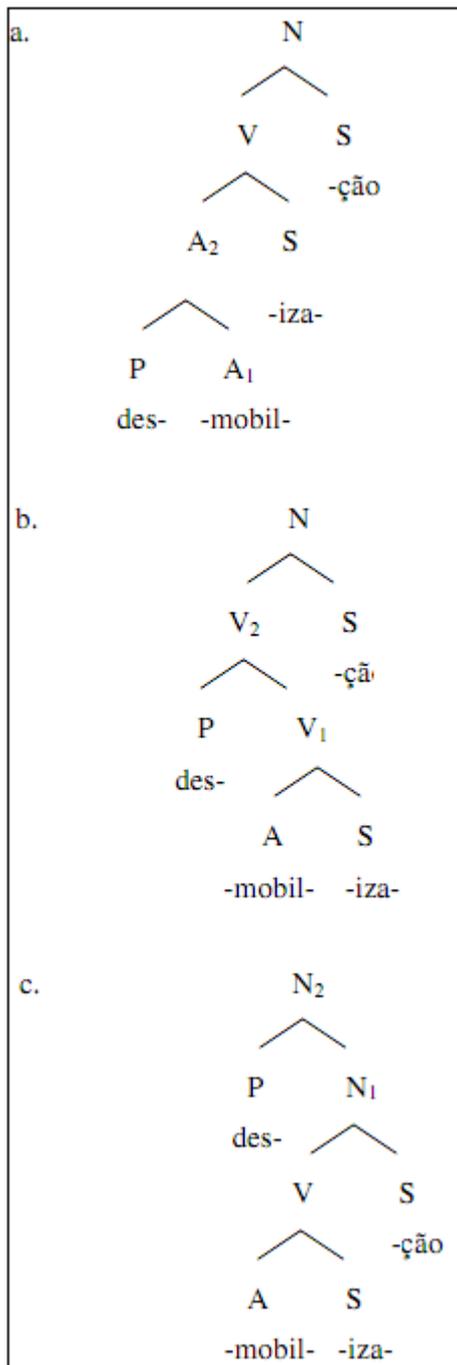


Figura 3: Possibilidades de formação para *desmobilização* (SILVA e MIOTO, 2009, p. 15 e 16)

Segundo Silva e Mioto (2009), novamente para *des-*, a hipótese da seleção rígida não tolera essa variedade de opções para a formação da supracitada palavra. Para descobrir que tipo de base o prefixo *des-* seleciona, os autores apresentam alguns vocábulos: *desfazer*, *desconectar*, *descombinar*, *desinfetar*, *destelhar*, *desconsiderar*, etc. Com esses dados em vista, os pesquisadores apontam, pois, que o prefixo *des-* significa “reversão” e se combina

produtivamente com verbos, sendo a estrutura b, portanto, a correta exemplificação da formação da palavra *desmobilização*. Para manter o pressuposto da seleção rígida e lidar com itens lexicais como *desnecessário*, *desleal*, *desumano*, *deselegante* e *desigual*, etc., Silva e Miotto postulam um prefixo homônimo, que se liga a bases adjetivais. Além de uma base de classe diferente, esse prefixo também, segundo eles, apresenta um significado diverso:

Se se combina com um verbo, seu sentido é de reversão de um processo; se se combina com adjetivo, seu sentido é de um tipo de negação. De fato, *desleal* significa algo como ‘sem lealdade’, mas desfazer não significa ‘sem (não) fazer’. Podemos, portanto, hipotetizar que des- exemplifica um caso de homonímia de prefixos e que, por isso, deve haver (pelo menos) duas entradas para ele no dicionário de morfemas do português. Cada uma das entradas terá suas propriedades de seleção: des-1, que significa reversão, seleciona verbos; des-2, que significa negação, seleciona adjetivos. (SILVA e MIOTTO, 2009, p.17)

Com essa ideia em mente, podemos pensar, por exemplo, no item lexical *descontente*. Nesse caso, segundo os autores, uma análise primeira poderia ser feita no sentido de desligando-se a um adjetivo e atribuindo o valor semântico de negação: *descontente* é não contente. Paralelamente, podemos nos perguntar sobre o verbo derivado *descontentar*: o prefixo des- atuaria nessa lexia como desencadeador de uma reversão, já que *contentar* é um verbo, ou como negação de um estado, considerando sua proveniência de um adjetivo? Parece-nos que a relação estreita entre *descontentar* e *descontente* se perderia de vista através da postulação de duas entradas para des-.

Acerca das propriedades semânticas da base, temos claro que muitos prefixos selecionam rigidamente alguns traços da base com a qual se combinam. Em português, essa ideia encontra respaldo na distribuição do prefixo verbal des-. Os autores o consideram como uma espécie de marcador aspectual que expressa reversão. De imediato, pode-se dizer que ele não pode se combinar com verbos que não marcam processos ou que marcam processos irreversíveis, como *\*desmorrer*, *\*deschegar*, *\*deslavar*, *\*desdesejar*, *\*desnadar*, *\*dessonhar*. Por outro lado, ele se combina perfeitamente com verbos de processo, como *desfazer*, *desmontar*, *desnivelar*, *desligar*, *desconstruir*, *desarrumar*. As impossibilidades de combinação do prefixo des- com determinadas bases decorre da incompatibilidade semântica entre o aspecto da base e do prefixo.

Relativamente às considerações semânticas feitas pelos autores, de que des- veicula o significado reversativo quando adjungido a verbos e o significado negativo quando se liga a adjetivos, não podemos concordar com elas. Como poderíamos analisar o caso dos verbos

*gostar, crer, amar*, os quais licenciam a formação com *des-*, mesmo não denotando processos de mudança e não apresentando, quando prefixados por *des-*, o sentido de “reversão” mas, antes, o de “negação”? A ideia que aqui defendemos é a de que, com verbos de estado e alguns verbos de ação, o prefixo *des-* dispara a mesma semântica que com adjetivos, qual seja a de “negação”. Portanto, as noções de “reversão” e “negação” não podem ser automaticamente ligadas às categorias de verbos e adjetivos, respectivamente, tendo em vista a necessidade primeira de averiguação da semântica da base. Levando em conta esse argumento, a postulação de dois *des-* homófonos perde credibilidade, já que a semântica do prefixo não é necessariamente diferente quando a categoria gramatical é diversa.

No que diz respeito à postulação de uma seleção categorial rígida por parte dos prefixos, verificaremos a plausibilidade dos argumentos dos autores na análise de nossos dados. Desde já, podemos adiantar que a seleção categorial de *des-* com verbos e adjetivos e a de *in-* apenas com adjetivos, como defendida pelos autores, não é categórica. No entanto, as considerações de Silva e Miotto (2009) podem ser pertinentes ao pensarmos no caráter de produtividade desses prefixos com determinadas categorias gramaticais. Veremos como isso se dá na parte de análise de nossos dados.

Passemos agora à revisão de literatura relativa ao prefixo *in-*.

## 2.2 Sobre *in-*

O prefixo *in-*, apesar de ser muito produtivo, não apresenta tantas polêmicas acerca de sua descrição quanto *des-* (veremos quais são elas em detalhe na subseção 2.3). Por ser muito frequente com adjetivos e pouco com verbos, seu sentido geralmente é interpretado como o de uma negação. Revisitamos as importantes considerações de Alves (2004) e Oliveira (2004) acerca desse prefixo.

### 2.2.1 Alves (2004)

No volume II da *Gramática do Português Falado*, organizado por Rodolfo Ilari, Alves aponta que, relativamente à seleção categorial, o prefixo *in-* atua normalmente com bases adjetivas, tais como *incapaz, imortal, impuro*, etc. Segundo a pesquisadora, este prefixo pode ocorrer também com bases substantivas e verbais; no entanto, essas formações constituem

formas derivadas de bases adjetivas: do adjetivo *incapaz*, por exemplo, temos o substantivo *incapacidade* e o verbo *incapacitar*.

Alves, acerca da semântica desse afixo, sugere que o mesmo se antepõe a bases adjetivas de variável valor semântico para negar-lhes o significado: *imortal* = *não mortal*, *incompleta* = *não completa*, *impessoal* = *não pessoal*, etc. Ademais, sugere ainda que in- se une também a bases adjetivas formadas com o sufixo -vel provenientes de verbos transitivos diretos; a essas bases, temos também atribuído o valor semântico ‘não’, adjungido, ainda, de uma função expressiva: *indiscutível* = *não discutível*, *indispensável* = *não dispensável*, *intolerável* = *não tolerável*, etc.

A autora defende que os derivados com in- implicam uma negação antonímica com relação à base, podendo apresentar tanto características graduáveis (*feliz/infeliz*, *grato/ingrato*) quanto não-graduáveis (*completo/incompleto*, *mortal/imortal*). Além disso, antônimos graduáveis, segundo Alves, são regularmente empregados como contraditórios e não como contrários; em “ele é feliz/ele é infeliz”, Alves advoga que os dois enunciados não podem ser verdadeiros como também não podem ser falsos ao mesmo tempo, sendo, portanto, contraditórios.

Nosso ponto de vista acerca desse exemplo vai de encontro aos argumentos de Alves, já que consideramos ‘feliz’ como um adjetivo graduável e seu antônimo tornar-se-ia, conseqüentemente, contrário, tendo em vista que alguém pode não estar nem feliz nem infeliz, mas em um estado de meio-termo. Acreditamos, então, que os adjetivos graduáveis têm como característica gerar antônimos contrários, automaticamente (esse ponto de vista se fará mais claro no capítulo seguinte).

Relativamente ao funcionamento sintático dos itens léxicos prefixados por in-, Alves afirma que a anteposição desse prefixo a uma base participial (gerada de um verbo transitivo direto) é capaz de privar o elemento derivado de características próprias a esses verbos. Um exemplo disso estaria no item lexical *esperado* e no seu derivado *inesperado*: o primeiro admite um argumento antecedido por preposição, como em “gastos esperados pelo governo”; o mesmo não aconteceria com sua contraparte derivada.

### 2.2.2 Oliveira (2004)

Em sua dissertação de mestrado, Oliveira (2004) faz uma análise minuciosa dos prefixos *anti-*, *des-*, *in-*, *re-* e *sobre-*, com o intuito de obter informações que auxiliem no estabelecimento de padrões gerais para a formação de palavras por prefixação. A pesquisadora analisa esses prefixos através das características das bases com que se combinam, a fim de verificar se esses elementos formativos apresentam um comportamento sistemático em seu processo de formação de palavras. Neste momento, revisitaremos as considerações de Oliveira para o prefixo *in-* e deixaremos para uma posterior subseção a abordagem feita pela autora para o prefixo *des-*.

Em seu trabalho, Oliveira trata tanto do prefixo *in-* com sentido de negação, quanto do *in-* com o sentido de movimento para dentro. Nesta dissertação, nos concentraremos apenas nas observações da autora acerca do primeiro *in-*, aquele com sentido negativo.

A autora examina as condições de produtividade do prefixo *in-* através da categorização e subcategorização das bases a que se adjunge. Para tanto, Oliveira lista cinquenta e cinco bases substantivas, cinquenta e cinco bases adjetivas e trinta bases verbais, todas coletadas em jornais, revistas e no Dicionário Aurélio (1999).

No que diz respeito à análise de Oliveira acerca das bases substantivas, a autora (2004, p. 114) observa que o prefixo *in-* se adiciona a substantivos abstratos formados de adjetivos, tais como: *incapacidade*, *infelicidade*, *ilegalidade*, *insensatez*, *independência*, *insolvência*, *inviabilidade* etc., imprimindo às bases o sentido de “privação”, “falta de”. Ademais, a autora aponta (p.115) que, ao consultar o Dicionário Aurélio (1999), encontram-se registradas apenas quatro formações com *in-* adicionado a substantivos primitivos, quais sejam: *inação*, *inatenção*, *indisciplina*, *incoerção*. Com isso, argumenta:

Como construções deste tipo, por serem em número irrisório, não fazem parte do comportamento habitual do prefixo em questão, consideramos que podemos afirmar que a produtividade de *in-* “privação”, “falta de” só se revela quando combinado com substantivos abstratos derivados de adjetivos (OLIVEIRA, 2004, p.115)

A pesquisadora defende, pois, que as construções substantivas às quais *in-* se adiciona têm como base adjetivos primitivos. Primeiramente, o prefixo se adiciona a adjetivos que, em um segundo momento, podem ser derivados novamente com sufixos nominalizadores, tais como *-dade*, *-ez*, *-ência*, *-ista*, etc. O resultado dessa operação, segundo a autora, são substantivos abstratos que mantêm os traços dos adjetivos que lhes serviram de

base. Portanto, as formas substantivas com in- são, majoritariamente, nominalizações de adjetivos que denotam “privação, falta de X”, em que X é o substantivo deadjetival.

A Regra de Formação de Palavra (RFP) de in- com base substantiva está formalizada em (1), a qual expressa o processo de adição do prefixo derivacional a uma base adjetiva e, posteriormente, o acréscimo do sufixo nominalizador:

$$\begin{array}{ccccccc} [X] & \rightarrow & [in- & [X] & ] & + & SD] \\ S & & P & A & A & & S \end{array}$$

(OLIVEIRA, 2004, p. 116)

Sobre o comportamento de *in-* com base adjetiva, ao analisar um corpus composto de cinquenta e cinco adjetivos e derivados, Oliveira (2004, p. 119) aponta que o prefixo *in-* se combina com bases adjetivas qualitativas para negar-lhes o significado, imprimindo o sentido de negação relativamente ao significado das bases, tendo em vista que *incapaz* é “não-capaz”, *inviável* é “não-viável”, etc. Ademais, a autora também registra que *in-* antecede adjetivos deverbais participiais (*inacabado, inarticulado, inaproveitado*, etc.), adjetivos denominais (*informal, imaterial, irracional*, etc.), adjetivos deverbais (*inacessível, inclassificável, incontrolável*, etc.) e primitivos (*infeliz, incapaz, ineficaz*, etc.).

De acordo com Oliveira (2004, p. 119), as bases às quais esse formativo se une podem ter os seguintes aspectos (a sistematização e os exemplos abaixo são da pesquisadora):

- a) estativo: *apto, capaz, crédulo, dócil, eficaz, feliz, legal, desejável, responsável, acessível, habilidoso*;
- b) imperfectivo: *consistente, tolerante, freqüente*;
- c) conclusivo: *acabado, articulado, compreendido, produtivo*.

Ademais, a autora considera que o produto da aplicação da RFP de *in-* a uma base adjetiva primitiva resulta em um adjetivo derivado que denota “que não é X”, em que X representa o adjetivo, como formalizada abaixo:

$$\begin{array}{ccccccc} [X] & \rightarrow & [in- & [X] & ] \\ A & & P & A & A \end{array}$$

(OLIVEIRA, 2004, p. 120)

Passemos agora às análises de Oliveira acerca do comportamento de in- com base verbal. Diferentemente de seu corpus de substantivos e adjetivos, compostos por cinquenta e cinco ocorrências de cada, seu corpus verbal com o prefixo in- é constituído de trinta ocorrências. Analisando as formações verbais com in-, a autora (p. 121 e 122) observa que:

a) Algumas formas verbais com in- (*incapacitar, inutilizar, ilegalizar, imobilizar, etc.*), assim como os substantivos que aceitam este prefixo, têm também uma forma adjetiva correspondente (*incapaz, inútil, ilegal, imóvel*), o que sugere que as formações verbais em questão são obtidas via sufixação a partir de adjetivos já prefixados por in-;

b) In- une-se a poucos verbos primitivos: *dispor, existir, deferir, pronunciar, determinar* e, assim como as formações substantivas derivadas formadas a partir de substantivos primitivos (*inação, inatenção, indisciplina e incoerção*), constituem casos esporádicos na língua. A adição de in- a bases verbais, portanto, não pode ser considerada como um processo produtivo em português;

c) O prefixo in- não se une a bases verbais como \*inatar, \*irremover, \*intransferir, \*insubmergir, \*invioliar etc., mas une-se aos adjetivos deverbais correspondentes sufixados com -vel, como podemos observar em abaixo:

- a. \*inatar – inatável
- b. \*irremover - irremovível
- c. \*intransferir – intransferível
- d. \*insubmergir - insubmergível
- e. \*invioliar – inviolável

(OLIVEIRA, 2004 p. 122)

A agramaticalidade de \*inatar, \*irremover, \*intransferir, \*insubmergir e \*invioliar, conjuntamente com a existência das formas adjetivas correspondentes sufixadas em -vel, sufixo de aspecto imperfectivo, reforçam a ideia de que os prefixos fazem seleção morfológica e semântica das bases a que se unem. Ademais, Longo (1980 *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 123) chama a atenção para o fato de que, quando se une a verbos, o sentido negativo de in- prende-se à base adjetival, ou seja, o escopo da negação recai sobre a forma adjetival básica e não sobre a formação verbal como um todo, tendo em vista que ilegalizar é “tornar ilegal”, informalizar é “tornar informal”, etc. Isso ocorre, defende a autora, com todos os verbos prefixados com in-: tanto os sufixados com -izar quanto outros verbos de base

adjetiva, como *infecundar*, *incapacitar*, *inabilitar*, etc. Com isso em vista, o produto da aplicação da RFP de *in-* a uma base verbal é um verbo derivado que denota “tornar X”, em que X representa o adjetivo que serviu de base à formação verbal.

A formalização da RFP de *in-* a uma base verbal seria a seguinte:

$$\begin{array}{ccccccc} [X] & \rightarrow & [in- & [[X] & SD] & ] & \\ & & V & P & A & V & V \end{array}$$

(OLIVEIRA, 2004, p. 124)

Vejamos agora as restrições morfológicas e sintáticas advogadas por Oliveira (p.124 e 125):

- a) *In-* não se adjunge a substantivos primitivos, abstratos, concretos, coletivos (*cardume*, *folclore*) e compostos (*\*invale-transporte*, *\*inseguro-desemprego*, *\*insocialdemocrata*, *\*irrisco-país*, *\*imilitar-industrial*). Une-se somente a substantivos deadjetivais formados por derivação sufixal em *-dade*, *-ez/-eza*, *-ência*, *-ista*, *-mento* e *-ção*. Tem-se apenas quatro construções que fogem a esta restrição: *inação*, *inatenção*, *indisciplina* e *incoerção*, que, segundo a autora, constituem-se como casos esporádicos na língua.
- b) *In-* não se combina com adjetivos em *-ico* : *\*irrítmico*, *\*inanêmico*, *\*impsicológico*, *\*imparanólico*.
- c) O formativo *in-* não se adjunge a verbos que não sejam deadjetivais: *responsabilizar/irresponsabilizar*; *utilizar/inutilizar*; *viabilizar/inviabilizar* etc. Tem-se no corpus da autora apenas cinco derivações com *in-* a partir de bases verbais primitivas: *indeferir*, *indispor*, *inexistir*, *indeterminar* e *impronunciar*.

No que tange ao bloqueio heterônimo, Oliveira (p. 124 e 125) argumenta que, assim como *des-*, *in-* não se adiciona a adjetivos que já tenham o seu par antônimo no léxico da língua. *\*imbeleza* é bloqueada pelo par antônimo *feiúra*, assim como *\*irriqueza* não se realiza devido à forma antônima *pobreza*, ou *\*inalto/baixo*, *\*irrápido/lento* etc. Ocorre o fenômeno de bloqueio também com as formas *\*inviolento*, *\*insevero* ou *\*inamoroso*. A estas bases adjetivas seria adicionado o operador “*não*”: *não violento*, *não severo*, *não amoroso*.

O estudo de Oliveira é bastante completo e suas análises são confirmadas também através de nossos dados. Passemos agora ao estudo do prefixo *des-*, sobre o qual Oliveira novamente tece apontamentos bastante pertinentes.

## 2.3 Sobre des-

O prefixo des-, diferentemente de in-, apresenta alguns impasses descritivos, principalmente pelo fato de ser muito produtivo também com verbos. Apresentamos nesta subseção alguns estudos que tentam sistematizar e formalizar a semântica atualizada pelo afixo tanto em verbos como em nomes. Alves (2004), Oliveira (2004 e 2009), Schneider e Bidarra (2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014) são os pesquisadores aqui referenciados.

### 2.3.1 Alves, 2004

Alves (2004, p.94), no mesmo capítulo em que trata do prefixo in-, aponta que o prefixo des- se une a bases substantivas, adjetivas e, sobretudo, verbais, negando o significado expresso pela base a que se junta e veiculando o significado acessório de “ausência de” e “falta de” em relação ao significado da palavra-base (conforto/desconforto).

Alves defende ainda que esse significado acessório não resulta de uma negação pura e simples, mas, antes, revela uma certa ‘perda’ relativamente ao valor semântico da palavra-base. No que atine às bases verbais que implicam ação-processo, Alves sugere que o prefixo des- também lhes atribui o efeito de perda referente ao significado que a base apresenta, já que os verbos em questão possuem pelo menos dois argumentos (um agente/causativo e outro afetado/efetuado).

Dado o alto grau de polissemia apresentado por esse prefixo, além da leitura privativa apresentada por Alves, temos também leituras outras, incluindo a reversativa. Mesmo que o propósito do capítulo seja o de elucidar brevemente a atualização desse prefixo no corpus do projeto liderado por Ataliba Castilho, não parece ser uma descrição suficientemente abrangente defender que /des-/ veicula o significado de “falta de” ou “perda” em praticamente todos os itens lexicais, principalmente no que diz respeito às bases verbais de ação-processo, tais como *desfazer*, *desvestir*, *desligar*.

Ademais, a autora assinala que, em português, /des-/ ainda pode veicular o significado de intensidade, como vemos nas palavras *desinfeliz* e *desinquieta*, também registradas em nosso corpus no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002). Casos como esses, em que o sentido atualizado pelo prefixo é o de “intensidade”, não são da alçada deste trabalho,

assim como os casos em que o sentido apresentado por in- é de “movimento para dentro” também não o são<sup>4</sup>.

### 2.3.2 Oliveira (2004, 2009)

Ao tratar do prefixo des-, a autora examina as condições de produtividade do mesmo através da categorização e sub-categorização da base a que se adjunge. Para tanto, em seu trabalho, Oliveira lista cinquenta e cinco bases substantivas, cinquenta e cinco bases adjetivas e setenta bases verbais, todas coletadas em jornais, revistas e no Dicionário Novo Aurélio (1999).

No que diz respeito aos substantivos especificamente, Oliveira (2004, p. 94 e 95) defende que o prefixo des- une-se:

a) a substantivos primitivos abstratos adicionando o sentido de “ausência de” ou “falta de”: *ágio/deságio, amor/desamor, crença/descrença, apreço/desapreço, atenção/desatenção, encanto/desencanto, fortuna/desfortuna, serviço/desserviço, pudor/despudor, afeto/desafeto, temor/destemor, vantagem/desvantagem.*

b) a substantivos deverbais derivados por sufixação em -dade, -mento, -ão, -ção ou -ança: *descomplementaridade, desligamento, desaparecimento, desfavelização, desproporção, desapropriação, desvalorização, dessemelhança, desunião, desaceleração.* A essas construções, o prefixo adiciona o sentido “contrário de”.

c) a substantivos deverbais formados por derivação sufixal zero, adicionando o sentido de “contrário de”: *desacordo, desbloqueio, descompasso, descarga, desgoverno, desacerto.*

Relativamente aos dados presentes em a), poderíamos propor uma reclassificação de alguns substantivos que Oliveira classifica como primitivos mas que, na verdade, parecem ser

---

<sup>4</sup> Está claro que in- com o sentido de “movimento para dentro” e in- com o sentido de “negação” são prefixos homófonos. Também acreditamos que a homofonia presente em des- “intensidade” e des- “negação” seja análoga à existente em in-. O que está em discussão neste trabalho, pois, é a possibilidade de postulação de homofonia entre des- “negação” e des- “reversão”, ou seja, a possibilidade de desmembramento de des- “negação” em dois prefixos diversos. Se essa possibilidade de desmembramento for aceita (como defendem Silva e Miotto(2009)), o português apresentaria três prefixos des- homófonos: um para intensidade, outro para negação e ainda outro para reversão.

deverbais: *crença/descrença* poderia constar no grupo b), haja vista sua formação *crer* → *crença* através do sufixo *-nça*<sup>5</sup>. Os itens lexicais *encanto/descanto* e *apreço/desapreço* poderiam ser classificados no grupo c), considerando-os substantivos deverbais formados por derivação regressiva, à semelhança de *desacordo*, *descompasso*, *desbloqueio*, etc. Oliveira (2004) argumenta ainda que o prefixo *des-* acrescenta o sentido de “contrário de” às nominalizações de verbos, sendo esse o mesmo sentido adicionado também às bases verbais que dão origem a essas formações nominais. Sistematizando as considerações feitas, a autora aponta que a Regra de Formação de Palavra (RFP) de *des-* a uma base substantiva tem como produtos:

- a) um substantivo derivado que significa “ausência ou falta de X”, em que X é o substantivo primitivo;
- b) um substantivo derivado com o sentido de “que é o contrário de X”, em que X é o substantivo deverbal.

No que tange ao comportamento de *des-* com base adjetiva, o corpus da pesquisadora se compõe, novamente, de cinquenta e cinco adjetivos e derivados. Levando em consideração seus dados, Oliveira (2004, p. 98) argumenta que o prefixo *des-* une-se:

a) a bases adjetivas primitivas, em que nega a qualidade da base, ou seja, adiciona o sentido de “negação”: *afável/desafável*, *amável / desamável*, *leal / desleal*, *favorável/desfavorável*, *contente/descontente*, *elegante/deselegante*, *agradável/ desagradável*, *humano/desumano*, *importante / desimportante*, *cortês/descortês*.

b) a bases adjetivas nominais participiais em *-ado*<sup>6</sup> e deverbais em *-nte*, nas quais adiciona o sentido “contrário de”: *desamassado*, *desacostumado*, *descansado*, *descasado*, *desempregado*, *desfeito*, *desenterrado*, *desanimado*, *desconfiado*, *desconhecido*, *desimpedido*, *desmilitarizado*, *despreocupado*; *descoagulante*, *desestimulante*, *desinquietante*, *desestatizante*.

c) a bases adjetivas deverbais denominais (oriundas de substantivos abstratos), adicionando o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desajeitado*, *desencaminhado*.

---

<sup>5</sup> Acreditamos que o sufixo em questão deva ser *-nça* e não *-ança*, considerando que o *a* presente na segunda forma é decorrente do pertencimento do verbo de que o nome é derivado à primeira conjugação.

<sup>6</sup> De forma análoga à nossa observação na nota 1, acreditamos que o sufixo seja apenas *-do*, haja vista que derivações providas de verbos da 2ª ou 3ª conjugações geram formas com *-ido*: *desconhecido*, *partido*, etc.

d) a bases adjetivas denominais (oriundas de substantivos abstratos), nas quais acrescenta o sentido de “negação” ou “contrário de”: *desatencioso, desamoroso, desvantajoso*.

Ademais, a pesquisadora defende que a grande maioria dos adjetivos prefixados com des- são itens deverbais formados com a adição dos sufixos nominalizadores –ado<sup>7</sup> ou –nte às bases verbais que lhes deram origem. Com isso em vista, des- une-se a esses itens porque são sufixados com formativos que se unem a verbos. Novamente, assim como nas formações com substantivos, nessas também des- acrescenta o mesmo sentido que adicionaria às bases verbais, qual seja o de “contrário de”. Oliveira ainda ressalta que em *desinfeliz e desinquietante*, des- assume função reforçativa, pois a negação nesses casos já estaria marcada pelo prefixo in-. Mesmo que des- e in- não sejam comutáveis entre si, a autora reconhece que eles podem vir um à frente do outro em casos esporádicos como esses.

Com essas questões em vista, a aplicação da RFP de des- a uma base adjetiva pode ter como produto (OLIVEIRA, 2004, p. 99):

- a) um adjetivo derivado com o sentido de “que não é X”, em que X representa um adjetivo primitivo;
- b) um adjetivo derivado com o sentido de “que é o contrário de X”, em que X é um adjetivo verbal sufixado em –ado ou –nte;
- c) um adjetivo derivado com o sentido de “que não é X” ou “que é o contrário de X”, em que X é o adjetivo verbal denominal ou um adjetivo denominal.

Sobre o comportamento de des- com base verbal, diferentemente de seu corpus de substantivos e adjetivos, compostos por cinquenta e cinco ocorrências de cada, seu corpus verbal é ampliado, sendo constituído de setenta ocorrências. Através de seus dados, Oliveira (2004, p. 102 e 103) aponta que des- é altamente produtivo quando se adiciona a bases verbais que permitam que o estado ou a ação seja desfeito, como em desenterrar, desacelerar, desfazer, descarregar, desorganizar, desacatar, descasar, descansar, etc., adicionando a essas bases o sentido de “ação contrária”. O produto da aplicação de RFP com des- a uma base verbal, segundo a autora, é um verbo derivado com o sentido de “ação/situação contrária de X” em que X é a base verbal.

As restrições relativas às condições de produção impostas por esse prefixo, segundo a

<sup>7</sup> Idem à nota 6 da p. 45.

pesquisadora, são morfológicas e semânticas. Relativamente às restrições morfossemânticas e morfológicas, Oliveira (p.103 e 104) aponta que:

- a) *Des-* não se adiciona a substantivos concretos: \**descapoeira*, \**desluz*, \**desalimento*, \**desamigo*, \**desvôo*, \**deslavagem*, \**desparagem*, \**desmiragem*; a substantivos coletivos: \**desconstelação*, \**descardume*, \**despovo*; a compostos: \**desamor-perfeito*, \**despassatempo*, \**desfolha-de-santana*, \**dessocial-democrata*, \**desindustrial-militar*.
- b) *Des-* não se combina com adjetivos primitivos terminados em *-esco* ou *-al*: \**despitoresco*, \**desdantesco*, \**desgigantesco*; \**desconjugal*, \**desracional*.
- c) *Des-* não se une a substantivos de adjetivais: \**desbeleza*, \**desbondade*, \**desdelicadeza*, \**dessensatez*, \**descapacidade*, \**dessensibilidade*, \**desriqueza*.
- d) A adjetivos de verbais derivados em *-vel*, *des-* não se adiciona: \**desjustificável*, \**descompreensível*, \**despalpável* etc.

No que atine às restrições semânticas, Oliveira (p.104) defende que:

- a) *Des-* não se adjunge a verbos estativos: \**desdever*, \**desestar*, \**desficar*, \**desparecer*, \**despoder* etc. Outros exemplos da autora: \**desser*, \**dessaber*, \**desmorar*, \**destornar-se* etc.
- b) O prefixo *des-* não se combina com verbos perfectivos télicos: \**desacabar*, \**desmorrer*, \**desnascer*, \**desabrir*, tendo em vista que essas bases verbais trazem no seu conteúdo semântico a noção de acontecimento pontual e permanente, isto é, a ação que expressam denota um processo concluso em seus efeitos, sendo incompatível com a ideia de reversão acrescentada pelo prefixo às formações verbais. Outros exemplos de bases verbais com as quais *des-* não se combinaria: \**desdeitar*, \**desdesmaiar*, \**desiniciar*, \**deslevantar*, \**desmatar*, \**dessuicidar-se*, etc.
- c) *Des-* não se combina com verbos atélicos como \**deschover*, \**descomer*, \**desler*, \**desmastigar*, \**dessorrir* etc., pois estas bases verbais indicam situações que não tendem a um fim necessário, o que justifica a não-aceitação da ideia de “ação contrária” emprestada pelo prefixo quando em formações verbais. Outros exemplos de verbos atélicos aos quais o formativo em questão não se combinaria: \**desberrar*, \**deschorar*, \**desgritar*, \**desnadar*, \**desolhar*, \**desnevar*, \**destrovejar* etc.

d) O prefixo *des-* também não se adjunge a verbos incoativos, pois indicam início de um estado: *\*desadoecer*, *\*desengordar*, *\*desendurecer* etc.

Além disso, a autora chama atenção para o chamado bloqueio heterônimo:

O formativo *des-* não se combina com adjetivos que já tenham seus pares antônimos consagrados no léxico: *bonito/feio* (*\*desbonito*), *fácil/difícil* (*\*desfácil*), *gordo/magro* (*\*desgordo*), *quente/frio* (*\*desquente*), *vazio/cheio* (*\*desvazio*). Esses pares antônimos bloqueiam então possíveis formações novas com o mesmo sentido (OLIVEIRA, 2004, p. 105).

Uma consideração pertinente acerca disso é relativa à palavra *desamor* que, aparentemente, constituiria uma exceção ao fenômeno de bloqueio, tendo em vista o par antônimo consagrado no léxico amor/ódio. Entretanto, a autora afirma que a convivência da palavra *desamor* ao lado da palavra *ódio* é possível porque elas têm sentidos diferentes: enquanto *desamor* significa “falta de amor, desapego, desdém”, *ódio* significa “rancor, raiva, ira, aversão, repugnância, antipatia, desprezo”.

As afirmações da autora no que diz respeito às condições de produtividade e às restrições parecem ser bastante completas à primeira vista; no entanto, através da análise de nossos dados, podemos levantar algumas questões acerca, principalmente, da sua descrição de *des-* com bases verbais: ao considerar apenas o sentido reversativo veiculado pelo prefixo e ao negar sua adjunção a verbos estativos, como explicar ocorrências como *desamar* e *descrever*?

Em sua tese de doutorado, a autora (2009, p. 129 e 130) faz algumas afirmações mais contundentes acerca do prefixo *des-*, estudando-o à luz do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Com isso, Oliveira defende que esse prefixo é fundamentalmente verbal e muito produtivo quando adicionado a verbos cujos traços semânticos permitem que a ação ou estado seja desfeito, como em *desenterrar*, *desacelerar*, *desfazer*, *descarregar*, *desorganizar*, *desacatar*, *descasar*, etc. Aos verbos, então, *des-* adiciona o sentido de “oposição/contrário de”. Ademais, a autora defende que esse prefixo se une mais comumente a verbos que tenham dois argumentos e mais raramente a verbos que contenham apenas um (qual seja o externo), como *acampar*, *andar* e *aparecer*. Oliveira faz uma análise da semântica das raízes das formas verbais a que *des-* se acrescenta, incluindo, agora, também as estativas:

a) verbos que denotam estados, ou estados psicológicos ou mentais, resultando em derivações como *desencantar*, *desgostar*, *desinteressar*, *desencorajar*, etc.

b) verbos que denotam (modos de) atividade, produzindo *descolar*, *desenterrar*, *desembarcar*, *desabastecer*, etc.

c) verbos que denotam processos, tais como *desgastar*, *desvalorizar*, *desestatizar*, *descentralizar*, *desacostumar*, etc.,

d) verbos que denotam eventos de criação, destruição e de tema incremental, produzindo *desamarrotar*, *desossar*, *desabotoar*, etc.

Ao dividir esses verbos em quatro classes, a pesquisadora os analisa relativamente às configurações morfossintáticas e às representações estrutural e sintática das estruturas de evento de cada verbo, com base na Morfologia Distribuída. Como não é de nosso interesse entrar nos detalhes dessa teoria, nos detivemos a apontar as descrições de Oliveira acerca das restrições semânticas e categoriais relativas ao prefixo em questão, as quais são minuciosas e, de fato, valiosas para a reflexão das análises feitas posteriormente por outros pesquisadores do assunto e, também, para a reflexão sobre nossos dados.

Oliveira ainda argumenta que as formações derivadas verbais normalmente denotam eventualidades de mudança de estado, já que o escopo de des- recai sobre o DP argumento interno do verbo. Nas eventualidades denotadas pelas derivações, há geralmente, segundo a autora, o pressuposto de que uma ação foi praticada ou uma situação foi estabelecida anteriormente para então ser levada a efeito uma ação/situação contrária, que é denotada pelo morfema des-.

No que tange aos nomes, Oliveira (2009, p. 129 e 131) afirma que des- se une a um número bastante reduzido de substantivos primitivos abstratos, tendo como resultado um substantivo derivado que significa “ausência ou falta de X”, em que X é o substantivo abstrato. Ademais, as raízes das formas nominais a que des- se une são raízes que expressam nomeação/designação, produzindo formações como *desamor*, *desânimo*, *desatenção*, etc. Des-une-se também a nomes deverbais sufixados em -dade, -ção, -ança, -ez, morfema zero e -mento (*descomplementaridade*, *desaceleração*, *dessemelhança*, *despolidez*, *desajuste*, *desligamento*, etc.), acrescentando-lhes o sentido de “oposição/contrário de”. Os nomes internos às derivações seriam raízes que expressam nomeação e/ou designação.

Relativamente aos adjetivos (OLIVEIRA, 2009, p. 129-130), des-, assim como com os substantivos, une-se também a um pequeno número de adjetivos primitivos, os quais denotam estados ou propriedades, resultando nas derivações *desleal*, *descontente*, *desonroso*, *desordeiro*, *desfavorável*, etc. A essas derivações, defende a pesquisadora, des- acrescenta o sentido de “negação” ou “contrário de”, resultando em adjetivos derivados que têm o sentido

de “que não é X”, em que X é o adjetivo. Des- une-se ainda a adjetivos deverbais sufixados em -(a)do, -nte ou -vel (*desajeitado, desconfiado, desestimulante, desagradável* etc.) adicionando-lhes o sentido de [“oposição/contrário de”] e tem como resultado um adjetivo derivado com a ideia de [“que é o contrário de X”], em que X é o adjetivo deverbal. As raízes das formas adjetivais a que des- se une são raízes que denotam estados ou propriedades e as formações derivadas podem denotar eventualidades atributivas ou predicativas, ou ainda eventualidades de mudança de estado.

Ao final de sua exposição, Oliveira (2009, p.131), na sistematização de seus dados, defende:

Em suma, des- tem os traços semânticos subespecificados: aos verbos, adiciona o sentido de [“oposição/contrário de”]; aos nomes, [“ausência, falta de”] e aos adjetivos, o sentido de [“negação/ contrário de”].

Comparativamente às suas análises de 2004, a pesquisadora apresenta uma sistematização mais contundente de seus dados. No entanto, a divisão no que tange ao grupo verbal entre verbos de estado, de atividade, de processo e de criação não nos parece pertinente para captar a semântica do afixo em questão. Acreditamos que uma divisão semântica dos verbos mais simples, apenas diferenciando verbos que denotam um processo de mudança com trajetória dos que não denotam, já seja capaz de adequadamente descrever o sentido veiculado pelo prefixo – essa ideia será corroborada mais adiante através da análise de nossos dados. Além disso, as noções semânticas de “oposição”, “contrário de”, “ausência”, “falta de” e “negação” nos parecem pouco distintivas ao tratarmos de nomes, adjetivos e verbos. Novamente, nossa análise demonstra que é mais conveniente trabalhar com noções-chave e, a partir delas, fazer alguns desmembramentos de significado que captam pequenas nuances de sentido, como as demonstradas pela autora.

### 2.3.3 *Schneider e Bidarra (2009)*

Ao falarmos em semântica de afixos, abordagens diversas são passíveis de serem encontradas na literatura. São diferentes as formas de olhar para o significado, o que provoca discussões muitas vezes profícuas acerca da melhor forma de caracterizá-lo. Nesta seção, revisaremos as ideias presentes no artigo *O comportamento semântico do prefixo des-: questões de polissemia e produtividade lexical*, de Schneider e Bidarra (2009, p. 72).

Os autores desenvolvem uma discussão acerca da semântica dos itens lexicais prefixados por des-, apresentando alguns resultados obtidos com o desenvolvimento de pesquisa com base no comportamento semântico desse prefixo em específico. Através da análise de um corpus de língua escrita, os autores realizaram um levantamento dos valores semânticos atribuídos ao prefixo des-, a fim de propor uma nova sistematização de possibilidades semânticas para o morfema em questão. Consideraram também, nesse estudo, uma discussão sobre os significados da base, o significado que o prefixo des- empresta à base com a qual se coliga e o ambiente de ocorrência da palavra prefixada. Os autores defendem que, no que tange ao des-, a polissemia se mostra bastante acentuada, o que lhes permite a postulação de diversos teores semânticos para o prefixo, quais sejam:

<b>Teores semânticos</b>	<b>Palavras analisadas em contexto</b>
Negatividade	desinformação, desonesto, desconhecem, despersonalização
Positividade	desobrigado, descansem
Ação contrária	desembolsar, desmontada, desminta
Aumento	desgastados, desdobrado
Separação	descolamento, desatrelada
Transformação	desfigurado, degelo
Falta de harmonia	desequilíbrio, desproporção, descontrole

Quadro 4 – Teores Semânticos do Prefixo des- (SCHNEIDER e BIDARRA, 2009, p. 74)

Cada um dos chamados teores semânticos são explicados e exemplificados pelos autores. A começar pela negatividade, Schneider e Bidarra (2009, p. 74 e 75) argumentam que o teor negativo do prefixo des-, de todas as acepções verificadas, é o mais dominante:

Na maioria das vezes em que o prefixo aparece, a função é trazer para o plano da palavra derivada algo que deixa de estar presente no significado da palavra-base. Essa negação se dá tanto em contextos em que a base da palavra é representada por um elemento nominal (substantivo ou adjetivo) quanto naqueles em que é representada por um elemento verbal. São muitos os recortes em que esse sentido se revela.

Entre os exemplos utilizados pelos autores, temos o substantivo *desinformação*, o qual indicaria um estado de quem tem pouca ou nenhuma informação sobre algum assunto; ou, ainda, segundo os autores, uma informação propositadamente errônea: *Isso certamente se revela um dano ou prejuízo e, por isso, o des- imprime um sentido negativo, de perda, à palavra à qual se coliga* (2009, p. 75).

O outro teor semântico elencado pelos autores é o da positividade. Para tanto, Schneider e Bidarra (p. 76) argumentam:

Um dos princípios da Lógica é o fato de que, ao se negar algo com semântica negativa, no caso específico a partir do morfema *des-*, por natureza, o resultado passa a ser positivo, ou seja, a negação simplesmente troca o valor de verdade da base da palavra a partir do morfema negativo. Se o teor semântico da base da palavra é negativo, de imediato, com a incorporação do *des-*, assume um sentido positivo, de ganho. Portanto, podemos dizer que o processo de junção do prefixo *des-* não imprime a ele unicamente um caráter de negatividade, já que tem a função, por excelência, de negar algo; mas, pelo processo de derivação prefixal, ou seja, *des-* + base negativa, tem-se um resultado positivo.

Para respaldar suas considerações, os autores lançam mão de exemplos como *desobrigado* e *descansar*. Ademais, ainda ressaltam que o contexto de ocorrência desses itens lexicais pode desempenhar um teor semântico tanto positivo quanto negativo, dependendo do ponto de vista dos envolvidos na situação:

Sugerimos o exemplo “quis descansar no momento do árduo trabalho...”. Embora descansar seja fundamental para a saúde do ser humano, há momentos considerados apropriados para esse ato. No fragmento citado, provavelmente a hora escolhida para o descanso não foi apropriada e, portanto, em uma das possíveis análises, podemos sugerir que descansar, nesse contexto, implica em prejuízo (SCHNEIDER e BIDARRA, 2009, p.77).

Os pesquisadores afirmam que, ao ressaltar diversas situações, podem constatar diferentes vertentes de significado para o mesmo item lexical e, ainda assim, não anular o teor positivo dos derivados pelo prefixo *des-*, reforçando seu caráter polissêmico e de produtividade lexical. Vemos inúmeros problemas nesse tratamento lexical, a começar pela noção pouco clara do que seria esse ‘teor positivo’. Ademais, exemplificações que lançam mão do contexto extralinguístico para definição do que seria positivo ou negativo se torna bastante problemático em uma teoria semântica.

Acerca do teor semântico “ação contrária”, os autores a definem como *uma ação transeunte, diferente, oposta ou imanente em relação ao sentido expresso pela base da palavra* (p. 78). Como exemplos, temos *desembolsar*, *desmontar* e *desmentir*, sendo que o primeiro demonstra que haveria uma mudança contrária em uma ação praticada anteriormente e os dois últimos sugerem uma ação que envolveria determinado grau de precisão ou de qualificação.

No que tange ao aumento ou intensidade, os autores utilizam o item léxico *desdobrar* para demonstrar que o prefixo *des-* impregna um teor reforçativo à base da palavra, como em:

*Mais tarde, foi substituído pelo espanhol zaguero, depois adaptado para o português zagueiro, desdobrado em quarto-zagueiro e zagueiro-central.* (Observatório da Imprensa, 22/01/2008 – retirado de SCHNEIDER e BIDARRA, 2009, p. 79)

Nesse excerto, os autores defendem que o termo *desdobrar* indica um reforço dado à base da palavra, tendo em vista que não apenas duplicou a função da posição do zagueiro, mas também reforçou, aumentou e intensificou sua atividade dentro de campo. Mais uma vez, os autores apontam que convém chamar a atenção para o fato de o contexto de ocorrência ser fundamental para que se estabeleça os teores semânticos do prefixo em questão, pois, ao pensar no enunciado *Tereza desdobrou a toalha*, ter-se-ia outro sentido para o mesmo item lexical, qual seja o de “ação contrária”.

Sobre “separação”, os autores, ao analisar os diferentes valores semânticos das ocorrências, estabelecem duas variantes para o significado de separação: o primeiro fixa-se à ideia de uma separação de teor físico (concreto), como em *descolar*, e o segundo a um direcionamento de separação de foro mais abstrato, como em *desatrelar* (desatrelar a mídia dos interesses educacionais, por exemplo).

Em “transformação”, temos que o item lexical apresenta ideia de transformação ou alteração na estrutura em relação à base da palavra (p. 81). Como exemplos de itens lexicais com esse teor semântico, temos *desfigurado* e *degelado*: no primeiro, algo se deforma, se altera; já no segundo, algo é transformado quimicamente.

O último teor semântico elencado pelos autores é “falta de harmonia”. Nesse quesito, estão classificados os vocábulos *desequilíbrio*, *desproporção* e *descontrole*. Segundo os autores, em todos os exemplos é possível perceber o caráter de falta de harmonia; com isso em vista, argumentam:

Embora seja uma categoria negativa, ela enfatiza, além da negatividade, outro viés semântico a que podemos nos remeter (sic). Desse modo, ressalta-se a importância do surgimento dos significados assumidos pela junção do prefixo, pois o vocábulo assume um teor semântico movido pela junção do elemento prefixal adicionado à base. (...) o prefixo des-, juntamente com a base da palavra, consegue gerar determinados significados de uma forma bastante produtiva, já que, muitas vezes, são pequenas as fronteiras de delimitação entre uma categoria semântica e outra. É a partir desses detalhes sutis que propomos essa acepção. Alguns estudiosos poderiam dizer que essa categoria se aplica à primeira acepção apresentada (negatividade), mas nós preferimos atribuir e mencionar outra acepção semântica, pois é nítido um teor semântico mais particularizado do que somente o teor negativo (SCHNEIDER e BIDARRA, 2009, p. 82 e 83).

Como fechamento, os autores argumentam que a intenção da pesquisa foi a de explorar a produtividade lexical em processos de formação de palavras, partindo de um viés semântico e tendo como foco o fenômeno da polissemia (p. 83). Ao observar que a função primordial do prefixo des- consiste em provocar uma alteração semântica à base da palavra,

Schneider e Bidarra consideram que este prefixo é altamente produtivo ao se levar em conta os processos polissêmicos que o envolvem, tendo em vista a consideração de diversos teores semânticos relacionados ao morfema pesquisado.

Como já mencionado relativamente ao teor de positividade postulado pelos autores, acreditamos que a proposição de sete diferentes nuances semânticas para des- é, além de pouco intuitivo, desnecessariamente custoso para uma teoria do significado. Afora a noção de intensidade que parece ser, de fato, relativa a um des- à parte, os outros teores poderiam ser agrupados em apenas um ou, há quem defenda, ao menos em dois grupos. Os argumentos favoráveis à postulação da existência de dois des- homófonos, um para negação e outro para reversão, como vimos na seção 2.1 (SILVA e MIOTO, 2009), encontram contra-argumentos na literatura linguística. Começaremos a ver em detalhe quais são eles na próxima subseção.

#### 2.3.4 Medeiros (2010)

Ao investigar a natureza do prefixo des- usando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), Medeiros (2010) defende que o prefixo des- não faz seleção categorial (contrariamente a SILVA & MIOTO, 2009), mas sim uma seleção de natureza semântica, modificando somente verbos cujos significados envolvam um elemento com interpretação estativa. Os verbos que aceitam a prefixação des-, segundo o autor, pressupõem um estado, o qual é normalmente consequente ou alvo do processo que tal verbo denota: *Refiro-me ao estado que seu complemento, quando o verbo é transitivo, atinge sempre que o referido processo culmina* (p. 97). Nesse contexto, o prefixo em questão nega ou inverte tal estado, não o processo associado. Diferentemente de Oliveira (2009), Medeiros defende que verbos com des- não pressupõem os eventos que os correspondentes verbos sem o prefixo denotam.

Se, por exemplo, o prefixo /des-/ em desenterrar pressupusesse o evento enterrar, frases como ‘o João desenterrou as raízes daquela árvore’ não deveriam ser aceitáveis em contextos em que as raízes jamais foram enterradas. Isso vale para inúmeros outros casos (...). (MEDEIROS, 2010, p.98)

Então, a pressuposição, defende o autor, não é do evento correspondente ao verbo, mas sim de um estado alvo associado ao verbo de base. Além disso, Medeiros aponta como reforço à ideia de que o prefixo /des-/ não inverte ou nega um processo qualquer o fato de que

os típicos verbos que denotam atividade normalmente não o aceitam, mesmo quando há um ponto final para a atividade: \**descorrer*, \**destrabalhar*, \**desdançar*, \**despular*, \**desgritar*, \**desfalar*. O argumento principal é que esses verbos não implicam uma mudança de estado de seu participante (agente), por isso não servem de base para uma derivação que envolva tal prefixo.

Ao assumir a ideia de que o prefixo analisado neste artigo nega um estado (interno ao verbo), Medeiros propõe que o prefixo só poderá se combinar com (e modificar) um nó cujo tipo semântico for um estado, independentemente de sua classe morfológica ou categoria gramatical:

$$[[\text{NEG}]] = \lambda f_{\langle s, t \rangle} . \lambda s. [\neg f(s)]^{10}$$

(MEDEIROS, 2010, p. 110)

Com essa representação, o autor estabelece um único sentido para o prefixo *des-*, o qual opera transcategorialmente, atualizando a ideia de negação ou inversão de um estado. Abaixo, temos exemplificado (de acordo com o modelo da Morfologia Distribuída, de Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997) onde o prefixo é anexado na estrutura: *des-* não pode tomar o vP inteiro, tendo em vista que o mesmo inclui um evento – categoria semântica incompatível com a denotação de NEG proposta. O prefixo combina-se, então, com a raiz ( $\sqrt{\text{P}}$ ):

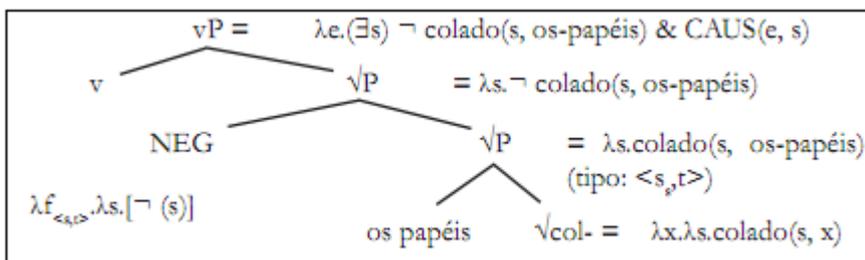


Figura 4: Anexação do prefixo *des-* a verbos (MEDEIROS, 2010, p. 110)

Outra questão que o autor aborda é se essa análise também é passível de se estender a itens como *desossar*, *descascar*, *desmembrar*, *desmatar*, entre outros, tendo em vista que eles não são derivações de verbos como *ossar*, *cascar*, *membrar*, *matar*, mas verbos derivados de substantivos por parassíntese. Nos exemplos, os substantivos denotam tipos de entidades do mundo (*osso*, *casca*, *membro*, *mato*); não haveria, portanto, na base, um verbo ao qual se associe um estado alvo ou consequente. Medeiros propõe, seguindo as ideias de Bassani, Medeiros e Scher (2009), que existe um elemento relacionador/predicador capaz de criar um estado de posse inalienável entre a entidade associada à raiz e a entidade denotada pelo

complemento do verbo. Esse estado é invertido ou negado pelo prefixo des-, defende Medeiros. Com isso em vista, quando desossamos um frango, há uma inversão ou negação do estado inicial de posse dos ossos pelo frango (“frango com ossos”).

No artigo, o autor defende que uma abordagem baseada numa seleção por tipos semânticos pode ser mais interessante do que uma abordagem baseada na seleção categorial, e que uma abordagem sintática, em que o prefixo des- modifica uma predicação interna ao verbo de base, nos levaria a generalizações importantes sobre os dados. Medeiros acredita que o prefixo des- tenha sim propriedades de seleção rígidas, mas essa seleção não deve ser categorial.

No que tange aos adjetivos, Medeiros aponta que, por eles definirem funções que associam uma entidade a uma função que associa um estado a um valor de verdade, entende-se por que aceitam a prefixação des-. A definição apresentada para o nó NEG pelo autor dá conta, facilmente, do fato de o prefixo des- também coocorrer com essa classe de palavras.

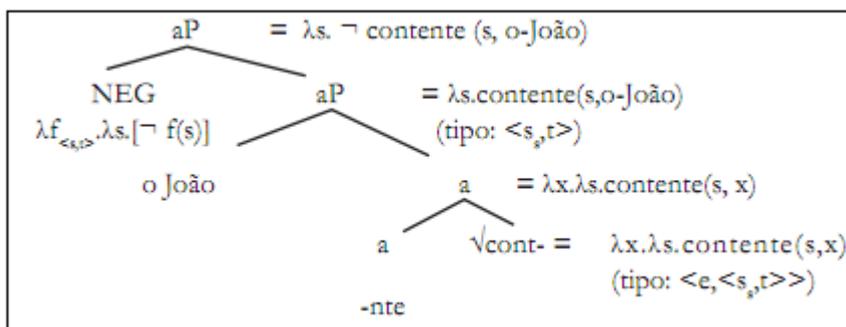


Figura 5: Anexação do prefixo des- a adjetivos (MEDEIROS, 2010, p. 115)

O núcleo NEG faz parte da fase aP, sendo, portanto, parte do contexto que define o significado idiossincrático da raiz, aponta o pesquisador. Assim, reforça, é possível existirem itens como *desumano*, o qual não define o conjunto de entidades não humanas, mas um conjunto de valores e condutas em sociedade, tendo em vista que na Morfologia Distribuída a relação entre significante e significado não é biunívoca: um significante pode ter vários significados associados, relacionados a contextos sintáticos específicos (p. 116).

Além dos adjetivos, alguns nomes de estado, mais especificamente os de estados psicológicos (afeto, amor, ânimo, temor, etc.), também aceitam a prefixação, pois, de acordo com Medeiros, seu tipo semântico é compatível com o tipo selecionado pelo nó NEG:

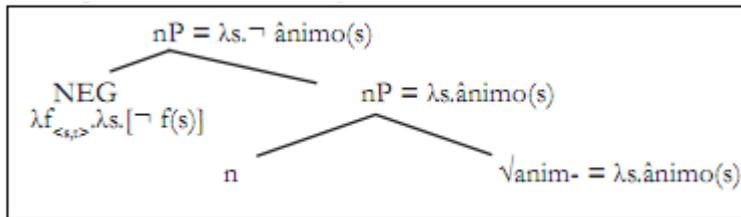


Figura 6: Anexação do prefixo des- a nomes (MEDEIROS, 2010, p. 116)

Se a definição semântica do nó NEG envolve uma função de estado, como propõe o pesquisador, esperamos não encontrar o prefixo des- anexado a nomes de eventos, como *dança, trabalho, pulo*, nem anexado a nomes de entidades no mundo, como *cachorro, gato, pedra*. Isso se deve ao fato de nomes como esses denotarem funções incompatíveis com as propriedades de seleção semântica associadas ao prefixo.

Adjetivos e nomes com o prefixo /des-/, diferentemente do que ocorre com os verbos, não pressupõem o estado denotado pela raiz, por isso alguém pode estar descontente com alguma coisa sem ter estado contente com ela antes. Isso, segundo Medeiros (2010), reforça a ideia de que a pressuposição do estado é uma particularidade semântica dos verbos assim prefixados e não algo universalmente associado ao prefixo. Como não há processo associado aos adjetivos e aos nomes, não há um estado inicial a ser desfeito e, conseqüentemente, não há pressuposição de existência de um estado qualquer.

Como conclusão, diferentemente de Silva e Miotto (2009), o autor aponta que o prefixo /des-/ seleciona estados e não se prende a categorias morfossintáticas, podendo ocorrer em verbos, nomes e adjetivos. Ao conhecer as denotações semânticas destas classes de palavras e as estruturas de evento associadas aos verbos, compreendemos a distribuição do prefixo /des-/, chegando à sua denotação: *uma denotação única, que evita a multiplicação de entradas lexicais para o prefixo* (p. 118).

De fato, a proposta de Medeiros trata melhor do problema da proliferação de homônimos no léxico (des-1 e des-2) presentes em Silva e Miotto (2009), que são analisados pelos autores como se não tivessem a menor relação entre si. No entanto, sua descrição semântica do prefixo como “negação ou inversão de um estado que pode decorrer de um processo” é contestada por Ribeiro (2014), como veremos na próxima subseção.

### 2.3.5 Ribeiro (2014)

Em sua tese de doutorado, Ribeiro (2014) desenvolve uma proposta para tratar da semântica do prefixo des- sob a luz da Semântica Conceitual, teoria proposta e formalmente

desenvolvida por Ray Jackendoff em *Semantics and Cognition* (1983) e em *Semantic Structures* (1990). Com o intuito de recuperar o poder explicativo da hipótese locacional de Jackendoff, Ribeiro apresenta uma proposta para o tratamento de eventos com base na extensão metafórica do predicado primitivo GO. O autor defende que sua análise, baseada nas funções primitivas GO e FROM, é superior às propostas de Silva e Miotto (2009) e Medeiros (2010) no que diz respeito aos aspectos semânticos, possibilitando uma análise locacional da semântica do prefixo des-.

A proposta defendida por Ribeiro segue a linha da de Silva & Miotto (2009), com a ideia de que os verbos com o prefixo des- denotam a reversão de um processo de mudança, e não a negação de um estado resultante, como defende Medeiros (2010). O pesquisador defende, assim como Medeiros (2010), a ideia de que verbos com o prefixo des- de fato não pressupõem o evento correspondente ao verbo sem o prefixo, mas, diferentemente, assume que esses verbos denotam o processo de mudança inverso ao que a sua contraparte sem o prefixo denota (RIBEIRO, p. 133):

Mais especificamente, acredito que a contribuição semântica do prefixo *des-* para a estrutura léxico-conceitual de um evento seja a inversão da direção da trajetória de mudança, ou seja, a substituição do predicado locacional TO pelo predicado FROM.

Para mostrar a pertinência de sua proposta frente às outras, Ribeiro (2014, p. 133) analisa o caso dos verbos *descongelar* e *desorganizar*. De acordo com sua teoria, a mudança de estado envolvida em verbos como *congelar* e *organizar* deve ser representada por meio dos predicados GO e TO, e eventos denotados por estes verbos teriam representações como em (1b) e (3b), respectivamente. O prefixo des-, então, modificaria essas representações revertendo a direção da mudança de estado com a introdução do predicado FROM, como vemos em (2b) e (4b) abaixo.

(1) a . O lago congelou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing LAGO<sub>i</sub>], [Path TO<sub>Circ</sub> [State BE<sub>Ident</sub> ([Thing X<sub>i</sub>], [Place AT<sub>Ident</sub> ([Property CONGELADO ])]))]]]

(2) a . O lago descongelou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing LAGO<sub>i</sub>], [Path FROM<sub>Circ</sub> [State BE<sub>Ident</sub> ([Thing X<sub>i</sub>], [Place AT<sub>Ident</sub> ([Property CONGELADO ])]))]]]

(3) a. O time se organizou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing TIME<sub>i</sub>], [Path TO<sub>Circ</sub> [State BEIdent ([Thing X<sub>i</sub>],  
[Place ATIdent ([Property ORGANIZADO ])]))]]]

(4) a. O time se desorganizou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing TIME<sub>i</sub>], [Path FROM<sub>Circ</sub> [State BEIdent ([Thing X<sub>i</sub>],  
[Place ATIdent ([Property ORGANIZADO ])]))]]]

(RIBEIRO, 2014, p. 133)

Ademais, o autor ainda argumenta que a estrutura léxico-conceitual de eventos denotados por verbos como *descascar* e *desossar* também pode ser representada de forma adequada por predicados locacionais, já que esses verbos não denotam uma mudança de estado simples, mas antes a retirada de uma parte do todo representado pela entidade denotada pelo objeto direto. Esta semântica, segundo o autor, pode ser obtida também por meio dos predicados GO e FROM, o que possibilitaria uma análise mais uniforme da formação de verbos com o prefixo *des-*. Também são exemplos de Ribeiro (2014, p. 134) os abaixo listados:

(5) a. Ana descascou a maçã.

b. [Event CAUSE ([Event ACT ([Thing ANA])), [Event GO ([Thing CASCA],  
[Path FROM([Place MAÇÃ])]])]]]

(6) a. Pedro desossou o frango.

b. [Event CAUSE ([Event ACT ([Thing PEDRO])), [Event GO ([Thing OSSO],  
[Path FROM([Place FRANGO])]])]]]

(RIBEIRO, 2014, p. 134)

De acordo com as representações do autor, um verbo como *descascar* lexicalizaria o evento descrito pela perífrase “tirar a casca de”, o que serve como evidência, defende Ribeiro, em favor das representações em (5b) e (6b). Além disso, essa análise também ofereceria uma explicação natural para a impossibilidade de formação de verbos como *\*desdançar*, *\*despular* ou *\*descorrer*, tendo em vista que verbos de atividade não implicam nenhum tipo de

deslocamento ao longo de uma trajetória, sendo esta espacial ou metafórica, já que não são verbos de mudança. Considerando que o prefixo *des-* modifica uma trajetória por meio da introdução do predicado FROM, *a estrutura léxico-conceitual de eventos como correr ou pular não é compatível com a semântica do prefixo e, portanto, não serve como base para a derivação* (RIBEIRO, 2014, p.134).

Ribeiro (2014), ao seguir a linha de argumentação de Silva e Miotto (2009) e não a de Medeiros (2010), defende que sua proposta consegue determinar com maior precisão a relação entre a forma prefixada e a forma não prefixada do verbo, além de oferecer uma explicação natural para a operação morfológica envolvida nestes casos. No entanto, o autor deixa para pesquisas futuras a investigação sobre a possível extensão de sua proposta para a prefixação com bases adjetivais (p. ex., *desleal*, *desonesto*), com o intuito de eliminar a necessidade do postulado de um caso de homonímia para o prefixo *des-*, o qual parece ser, de fato, o ponto nevrálgico da análise apresentada por Silva e Miotto (2009).

## 2.4 Recapitulação

Em linhas gerais, das análises aqui estudadas, todas apresentam uma clara contribuição para o desenvolvimento desta dissertação – seja por nos apontar caminhos a seguir, seja por nos levar a uma direção que, acreditamos, não seja a mais correta. Alves (2004) e Schneider e Bidarra (2009) não serão referendados na análise de nossos dados; Alves (2004) por considerarmos que não apresenta uma análise muito substancial dos prefixos de negação aqui estudados, e Schneider e Bidarra (2009) por apresentarem uma proliferação desnecessária de teores semânticos para *des-*. O trabalho de Silva e Miotto (2009) será tomado como base para a análise categorial de nossos dados e, com isso, também verificaremos se suas considerações acerca da semântica dos prefixos em questão são oportunas.

Oliveira (2004 e 2009) apresenta a sistematização mais minuciosa acerca de *des-* e *in-* presente neste trabalho (e, é possível, presente no PB), tanto em termos semânticos quanto em termos categoriais. Em geral, as descrições da autora são corroboradas através da análise de nossos dados, mas acreditamos que podemos dar um caráter um pouco mais abrangente a essas descrições, eliminando sua divisão entre verbos de estado, de atividade, de processo e de criação, ao propor uma divisão entre verbos que implicam trajetória e verbos que não a implicam, apenas. Também pensamos que é possível eliminar uma proliferação de noções semânticas bastante sinônimas, tais como “oposição”, “contrário de”, “ausência”, “falta de” e “negação” (também presentes em Alves (2004)), ao postular determinadas noções-chave, a

partir das quais se façam os desdobramentos necessários relativos a itens lexicais em específico.

Acerca do estudo de Medeiros (2010), consideramos suas análises muito qualificadas e concordamos com a pertinência de seus argumentos em prol da unicidade de des-. No entanto, para isso, o autor lança mão de um suposto estado final atingido pelo verbo, o que, como aponta Ribeiro (2014), parece não ser pertinente, pois a noção de “inversão” presente nos verbos que implicam processos de mudança não apresenta como consequência, necessariamente, um estado final, ou seja, essa inversão nem sempre é completa (pode-se dizer que determinado líquido “descongelou um pouco” e, em sendo assim, ele não está “não-congelado”). Na seção de análise de dados, faremos um paralelo entre a teoria apresentada por Ribeiro (2014) e a nossa, mostrando as correlações passíveis de serem feitas entre as duas análises. Ao apresentar uma proposta para o tratamento de eventos com base na extensão metafórica do predicado primitivo GO, Ribeiro advoga pela possibilidade de uma análise locacional da semântica do prefixo des-. Vemos claras ligações entre a análise baseada em Jackendoff e uma análise baseada no modelo de Lieber – iniciaremos a expor essas ligações no próximo capítulo.

### 3. O ESTUDO DE LIEBER (2004)

Neste capítulo, apresentamos em detalhe o arcabouço teórico advogado por Lieber (2004), com foco especial no traço proposto pela pesquisadora para tratar dos afixos de negação. Para tanto, primeiramente revisitamos seus principais motivos e questionamentos para a construção de um aparato teórico capaz de lidar especificamente com a semântica de afixos. Após, delineamos os traços semânticos por ela propostos para podermos abordar, posteriormente, de forma mais refinada o traço [Loc] e a sua relação com os prefixos de negação. Abordamos também as exemplificações de Lieber com o traço [-Loc] em dados de língua inglesa e, após, correlacionamos os resultados com dados do português. Ao final do capítulo, com a análise de dados da pesquisadora ainda em vista, sistematizamos seus argumentos.

#### 3.1 Da construção de um aparato teórico para lidar com a semântica dos afixos

Na parte introdutória de sua obra, Rochelle Lieber (2004) aponta que seu livro trata da semântica da formação de palavras. Mais especificamente, trata do significado dos morfemas e de como eles se combinam para formar o significado de palavras complexas, incluindo palavras derivadas, compostos e palavras formadas por conversão. A autora aponta que, até então, não existia nenhum estudo tão abrangente na tradição da morfologia gerativa que tratasse da semântica da formação de palavras quanto o estudo que ela se propôs a encetar. Uma das razões para isso, segundo a autora, seria, provavelmente, o início tardio da morfologia na história da gramática gerativa, tendo em vista que sua consideração como legítimo campo de estudo se deu apenas na metade dos anos 1970 e, ainda assim, seus estudos se concentraram mais nas questões estruturais e fonológicas, em detrimento das questões de ordem semântica. No entanto, uma razão ainda mais importante, argumenta a pesquisadora, seria a de que, até então, uma forma sistemática de tratar a semântica lexical da formação de palavras (opostamente à semântica das palavras) ainda nos falta. Questões acerca do significado dos processos de formação de palavras continuam a surgir esporadicamente, quais sejam (LIEBER, 2004, p. 2):

- A questão da polissemia: por que o afixo –or, por exemplo, às vezes cria nomes agentivos (*escritor*), às vezes nomes de instrumento (*abridor*) e às vezes nomes pacientes (*receptor*)? Esses afixos têm uma unidade semântica? Se sim, qual seria?

- A questão da multiplicidade de afixos: por que temos geralmente uma variada gama de afixos que exercem a mesma função e criam o mesmo tipo de palavra derivada (por exemplo, -or e -nte para nomes agentivos)?
- A questão da incompatibilidade semântica: por que a correspondência entre forma e significado na formação de palavras nem sempre é de um para um? Por um lado, por que parece haver às vezes morfemas que não significam nada (por exemplo, -in- em *longitudinal*)? Por outro lado, por que às vezes encontramos redundância derivacional, ou seja, casos em que o mesmo significado parece ser expresso mais do que uma vez em uma palavra (por exemplo, *desinfeliz*)? Finalmente, por que o sentido de um morfema às vezes parece estar subtraído do significado da palavra como um todo?

Essas questões estão relacionadas, pois são todas parte de uma questão maior, qual seja a de como caracterizamos o significado de palavras complexas. O objetivo da obra de Lieber é, então, desenvolver e justificar um quadro teórico em que essas questões possam ser bem-sucedidamente levantadas, discutidas e, também, respondidas.

Lieber aponta que questionamentos como os expostos acima têm suas origens ainda nos debates dos estruturalistas americanos no que tange à arquitetura da teoria de formação de palavras, os quais defendiam, no Modelo de *Item e Arranjo*, que a palavra é construída através da adição de morfemas, sendo que cada morfema seria capaz de contribuir com um significado distinto na palavra complexa; a relação entre forma e significado seria, então, de um para um. Mais tardiamente, os teóricos do clássico *Item e Processo* passam a olhar para a formação de palavras como uma operação de processos e regras com base em morfemas ou palavras, sendo que as regras são capazes de mudar a forma da base, além de apresentar efeitos morfossemânticos e sintáticos, através de uma estrutura profunda e outra superficial; nessa teoria, novamente, o efeito entre a semântica e a morfosintaxe ainda é tipicamente de um para um. Em contraste com essas duas teorias, temos a teoria de *Palavra e Paradigma*, em que o mapeamento entre as propriedades semânticas e morfosintáticas nas palavras é de muitos para um (Lieber, 2004). Essas três correntes teóricas têm marcadamente seus representantes dentro da tradição gerativa; Lieber aponta que seus trabalhos (1980 e 1992a) foram caracterizados como pertencentes à teoria de *Item e Arranjo*, assim como os trabalhos de Selkirk (1982), Williams (1981) e outros.

Mais recentemente, a questão da correspondência entre forma e significado na formação de palavras levou à criação da chamada Hipótese Separacionista (BEARD, 1995). Beard, Corbin (1987) e Szymanek (1988) argumentam que já que a correspondência entre forma e significado em morfologia é raramente de um para um, os efeitos semânticos da formação de palavras deveriam ser estritamente separados dos seus efeitos formais. Nessa teoria, a formação de palavras consiste em processos semântico ou morfossintáticos (formação de nomes agentivos, por exemplo) que são rigidamente separados da adição de marcadores morfológicos formais (/or/ ou /nte/). Não há nenhuma expectativa, pois, nessa teoria de que a correspondência entre significado e forma seja de um para um (LIEBER, 2004).

A pesquisadora defende em sua obra a premente necessidade de descrever e comparar os efeitos semânticos dos processos de formação de palavras em detalhe e profundidade para poder resolver a questão do tratamento dos morfemas: estes devem ser tratados como signos saussureanos, em um pareamento entre som e significado? Como falamos de significados que podem estar em correspondência com unidades estruturais? Lieber argumenta que essas perguntas não podem ser respondidas através da análise da arquitetura da teoria morfológica, pelo menos não até se encontrar uma forma de descrever os efeitos semânticos dos processos de formação de palavras em algum detalhe e profundidade. Para a autora, não seremos capazes de falar sobre a correspondência de forma e significado até que possamos dizer de forma efetiva o que palavras complexas de fato significam – qual o significado ou significados que o prefixo des-, por exemplo, apresenta (um ou muitos significados? E, se muitos, são eles relacionados?) e se esse significado é o mesmo que o presente em in-, e assim por diante.

A autora aponta que não temos ainda o aparato teórico necessário para encetar tais discussões. Para falar da semântica da formação de palavras, precisamos de uma estrutura descritiva da semântica lexical que apresente muitas propriedades distintivas. Primeiro, segundo Lieber, precisa ser decomposicional: deve envolver um número relativamente pequeno de primitivos ou átomos semânticos, e estes devem ter uma delimitação fina capaz de nos permitir falar dos significados de palavras complexas. Além disso, essa estrutura descritiva deve permitir que nos concentremos nas propriedades semânticas *lexicais* ao invés das propriedades semânticas que se manifestam apenas em níveis mais altos da estrutura sintática (assim como *phrases*, sentenças, proposições, etc.). Também deve ser completamente transcategorial, permitindo-nos discutir em igual profundidade as

características semânticas de nomes, verbos, adjetivos, etc. Finalmente, tendo em mente que a formação de palavras frequentemente cria novos lexemas, essa teoria deve permitir que falemos dos significados de palavras complexas da mesma forma que costumamos falar do significado de lexemas primitivos.

Lieber elenca alguns sistemas de descrição semântica presentes na literatura linguística, tais como os de Jackendoff (1990), Pustejovsky (1995) e Wierzbicka (1996), os quais têm características importantes, mas que não conseguem reunir todas as distinções necessárias para responder às questões morfossemânticas propostas: por não ser transcategorial (Jackendoff), por não ter uma fina delimitação (Wierzbicka) e por não ter um número fixo de primitivos semânticos (Pustejovsky). Além disso, os propósitos analíticos desses três sistemas descritivos não tencionam fazer referência ao significado especificamente no âmbito da formação de palavras. Diferentemente, um quarto sistema, qual seja o de Szymanek (1988), foi elaborado com esse propósito em específico, mas o problema com esse sistema reside nos próprios primitivos, que são apenas rótulos provisórios; Szymanek, ao contrário de Jackendoff e Wierzbicka, não se preocupou em estabelecer a natureza e a necessidade dos primitivos. Lieber advoga que respostas para questões básicas começam a surgir apenas quando tentamos estabelecer a natureza precisa dos primitivos descritivos em um sistema de representação semântica do léxico.

Lieber aponta, então, que seu trabalho é uma extensão do que teóricos como Jackendoff, Wierzbicka, Pustejovsky e Szymanek desenvolveram. Ao distinguir seu trabalho do deles e enfatizar o tipo de descrição semântica necessária para um bom entendimento da formação de palavras, a pesquisadora argumenta:

First, I believe that noninflectional word formation – derivation, compounding, and conversion – serves to create lexemes and to extend the simplex lexicon; for that reason, I believe that the meanings it expresses ought to reflect the semantic distinctions that are salient in the simplex lexicon. That is, to the extent that we find semantic classes that are significant in distinguishing the behavior of underived lexemes, we might expect derivation, compounding, and conversion to extend those classes. And to the extent that we find polysemy in complex words, it ought to be like the polysemy we see in simplex lexical items (Lieber, 2004, p. 9)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Primeiro, acredito que a formação de palavras não-flexional – derivação, composição e conversão – existe para criar lexemas e estender o léxico primitivo. Por essa razão, acredito que os significados expressos devem refletir as distinções semânticas que são salientes no léxico primitivo. Isto é, assim como encontramos classes semânticas que são significativas ao distinguir o comportamento de lexemas não-derivados, podemos esperar que a derivação, a composição e a conversão estendam essas classes. E considerando que encontramos polissemia em palavras complexas, essa polissemia deve ser como aquela encontrada em itens lexicais primitivos. (tradução nossa)

Além disso, Lieber (p. 9 e 10) concebe as representações semânticas dos itens lexicais como sendo compostas de duas partes: o esqueleto gramático-semântico e o corpo pragmático-semântico. O primeiro pode ser comparado, em alguns pontos, com as Estruturas Léxico-Conceituais de Jackendoff, principalmente por ser parte decomposicional da representação e, também, organizada hierarquicamente. O esqueleto procura isolar todos e somente aqueles aspectos do significado que têm consequências para a sintaxe. Essa parte da representação é relativamente rígida e formal e será responsável pelo estabelecimento dos primitivos, através dos quais será possível desenvolver um sistema de características amplamente transcategorial para a decomposição de significados em morfemas. A segunda parte, qual seja o corpo, é a parte enciclopédica, holística e não-decomposicional, não composta por primitivos e talvez apenas parcialmente formalizável. Compreenderá aquela parte do conhecimento perceptual e cultural que forma a massa da representação lexical, fazendo referência a muitos aspectos de significado que Pustejovsky (1995) enquadra na sua chamada *Qualis Structure*, que apresenta informações tais como: função, propósito, origem, dimensão, cor, forma, orientação, composição material, etc.

A teoria de Lieber é conscientemente baseada na metáfora anatômica. O esqueleto forma a base do que sabemos sobre morfemas e palavras. É o que nos permite estender o léxico através de vários processos de formação de palavras. O corpo agrega mais informações e detalhes a essa base; pode agregar mais ou menos dependendo do item lexical em questão e dependendo, também, da representação lexical desse item no léxico mental de cada pessoa em particular. Os corpos podem mudar com o tempo de vida de um item lexical – ganhar ou perder peso, por assim dizer. Os esqueletos, por outro lado, são menos suscetíveis a tais mudanças.

Lieber afirma que a semântica da formação de palavras envolve a criação de uma única unidade referencial composta por dois esqueletos semânticos distintos que são postos numa relação de justaposição ou de subordinação relativamente ao outro. A afixação derivacional mais especificamente envolve, então, a adição de um esqueleto semântico subordinado ao esqueleto semântico de uma base; em outras palavras, a representação semântica de um afixo derivacional terá um pouco do esqueleto semântico que subordina uma base lexical. As palavras derivadas, com o tempo, desenvolvem corpos substanciais e distintos em função de sua lexicalização. A lexicalização atua individualmente, item por item, permitindo a existência de uma variada gama de significados em itens lexicais muitas vezes originados pelo mesmo processo.

Essa variação semântica entre itens formados pelo mesmo processo não advém somente do processo de lexicalização. Na verdade, uma analogia da afirmação de que a semântica da derivação deveria refletir a semântica de itens lexicais primitivos é que os tipos de polissemia que encontramos em palavras primitivas também devem ser encontrados em palavras derivadas (LIEBER, 2004). Os principais tipos de polissemia encontrados no léxico comum também são passíveis de serem encontrados nos afixos derivacionais. Essa polissemia surge da composição dos esqueletos e dos efeitos de subdeterminação dos significados neles presentes. É nesse quesito que a escolha de primitivos no sistema é justificada: apenas um sistema de traços como os propostos pela pesquisadora pode dar origem ao nível exato de subdeterminação de significado para dar conta da polissemia afixal.

Na próxima seção, faremos uma breve explanação de cada um dos traços semânticos propostos pela pesquisadora e daremos especial foco e detalhamento ao traço [Location], o qual será de nosso interesse para a descrição dos prefixos de negação mais adiante.

### 3.2 Os traços semânticos propostos por Lieber

Ao longo de sua obra, Lieber propõe seis traços semânticos, quais sejam, em inglês: [Material], [Dynamic], [IEPS], [Location], [B] e [CI]. Esses traços, binários em valor (isto é, positivo ou negativo), permitem distinguir as principais categorias ontológicas dos lexemas, assim como conceitos básicos de tempo, espaço e quantidade. Dependendo do item lexical, os traços acima podem estar presentes ou ausentes no esqueleto semântico, tendo em vista a relevância de seu conteúdo para a caracterização do item lexical em questão<sup>9</sup>.

O traço [+/- **material**] define a categoria conceitual de substâncias, coisas ou essências e é correspondente nocional da categoria sintática Nome. O valor positivo denota a presença de materialidade, caracterizando nomes concretos. Analogamente, o valor negativo denota ausência de materialidade, definindo nomes abstratos.

[+/- **dynamic**] assinala um significado situacional ou eventivo e, por si só, indica a categoria conceitual de Situações. O valor positivo corresponde a um evento ou processo, e o negativo, a um estado.

---

<sup>9</sup> A pesquisadora (p. 178 e 179) aponta que o sistema está apenas no seu começo: certamente precisará ser refinado e estendido para além desses seis traços com o objetivo de fornecer uma descrição adequada da formação de palavras translinguisticamente. No entanto, mesmo de forma fragmentada, esse sistema, segundo a autora, já nos possibilita estruturar algumas respostas provisórias para as questões por ela propostas inicialmente.

No que diz respeito ao traço [+/- **IEPS**], sigla para *Inferable Eventual Position or State* (Posição ou Estado Final<sup>10</sup> Inferível), ele permite capturar algumas das principais classes aspectuais dos verbos. Se esse traço for positivo em determinado item lexical, teremos uma sequência tal de lugares/estados em que haja, em algum ponto entre o lugar/estado inicial e final, alguma progressão em direção ao estado/lugar final. Se esse traço for negativo, não podemos fazer nenhuma inferência sobre a progressão de lugares/estados. A adição desse traço na caracterização dos itens lexicais sinaliza a adição do componente de significado *trajetória*.

Relativamente à semântica de quantidade, Lieber propõe dois traços, quais sejam [+/- **B**] e [+/- **CI**]. O primeiro significa *bounded* (em português, *restrito*) e assinala a relevância de fronteiras espaciais ou temporais intrínsecas em uma situação ou substância/coisa/essência. Se esse traço estiver ausente, o item pode ser ontologicamente limitado ou não, mas suas fronteiras devem ser conceitualmente e/ou linguisticamente irrelevantes. Se o item lexical tiver o traço [B] marcado positivamente, este é limitado espacial ou temporalmente; e se for [-B], não apresenta limites intrínsecos de tempo ou espaço.

Já [CI] significa Composto de Indivíduos (*Composed of Individuals*, no original) e assinala a relevância de unidades temporais ou espaciais implicadas no significado de um item lexical. Se um item for [+CI], ele é concebido como sendo composto de unidades internas similares passíveis de separação; diferentemente, se for [-CI], denota um item que é homogêneo temporal ou espacialmente ou, ainda, internamente indiferenciado.

O traço semântico de que trataremos em detalhe neste trabalho será [**Loc**], ou seja, localização (ou *location*, no original). Esse traço é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no tempo/espaço são relevantes. Conseqüentemente, em itens que não apresentarem esse traço, a noção de posição ou espaço é irrelevante. Itens lexicais que apresentarem o traço [+Loc] pertencem a alguma posição ou espaço; já os itens que apresentarem o traço negativo serão aqueles para os quais a falta explícita de posição ou lugar é assegurada. Com efeito, Lieber assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

Para melhor entendermos esse traço semântico que será de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, passemos à seção seguinte.

---

<sup>10</sup> Nesse contexto, não há unanimidade na tradução de *eventual*, o qual pode ser tomado por ‘final’ em português, ou, no caso mais particular da literatura linguística, ‘relativo a evento, eventual’. De qualquer forma, a noção semântica de trajetória, crucial para o entendimento do traço, é mantida em ambos os casos.

### 3.3 O traço [Loc]

Com o objetivo de ampliar seu sistema de representação da semântica lexical, Lieber aborda em detalhe o traço [Loc] e mostra como ele pode ser utilizado na análise de muitos afixos, incluindo prefixos negativos e preposicionais. Com essa abordagem, além de aprofundar o conhecimento acerca do esqueleto e do corpo semântico de seu sistema, a pesquisadora explora em maior detalhe duas das questões tão caras a ela expostas na introdução de sua obra, quais sejam: por que múltiplos afixos frequentemente ocupam o mesmo espaço semântico, e por que, ao mesmo tempo, esses afixos apresentam polissemia.

Os traços semânticos [material] e [dynamic] definem as principais classes ontológicas de conceitos e itens lexicais, e talvez até as classes lexicais mais básicas: estados, eventos, substâncias/coisas/essências simples abstratas ou concretas e substâncias/coisas/essências situacionais abstratas ou concretas. Para a descrição completa da semântica lexical de uma língua, certamente esses conceitos serão necessários, apesar de ainda ser uma questão aberta quantos e de quais tipos exatamente. Além desses traços, os campos semânticos de tempo e espaço também são bastante básicos na linguagem e na existência humana, desempenhando um importante papel nos significados presentes nos itens lexicais.

De acordo com Lieber, muitas teorias de semântica lexical reconhecem a existência de um primitivo semântico que denota localização no espaço ou no tempo (por exemplo, Jackendoff, 1983, 1990 e Wierzbicka, 1996). Além disso, algumas teorias, como a de Jackendoff, ainda distinguem localização fixa de localização com trajetória. Em seu sistema, Lieber mantém essa distinção ao fazer uso de dois traços semânticos, quais sejam [Loc] para localização fixa e [IEPS] para localização com trajetória (abordamos brevemente esse último traço na seção anterior).

O traço [Loc], assim como todos os traços do sistema proposto por Lieber, deve ter uma utilidade ampla e variada entre as categorias lexicais, tanto no léxico comum quanto na morfologia derivacional. Delinearemos, rapidamente, como o traço [Loc] pode ser atribuído a itens lexicais primitivos, considerando seu papel tanto em verbos quanto em preposições. Após, analisaremos em detalhe o papel central desse traço na descrição semântica de alguns afixos, principalmente os privativos e negativos, que são o foco de análise deste trabalho. Lieber argumenta que a polissemia e a sobreposição de funções desses afixos se devem à parcimônia do esqueleto semântico; com isso em vista, os afixos de negação constituem um bom exemplo de polissemia de construção.

A presença do traço [Loc] no esqueleto semântico assegura a relevância de posição no espaço de um determinado item lexical. Se esse traço estiver ausente, posição ou espaço não é relevante para o significado do item lexical. Em esse traço estando presente, ele pode ser positivo ou negativo: o valor positivo assegura a posição ou o lugar, e o valor negativo nega a posição no espaço ou no tempo, assinalando a noção de falta ou privação. Mesmo que, inicialmente, a ideia de [-Loc] para privação pareça um pouco obscura, veremos antes como esse traço é aplicado na caracterização de determinados verbos e preposições, o que nos levará, mais adiante, à importante discussão da noção de privação e sua relação com a negação nos afixos derivacionais.

Em termos de itens lexicais primitivos, começamos com o exemplo da presença do traço [Loc] em verbos estativos. Levin (1993) os caracteriza como ‘verbos de existência’, os quais também podem ser chamados de verbos de localização. Verbos dessa classe, entre eles *ficar*, *ter*, *permanecer*, *existir*, *habitar*, etc., diferem sintaticamente de outros verbos estativos (*saber* ou *escutar*, por exemplo), tendo em vista que, no inglês, apresentam a possibilidade de ocorrer em contextos de *There Insertion* (os exemplos abaixo foram retirados de Lieber, 2004, p. 100):

- a) There remained three survivors in the city.
- b) \*There knew a man three solutions to the problem.

Após atribuímos o traço [+Loc] a esses verbos, tendo em vista a essência binária de traços no sistema, tem-se a premência de caracterização de outros verbos estativos de não-existência ou talvez de privação de localização, quais sejam [-Loc]. Enquanto essa parece ser uma consequência estranha desse sistema de representação por traços, não é uma má consequência, defende Lieber, já que temos alguns candidatos plausíveis de verbos passíveis de estar nessa categoria, tais como *faltar*, *carecer*, *perder*, *sumir*, *extraviar*, etc. O significado privativo do verbo *faltar*, por exemplo, é bastante claro: *faltar* é “não ter”. De forma similar, o adjetivo *ausente* tem um transparente significado privativo: estar ausente é não estar em algum lugar. *Perder*, *sumir* e *extraviar* também denotam uma privação de localização, ou, ainda, uma localização não atestada ou conhecida.

[IEPS], por sua vez, adiciona a noção de trajetória ao esqueleto semântico. Relativamente aos verbos, ele é adicionado ao traço [+dinâmico] para distinguir uma subclasse de verbos que denotam movimento ou mudança em trajetórias direcionadas de uma classe que denota movimento ou mudança com uma trajetória ao acaso. A primeira classe é

composta por verbos inacusativos/incoativos, tais como *cair, ir, evaporar, esquecer, crescer*, etc., e a segunda por verbos de forma de movimento, como *caminhar, correr, flutuar, oscilar*, etc. Verbos com o traço [IEPS] são aqueles em que alguma mudança de lugar ou estado acontece, seja essa mudança direcionada ([+IEPS]) ou casual ([-IEPS]). Verbos sem esse traço são verbos de atividades simples para os quais a noção de trajetória é irrelevante. Ademais, as noções de espaço e tempo são tratadas da mesma forma nesse traço.

Os traços de tempo e espaço [Loc] e [IEPS], além de distinguir subclasses de verbos, também o fazem relativamente a outros itens lexicais, tais como as preposições. Essas devem ser distinguidas de outros itens lexicais por formarem uma classe fechada, diferente de nomes, verbos e adjetivos. Em termos semânticos, as preposições são uma categoria de itens lexicais para a qual nem o traço [material] que caracteriza nomes, nem o traço [dynamic] que caracteriza verbos e adjetivos são relevantes. Essa classe fechada deve ser, pois, caracterizada por traços outros que não os principais ontológicos no sistema de representação semântica lexical.

A maioria das preposições denota relações espaciais (e, analogamente, temporais) e são essas que serão foco de análise. Entre essas, ainda podemos distinguir as que são locais e as que implicam trajetória. As primeiras serão caracterizadas pelo traço [Loc], e as últimas pela presença do traço [IEPS]. A distinção semântica entre preposições [Loc] e [IEPS] é espelhada, também, em uma distinção sintática: apenas preposições [Loc] podem ocorrer com verbos de existência como *habitar* (os exemplos abaixo foram retirados de Lieber, 2004, p. 103):

- a) Eles moravam na / acima / atrás da floresta.
- b) \*Eles moravam para / para dentro da / através da floresta.

Ademais, o sistema propõe que, além da distinção entre [Loc] e [IEPS], haja também duas categorias, uma positiva e outra negativa, para cada um dos traços. Alguns exemplos de [+Loc], como já apontados nos exemplos acima, são: *em, entre, perto de, sobre, abaixo, em frente de, atrás, acima, abaixo*, etc. Todas essas preposições e locuções prepositivas exibem a relevância da posição do item lexical em um espaço/tempo. Analogamente, para itens lexicais [-Loc], a relevância de posição ainda está presente, mas de forma diversa, pois assinala a noção de falta ou privação. Exemplos de preposições [-Loc] podem ser: *menos, sem, mas, exceto*, etc. Sobre [IEPS], preposições e locuções prepositivas que denotam seu valor positivo pode ser: *para, em direção a, de* (origem), *através*, etc. Em preposições que adquirem o valor [-IEPS], ainda temos a presença do componente *trajetória* na sua caracterização, mas,

diferentemente de uma trajetória com progressão em direção a um estado/lugar final (ou seja, [+IEPS]), não podemos fazer nenhuma inferência sobre a progressão de lugares/estados. Exemplos dessa categoria são preposições compostas, ou locuções prepositivas, tais como: *em volta de, para frente e para trás, para cima e para baixo*, entre outros.

Os esqueletos semânticos das preposições, além de apresentar os traços acima explicitados, também representam possibilidades de argumentos das preposições: as transitivas geralmente são compostas por um tema e pelo complemento sintático da preposição; já as intransitivas terão apenas um argumento. É claro que as preposições espaciais não têm apenas esqueletos com informação valencial e semântica (locacionais ou direcionais), mas têm também corpos semânticos que expressam um diferente número de características, tais como dimensionalidade do objeto, eixo de orientação, limite alcançado ou não, foco do objeto, entre outras. Ademais, é importante termos em mente que as preposições geralmente mostram uma polissemia bastante complexa; daí a importância da presença, também, do corpo semântico no sistema para uma melhor caracterização das mesmas.

Com o intuito de melhor exemplificar como o sistema defendido por Lieber atua em itens lexicais primitivos, fizemos um breve apanhado das análises por ela desenvolvidas acerca de verbos e preposições. A partir de agora, nosso foco estará centrado na análise do traço [Loc] em afixos derivacionais, principalmente nos negativos.

### **3.4 Localização em derivação: o caso dos afixos [-Loc]**

No começo de sua elucidação acerca dos afixos [-Loc], Lieber aponta o caso dos privativos que, em inglês, tem como seu principal representante o sufixo *-less*, bastante produtivo em formar adjetivos denominais: *loveless, hopeless, shoeless*, etc. Como a semântica de *-less* é francamente privativa (*loveless* significa “sem amor” e *shoeless*, “sem sapatos”), parece fazer sentido caracterizar o esqueleto semântico desse sufixo não somente como [-dynamic], mas também como [-Loc].

Ainda mais intrigante, aponta a pesquisadora, seria o prefixo inglês *de-*, o qual forma, mais produtivamente, verbos privativos de nomes, tais como: *delouse, debug, deice, debark, dethrone*. Além disso, em inglês, esse prefixo se adjunge a verbos simples e complexos, geralmente aqueles formados pelos sufixos *-ize, -ate* e *-ify*: *deregister, delimitarize, denazify, decontaminate*. Nessas formas, defende a autora, apesar de ser plausível chamar esse prefixo de privativo, faz-se cada vez mais difícil com formas deverbais distinguir entre o significado

puramente privativo e o significado negativo mais geral. Com isso em vista, a pesquisadora começa sua análise com as formas denominais, nas quais o significado privativo, defende ela, é mais claro.

De certa forma, o prefixo formador de verbos *de-* é o correlato privativo dos sufixos causativos *-ize* e *-ify*, além do prefixo improdutivo *en-*. Pares, tais como *decolor* e *colorize*, *dethrone* e *enthroner*, podem servir quase como antônimos. O verbo *decolor*, em inglês, é fazer com que algo venha a estar sem *color* (em português, *cor*); e *dethrone* é fazer com que alguém não esteja mais no *throne* (*trono*). Em outras palavras, a ação denotada por verbos em *de-* é aquela em que o primeiro argumento (o agente) faça algo tal que o segundo argumento seja privado de sua base nominal.

Essa análise, no entanto, levanta uma questão: se *de-* se adjunge tanto a verbos como a nomes, e principalmente a verbos complexos formados pelos sufixos causativos *-ize* e *-ify*, alguém pode se perguntar se em casos como *degasify* e *demilitarize* o *de-* ainda adiciona o esqueleto causativo a uma palavra complexa que já está dotada desse esqueleto. Uma resposta plausível, aponta Lieber, seria que não, tendo em vista que o esqueleto resultante seria desnecessariamente complicado; ao invés disso, *de-*, em bases verbais, apenas mudaria o valor positivo de [Loc] para o negativo.

Essa análise feita para *-less* e *de-* permite uma descrição simples para afixos puramente privativos, defende a pesquisadora. No entanto, argumenta, parece ainda haver muito a se dizer sobre a noção de privação e os afixos privativos, tendo em vista que temos, aparentemente, formas privativas derivadas de afixos como *un-* ou *dis-*, caracterizados como negativos ou reversativos (*unnerve* pode ser parafraseado por ‘privar de nervos’ e *disarm* por ‘fazer com que fique sem armas’). A questão relacionada à natureza da relação entre privação e outros tipos de negação surge naturalmente. Vejamos em maiores detalhes a questão dos prefixos negativos na próxima subseção.

### 3.5 Os prefixos de negação e sua produtividade categorial e semântica

Ao estudarmos especificamente os prefixos que apresentam a característica semântica em comum da negação, faz-se importante traçar algumas considerações acerca desse processo. Horn (2001), em seu livro *A Natural History of Negation*, traz a ideia de que a negação é um processo semântico extremamente complexo, sendo, ao mesmo tempo, o mais simples e o mais fundamental conhecido pela mente humana (ROYCE 1917 *apud* HORN,

2001, p.1). Linguistas, filósofos e psicólogos, tanto da tradição ocidental quanto da oriental, têm abordado a negação como um lócus central de questionamentos, principalmente na tabela lógica: “Yet in each tradition, negation has been regarded as a suspect guest at that table, if not as a spy of extralogical domains”<sup>11</sup> (HORN, 2001, p.1).

Para Horn (2001, p. 268-270), a posição tomada em relação à negação, tanto por Aristóteles quanto pelos filósofos vinculados à escola estoicista, é a de que a negação ordinária ou a negação de predicado é semanticamente contraditória, ou seja, exclui qualquer possibilidade de meio-termo. Aristóteles, no entanto, admitia dois tipos de negação, quais sejam 1) negação de constituinte ou afixação negativa (*Aristóteles não é capaz / Aristóteles é incapaz*), as quais expressam significados contrários ou privativos e 2) negação de predicado (*Não é o caso que Sócrates é capaz*), a qual envolve a negação de uma proposição inteira e expressa significado contraditório. Neste contexto, pois, haveria mais um tipo de negação, qual seja a negação contrária, a que admite a possibilidade de gradação e, portanto, de um meio-termo. Com isso em vista, Horn restringe a noção de contrariedade aos opostos fracos ou médios; os opostos imediatos ou fortes são abarcados na noção de negação contraditória.

Podemos dizer, então, que dois termos são contraditórios quando excluem qualquer possibilidade de meio-termo, apresentando bases não-graduáveis (*par/ímpar, feminino/masculino, mortal/imortal*). Ao lidarmos com uma oposição contraditória, a aceitação da falsidade de que alguém é imortal, por exemplo, segue-se, necessariamente, a aceitação da verdade de que esse alguém é mortal. Não há nada entre *mortal e imortal, par e ímpar*: ao negarmos um termo do par, o outro deve ser imediatamente verdadeiro.

Em contrapartida, temos que dois termos são contrários quando esses são mutuamente inconsistentes: duas sentenças estão em oposição contrária se elas puderem ser simultaneamente falsas, mas não simultaneamente verdadeiras, apresentando, pois, bases graduáveis (*feliz/infeliz, quente/frio*). O antônimo produzido para *feliz*, por exemplo, com o acréscimo de um prefixo de negação, é *infeliz*. Esse antônimo é contrário, e não contraditório, porque é possível negar a felicidade e a infelicidade de um mesmo indivíduo: ao aceitarmos a falsidade de que alguém está feliz, não temos a imediata aceitação da verdade de que esse mesmo alguém está infeliz, pois admite-se com naturalidade a ideia de uma posição neutra em

---

<sup>11</sup> No entanto, em cada tradição, a negação tem sido considerada como um convidado suspeito à mesa, se não como um espião de domínios extralógicos. (tradução nossa)

relação aos estados de espírito (nem feliz, nem infeliz). O mesmo ocorre com *quente* e *frio*: ao dizermos que a água não está quente, não há uma interpretação imediata de que ela esteja fria, já que pode estar, também, morna.

Nos contrários, temos gradação, temos escalaridade, as quais podem ser confirmadas com o acréscimo de advérbios de intensidade: admite-se dizer *muito quente*, *extremamente feliz*; no entanto, ao tentarmos acrescentar advérbios de intensidade a predicados não-graduáveis, os quais formam opostos contraditórios, obtém-se claramente uma anomalia semântica: #muito mortal, #pouco ímpar.

Fizemos questão de retomar essas noções semânticas pelo fato de a Lieber levá-las em consideração no momento de análise de seus adjetivos e substantivos. Tendo isso em vista, apresentaremos os principais argumentos da pesquisadora em relação à polissemia de quatro prefixos de negação do inglês, quais sejam *in-*, *un-*, *dis-* e *non-* paralelamente aos prefixos de negação do português: *in-*, *des-* e *não-*.

Lieber (2004) exemplifica as categorias lexicais às quais os prefixos de negação *un-*, *in-*, *non-* e *dis-* podem se adjungir. Apresentamos no quadro abaixo alguns exemplos:

<b>Prefixo</b>	<b>Substantivos</b>	<b>Adjetivos</b>	<b>Verbos</b>
<b>In-</b>	<i>Incapacity</i> <i>Inaction</i>	<i>Inaccurate</i> <i>Infinite</i>	_____
<b>Un-</b>	<i>Untruth</i> <i>Unease</i>	<i>Unbreakable</i> <i>Unhappy</i>	<i>Undress</i> <i>Uncover</i>
<b>Dis-</b>	<i>Discomfort</i> <i>Disrespect</i>	<i>Discourteous</i> <i>Disloyal</i>	<i>Dislike</i> <i>Disobey</i>
<b>Non-</b>	<i>Nonsmoker</i> <i>Nonviolence</i>	<i>Nonviolent</i> <i>Nonflammable</i>	_____

Quadro 5: Itens lexicais prefixados negativamente em inglês

No que tange a questões de seleção léxica, Lieber aponta que o prefixo *un-* do inglês é de origem germânica e liga-se, com frequência, também a palavras de mesma origem.

Relativamente à seleção categorial, a autora ressalta que tanto *un-* quanto *in-* ocorrem principalmente com adjetivos e nomes, sendo que o primeiro parece ser mais produtivo que o segundo, especialmente em relação às formações neológicas. Além disso, *un-* é bastante produtivo em verbos com o sentido de reversão, assim como *dis-*. A autora aponta ainda que *dis-* se liga a adjetivos e a nomes, mas não apresenta, em inglês, um alto grau de produtividade. Para finalizar, nota-se que *non-* se faz produtivo em nomes e em adjetivos.

No que atine à semântica dos itens lexicais formados por esses prefixos, temos que *non-* parece ser o de semântica mais restrita, já que, ao não se ligar a verbos, não apresenta o significado de reversão. *Non-* parece ser estritamente negativo, apresentando apenas leituras contraditórias: *smoker/non-smoker*, *human/non-human*. Já em relação aos outros prefixos (*un-*, *in-* e *dis-*), vemos uma variada gama de interpretações que eles podem veicular, tanto com leituras reversativas como com leituras contrárias e contraditórias: itens léxicos, tais como *unhappy*, *inarticulate* e *discorteous* apresentam leituras contrárias; já *unbreakable*, *infinite* e *disengaged* apresentam, fazendo uso dos mesmos prefixos, leituras contraditórias. Ademais, os prefixos *un-* e *dis-*, pelo fato de também poderem se ligar a verbos, apresentam, além das leituras contrária e contraditória já mencionadas, a possibilidade da leitura reversativa, como em *undress* e *disrobe* (LIEBER, 2004).

Agora, voltemo-nos aos dados do português. Vemos que construções paralelas às do inglês são também possíveis:

<b>Prefixo</b>	<b>Substantivos</b>	<b>Adjetivos</b>	<b>Verbos</b>
<b>In-</b>	<i>Inverdade</i> <i>Incapacidade</i>	<i>Inquebrável</i> <i>Infeliz</i>	
<b>Des-</b>	<i>Desconforto</i> <i>Desrespeito</i>	<i>Descortês</i> <i>Desleal</i>	<i>Desgostar</i> <i>Desobedecer</i>
<b>Não-</b>	<i>Não-fumante</i> <i>Não-violência</i>	<i>Não-violento</i> <i>Não-inflamável</i>	_____

Quadro 6: Itens lexicais prefixados negativamente em português

Como vemos, o inglês apresenta um sufixo a mais, qual seja un-, de origem germânica que, além de se juntar a nomes e adjetivos, também se une a verbos, veiculando, nesses últimos, principalmente um significado reversativo. Muitas palavras formadas no inglês com esse prefixo são formadas no português com o seu análogo de origem latina in-: *unbreakable*, *unhappy* e *untruth* podem ser traduzidos por *inquebrável*, *infeliz* e *inverdade*. No entanto, no que diz respeito aos verbos, temos que in- não se adjuge com muita frequência a essa categoria gramatical<sup>12</sup>; em português, portanto, o sentido reversativo é veiculado através do prefixo des-, como em *desvestir*, *desamarrar*, *desligar*, *desfazer*, *descobrir*.

Em relação à seleção categorial, vemos que os três prefixos são bastante produtivos no português: in- e não- principalmente com adjetivos e nomes<sup>13</sup> e des- com adjetivos, nomes e verbos. Ao contrário do que aponta Lieber para o inglês, o prefixo des- em português parece ser bastante produtivo, tendo em vista que, além de poder se ligar a praticamente todas as categorias lexicais, des- é capaz de veicular uma gama mais variada de significados quando anexado a determinadas bases, sendo o causador, como já demonstrado no capítulo anterior, de algumas polêmicas descritivas no PB.

Relativamente à semântica dos itens lexicais, no prefixo não- em português, podemos ter uma leitura semelhante à do inglês, em que sua semântica é mais restrita pelo fato de não se ligar a verbos. Não- parece, também em português, apresentar apenas uma leitura contraditória, como em *não-fumante*, *não-aceitação*. Já os outros dois prefixos (in- e des-) parecem apresentar tanto leituras contrária e contraditória quanto, relativamente ao prefixo des- que se adjuge também a verbos, uma leitura reversativa: itens léxicos como *infeliz*, *inarticulado* e *descortês* apresentam leituras contrárias enquanto que *inquebrável*, *infinito* e

---

<sup>12</sup> Temos exemplos de verbos formados por in- em português, tais como *inexistir*, *imobilizar*, *inativar*, etc. Mesmo assim, não os colocamos no quadro acima, haja vista nosso simples objetivo, nesta subseção, de apresentar itens lexicais correlatos aos apresentados por Lieber para o inglês.

<sup>13</sup> É importante salientarmos também que, neste momento de análise, não estamos levando em conta os apontamentos de Silva e Miotto (2009) acerca de uma seleção categorial rígida feita pelos prefixos. Lieber não atenta para possíveis derivações anteriores das lexias em questão e, por tomarmos como base seu estudo nesta subseção, também não o fazemos. É por esse motivo que, ao analisarmos nossos dados categorialmente, elegemos como parâmetro o estudo de Silva e Miotto (2009), e não o de Lieber, por acreditarmos que a consideração de estágios derivacionais anteriores de um determinado item lexical seja muito pertinente para verificar a produtividade de determinado prefixo com certas categorias gramaticais. Além disso, acreditamos que seja mais coerente nos basearmos em um estudo do português para analisar nossos dados, considerando as diferenças existentes entre o português e o inglês em termos derivacionais – diferenças essas que não se aplicam em termos semânticos.

*desengatado*, fazendo uso dos mesmos prefixos, apresentam leituras contraditórias. Além disso, o prefixo *des-*, ao se adjungir a verbos, também pode apresentar a leitura reversativa, como em *descobrir*, *desfazer* e *desligar*. Lieber aponta, no que concerne aos prefixos com leituras reversativas (*un-* e *dis-* no inglês e *des-* no português), que se poderia argumentar no sentido de serem prefixos homófonos, mas distintos, já que não apresentam uma leitura estritamente negativa (cf. SILVA e MIOTO, 2009). Horn (2001), no entanto, argumenta que não são prefixos distintos, porque, mesmo não anulando a ação denotada pela base, os prefixos reversativos anulam o resultado dessa ação (cf. MEDEIROS, 2010).

### 3.6 Proposta de Lieber (2004)

Tendo em vista este quadro de múltiplos afixos negativos que apresentam significados relacionados, mas ainda assim variados, Lieber propõe que a polissemia desses afixos é o resultado da interação dos significados abstratos neles contidos com os significados de diferentes tipos de bases às quais eles podem se concatenar. Com isso em mente, a autora advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos negativos, qual seja [-Loc]. Retomemos sua definição:

- O traço [Loc], ‘localização’ (location, em inglês), é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no tempo/espço são relevantes; conseqüentemente, em itens que não apresentem esse traço, ou seja, itens [-Loc], a noção de posição ou espaço é irrelevante. Com efeito, Lieber assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

[-Loc] é, então, na visão de Lieber, a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa. Essa única representação dá origem a quatro nuances de significado levemente distintas, quais sejam: privação<sup>14</sup>, negação contrária, negação contraditória e reversatibilidade. A semântica e o tipo de base ao qual o prefixo vai se adjungir apresentam,

---

<sup>14</sup> A noção de privação é abordada rapidamente na subseção 3.4 deste trabalho; no entanto, acreditamos que a autora, em seu estudo, não a aborda de forma tão sistemática quanto o faz com as noções de negação contrária, negação contraditória e reversão. Ademais, a autora apresenta os afixos privativos (-less e de-) em uma seção diferente da que apresenta os afixos negativos (in-, un-, dis- e non). Seu argumento é o de que afixos privativos, além do traço [-Loc], também apresentam o traço [-dynamic] em seu esqueleto, enquanto que afixos negativos apenas apresentam [-Loc]. Não acreditamos haver argumentos suficientes para essa distinção.

pois, um papel fundamental, já que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base. Com isso em mente, algumas sistematizações em relação às leituras que emergem com diferentes tipos de bases podem ser feitas (LIEBER, 2004, p. 125):

1. Para obtermos um significado reversativo em itens lexicais derivados, temos a presença de um prefixo negativo juntamente com um verbo que implica um resultado mutável.
2. Para obtermos um significado contrário em itens derivados, temos a concatenação de um prefixo de negação com uma base que apresenta uma interpretação graduável ou escalar.
3. Para obtermos um significado contraditório, precisamos da adjunção de um prefixo de negação a uma base que apresenta uma interpretação estritamente não-escalar.

Lieber (2004) defende que não há necessidade de diferenciar entre os tipos de negação (privação, negação contrária, negação contraditória, reversão) em uma teoria de semântica lexical. A interpretação dos vários itens lexicais prefixados negativamente vai depender das propriedades do prefixo juntamente com a natureza semântica do item lexical, e se esta pode ou não ser analisada como graduável. Esses afixos, então, podem ser considerados exemplos de uma polissemia construtiva.

Por outro lado, argumenta a pesquisadora, há uma tendência na literatura em classificar os diferentes tipos de afixos negativos com base na semântica que eles podem veicular.

Horn (2001, p. 282), para o inglês, aponta, relativamente aos prefixos *in-* e *non-*:

- *in-*: tende a se combinar apenas com predicados escalares em suas leituras avaliativas; a forma resultante exibe uma leitura contrária e geralmente depreciativa.
- *non-*: apresenta formas resultantes com um significado avaliativo mais neutro – *human/inhuman/nonhuman*.

Seguindo a proposta de Lieber, vemos que essas classificações, mesmo estando frequentemente atenuadas por expressões modalizadoras, são facilmente falseáveis, já que, ao mudar a semântica da base, muda-se também a nuance de significado do prefixo de negação. Em relação a *in-*, podemos elencar vários exemplos, tanto em português como em inglês, que falseiam a afirmação de Horn: palavras como *indivisible* e *incurable* não apresentam predicados escalares e suas formas resultantes exibem, claramente, uma leitura contraditória.

Ademais, relativamente à leitura depreciativa, o próprio Horn apresenta exemplos em que a afixação negativa apresenta formas derivadas emotivamente neutras ou, até, positivas: *imperceptible, irreducible, invulnerable*. Está claro que, nessas palavras, o prefixo não veicula uma noção depreciativa em função da semântica da própria base à que ele se concatena.

Em relação a *non-*, a interpretação de que as formas resultantes apresentam significado avaliativo mais neutro é largamente aceita, tanto no inglês quanto no português. Um exemplo contrastivo disso está no adjetivo *humano*, o qual apresenta duas orientações postas em destaque quando ocorre a formação de suas contrapartes negativas no processo de derivação prefixal, em que temos *não-humano* e *desumano*: a primeira noção de *humano* negada pelo prefixo /não-/ diz respeito a uma categoria maior, caracterizando o que é ligado aos humanos em oposição ao que não é (o que se faz, então, associado a animais, máquinas, etc.); já a segunda noção de *humano* negada pelo prefixo *des-* diz respeito à falta de qualidades supostamente compartilhadas pelos seres humanos, tais como bondade, clemência, etc. Em inglês, a comparação dos efeitos da negação com os correlatos desses dois prefixos também demonstra esse efeito mais neutro veiculado pelo prefixo *non-* (como estudado por Beligon, 2009) que corresponderia, no português, ao não-. Da mesma forma, *in-* em *inhuman*, correspondente ao prefixo *des-* do português em *desumano*, também veicula uma interpretação mais específica. No entanto, novamente, essa ideia também parece passível de contestação, já que, dependendo da base, podemos ter, igualmente para não-, interpretações depreciativas: quando dizemos que determinado trabalho é *não-substancial* (ou *nonsubstancial*), não temos um significado avaliativo neutro, e isso se dá muito em função da base e da semântica dela juntamente com a semântica do afixo. Tentar determinar a semântica do afixo à parte da base, mesmo apresentando expressões atenuadoras nas afirmações, é incorrer, muito facilmente, em incoerências descritivas.

Como vimos, a semântica das bases parece, de fato, ser de extrema relevância para a interpretação dos itens derivados. Nos próximos capítulos, verificaremos a plausibilidade do sistema proposto por Lieber através da análise de nossos dados. Passemos, então, aos nossos procedimentos metodológicos.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é o capítulo em que apresentamos nossos procedimentos metodológicos. Primeiramente, apresentamos a fonte de nosso *corpus*, qual seja o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco Borba (2002), explicitando sua organização e funcionamento. Feito isso, apresentamos nossas restrições no momento de recolha e seleção de dados e, posteriormente, a organização dos mesmos.

### 4.1 Sobre o Dicionário de Usos do Português do Brasil

O dicionário fonte de nosso corpus é o Dicionário de Usos do Português do Brasil, do Francisco Borba, que tem como base a língua escrita no Brasil na segunda metade do Século XX. O que o torna diferente de outras obras do gênero, afirma Borba na seção ‘Nota do Editor’ (p.V), é a sua preocupação de registro do uso efetivo do sistema linguístico, num período e local bem determinados. Por considerarmos que o dicionário em questão apresenta formas bastante atuais e usuais, formas estas que outros dicionários talvez não contemplem, o elegemos como nossa fonte de dados. Além disso, consideramos de extrema importância verificarmos a plausibilidade de determinadas análises categoriais e semânticas frente a um considerável número de ocorrências que estão efetivamente registradas e que fazem parte do dia a dia dos falantes brasileiros.

O conjunto de entradas do dicionário foi estabelecido a partir de um corpus de língua escrita em prosa no Brasil a partir de 1950, num total de mais de 70 milhões de ocorrências de palavras em textos de literatura romanesca, dramática, técnica, oratória e jornalística, com absoluta predominância desta última, por ser aí que as palavras mais circulam: *Esse critério de ocorrências ajudou a disciplinar a entrada de muitas palavras que habitualmente não têm registro ou têm registro muito reduzido em nossos dicionários* (BORBA, 2002, p.V). Ademais, o consultante tem acesso, além da definição dos verbetes, também a uma série de exemplos de como eles são efetivamente usados nos textos.

Na apresentação do dicionário (BORBA, 2002, p. VI), temos elencados três objetivos pretendidos com a obra, quais sejam:

1. Prover os usuários da língua escrita de um instrumento eficiente de agilização do uso escrito tanto na recepção como na criação de texto.
2. Estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o próprio uso da língua.

### 3. Fornecer elementos de avaliação das propriedades sintático-semânticas do léxico.

Como vemos, os objetivos 2 e 3 relativamente à pesquisa vocabular, ao uso da língua e à avaliação das propriedades sintático-semânticas estão sendo empreendidos neste trabalho. Como já dissemos, ao nos depararmos com ocorrências efetivamente registradas com base no uso corrente, somos capazes de fazer muitas predições acerca da caracterização semântica e gramatical dos prefixos *in-* e *des-* e, com isso, corroborar ou refutar alguns estudos prévios realizados em relação à descrição semântico-gramatical da atualização desses prefixos.

No que concerne à base gramatical, Borba subclassifica os verbetes verbais, nominais e adjetivais da seguinte forma: os verbos são subclassificados em quatro grupos, quais sejam, ação, processo, ação-processo e estado; os nomes são subclassificados em concretos e abstratos, e os adjetivos em qualificadores e classificadores.

Relativamente aos verbos de ação, Borba (2002, p.VII) os define por expressarem uma atividade associada a um sujeito agente, ou seja, aquele que, por si mesmo, é capaz de desencadear uma atividade, física ou não, sendo sua origem e seu controlador (ex. o galo canta, o pássaro voa). Já os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos “cujo suporte está num sujeito paciente ou afetado por aquilo que o predicado indica” (p. VII), como *crescer* e *morrer*, por exemplo; além disso, verbos com sujeitos experienciadores, também entram nessa classificação, por expressarem uma experiência ligada a uma disposição mental, uma sensação ou uma emoção, tais como *lembrar*, *ver*, *sentir*; também são classificados como verbos de processo os que apresentam sujeito beneficiário ou que é sede da transferência de posse ou destinatário de um benefício, assim como *herdar*. Verbos de ação-processo expressam uma mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito agente, causativo ou instrumental, atingindo um complemento que é afetado ou efetuado; verbos como *abrir*, *partir*, *cortar*, *tricotar*, *afugentar*, etc. são exemplos dessa categoria. Finalmente, os verbos de estado são aqueles cujo sujeito é apenas suporte de propriedades ou, então, experienciador delas, como *ter*, *amar*, *saber*, etc.

No que tange aos nomes, os concretos têm referentes no mundo dos objetos (tesoura, ovo) e podem ter os traços animado ou não-animado, sendo que o animado pode ser ainda humano ou não-humano. Podem ser contáveis ou não-contáveis, segundo estejam sujeitos à enumeração ou não. Já os nomes abstratos não têm um referente independente, constituindo-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estado de coisas (corrida, crença, verdeza); quando associados a um verbo suporte, os nomes abstratos funcionam como núcleo do predicado e podem, como os verbos, indicar ação, processo ou estado. Os adjetivos, por

sua vez, são classificados em qualificadores e classificadores. Aqueles acrescentam um atributo ao nome (casa alta, garota inteligente) e estes colocam os nomes numa determinada subclasse semântica (dança campestre, taxas municipais).

É importante notarmos que as subclassificações de Borba, principalmente as relativas aos verbos, serão relevantes para as nossas descrições dos itens lexicais derivados. Verbos de estado, tais como *amar* e *crer*, ao serem anexados ao prefixo *des-*, por exemplo, apresentam essencialmente a noção de negação, enquanto verbos de processo e/ou de ação-processo apresentam, quando prefixados por *des-*, uma noção de cunho reversativo.

#### 4.2 Restrições para recolha e seleção dos dados

Antes de tratarmos dos nossos procedimentos metodológicos propriamente ditos, vamos deixar claras algumas restrições que tivemos de adotar em relação ao *corpus* e suas respectivas razões, para que não apresentássemos incongruências em nossas análises.

Com o intuito, pois, de analisar os itens lexicais prefixados por *des-* e *in-*, a recolha de nossos dados foi transcategorial, englobando substantivos, adjetivos e verbos por eles formados. Como já abordado nos primeiros capítulos desta dissertação, sabemos que tanto *des-* quanto *in-* apresentam sentidos outros que não apenas o de negação: *des-* também pode apresentar-se como reforçativo em itens lexicais como *desabusar*, *desafastar*, *desinfeliz*, etc., e *in-* apresenta a noção de movimento para dentro em lexias como *ingerir*, *imigrar*, etc. Tendo em vista a constatação dos mesmos como prefixos homófonos e distintos, não os consideramos na recolha de nossos dados, restringindo-nos apenas aos vocábulos em que *des-* e *in-* veiculam o sentido de negação e/ou reversão<sup>15</sup>.

Ademais, os vocábulos que compõem o nosso *corpus* são aqueles que, em algum estágio derivacional anterior ao da presença do prefixo, ainda possam se constituir como itens lexicais independentes. Com isso em vista, itens como *destruir* não constam como parte de nossos dados, haja vista a inexistência de uma base capaz de atuar de forma autônoma sem o suposto prefixo (*\*struir* ou *\*estruir*). Diferentemente, lexias como *desalmado*, por exemplo, fazem parte de nosso *corpus*, pois, mesmo não existindo o vocábulo ‘almado’, em algum estágio derivacional anterior, não necessariamente o primeiro, temos clara a presença do item lexical *alma*.

---

<sup>15</sup> A explicitação desse posicionamento está presente em nota de rodapé, na página 44 deste trabalho.

Por fim, também não consideramos na recolha de nossos dados os verbos pronominais, por pensarmos que a reflexivização não atua de forma determinante no que diz respeito às nossas análises.

Dito isso, passemos à organização de nossos dados.

### **4.3 Organização dos Dados**

Ao selecionarmos os nossos dados, dividimo-los relativamente à classificação do Borba, no que diz respeito às entradas lexicais, em substantivos, adjetivos e verbos; todas as ocorrências por nós analisadas encontram-se no Anexo deste trabalho. Na próxima seção, elegemos algumas ocorrências tanto de des- quanto de in- nas três categorias mencionadas e as analisamos relativamente à sua semântica e à sua produtividade categorial.

Como já mencionado, além da análise semântica proposta por Lieber, também faremos considerações acerca da seleção categorial feita pelo afixo em questão. Pelo fato de a Lieber não fazer apontamentos muito relevantes no que diz respeito às categorias, vamos nos valer dos argumentos de Silva e Miotto (2009) para análise dos dados nesse quesito, os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam. Veremos a plausibilidade dessas constatações através de nossos dados.

Primeiramente, analisaremos os substantivos, adjetivos e verbos prefixados por in-. Considerando os apontamentos de Silva e Miotto (op. cit.) relativamente a esse prefixo, os quais defendem que ele seleciona apenas adjetivos, averiguaremos a existência de nomes e verbos primitivos em nosso corpus, além de nomes deverbais que não apresentam estágio derivacional adjetival. Em se atestando itens lexicais prefixados por in- que não apresentem estágio derivacional adjetival anterior, refutamos a hipótese de seleção categorial rígida defendida pelos autores.

Após a análise dos itens lexicais prefixados por in-, damos prosseguimento ao nosso estudo através da descrição de substantivos, adjetivos e verbos prefixados por des-, tanto categorial quanto semântica. Silva e Miotto (2009), no que diz respeito a esse prefixo, defendem a existência de dois afixos des- homófonos: um seleciona verbos, aplicando o sentido de reversão, e o outro seleciona adjetivos, atualizando o sentido de um tipo de negação. Com isso em vista, averiguaremos a existência de nomes primitivos e, também, de verbos derivados por des- que apresentem o sentido de negação.

Juntamente com a análise categorial, procederemos no sentido de verificar se a proposta de Lieber, a qual advoga por uma única característica na descrição semântica dos

prefixos negativos, reflete o apresentado em nossos dados. Acerca disso, em consonância com a pesquisadora, também acreditamos que não há necessidade de diferenciar entre os tipos de negação, tais como privação, negação contrária e negação contraditória<sup>16</sup>. Todos eles são passíveis de paráfrases com “não” ou “falta de”: *desamor* é falta de amor, assim como *infeliz* é “não feliz” e *imortal* é “não mortal”. Com isso em mente, na análise de nossos dados, não fizemos diferenciação dos itens lexicais no que diz respeito à sua semântica graduável ou não-graduável, por julgarmos que essa é uma divisão que nada agrega em termos descritivos para os propósitos em questão. É claro que tanto o prefixo in- quanto o prefixo des- se adjungem tanto a bases graduáveis (*desconfortável*, *infeliz*) quanto a bases não-graduáveis (*desconhecido*, *imortal*), evidenciando que a noção semântica de gradação não é determinante para a eleição de um ou outro afixo. Nesse sentido, faremos também algumas considerações referentemente à postulação de in- e des- como concorrentes em adjetivos: haveria algum traço semântico responsável por licenciar a atualização de um ou de outro?

Vejamos como todas essas questões podem ser respondidas na análise de nossos dados.

---

<sup>16</sup> No entanto, diferentemente de Lieber, acreditamos que a reversão deva ser descrita de forma levemente diversa que a privação e as negações contrária e contraditória, o que, mesmo assim, não torna seu prefixo homófono. Isso ficará mais claro no próximo capítulo.

## 5. ANÁLISE SEMÂNTICA E CATEGORIAL DOS DADOS

Como já exposto anteriormente, o *corpus* da presente pesquisa constitui-se de substantivos, adjetivos e verbos prefixados por des- e in-, registrados em Borba (2002). Primeiramente, abordaremos os substantivos, adjetivos e verbos prefixados por in-, analisando-os de forma análoga ao modelo semântico proposto por Lieber (2004) e ao modelo categorial proposto por Silva e Miotto (2009). Em seguida, procederemos da mesma forma também com os itens lexicais prefixados por des-. Ao final de nossas análises, propomos uma solução para melhor descrever verbos que apresentam a noção de reversão quando prefixados por des-, a qual está no próprio sistema proposto por Lieber, qual seja o traço [+IEPS]. Defendemos a pertinência da explicitação desse traço na descrição da noção de reversão.

O total de itens lexicais prefixados por des- e in- obtido nesta pesquisa foi o de 2.569. Deste número, 1.497 são formados por des- e 1.072 são formados por in-. Vejamos como isso se configura no gráfico abaixo:

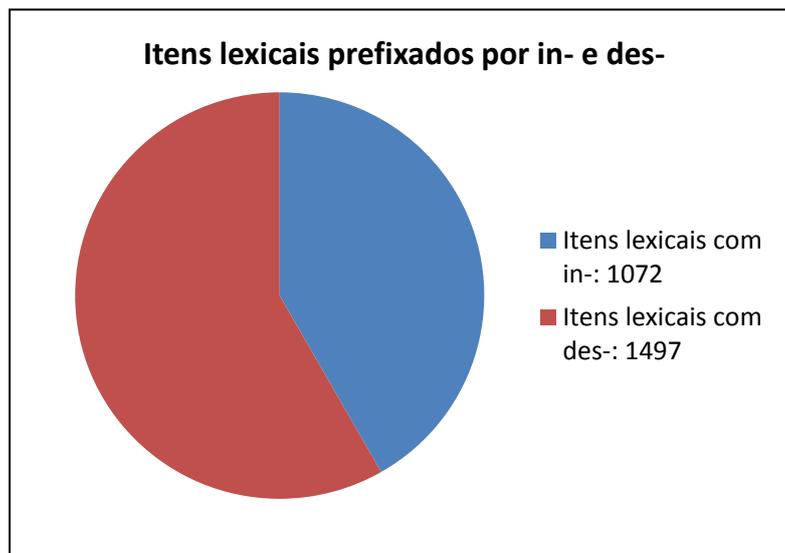


Gráfico 1: Itens lexicais prefixados por in- e des-

Como podemos ver, o número ligeiramente maior de lexias formadas por des- pode refletir as constatações de Silva e Miotto (2009), tendo em vista que, para os autores, des- seleciona verbos e adjetivos enquanto in- seleciona apenas adjetivos. Veremos melhor como isso se configura em cada prefixo.

Passemos, pois, às considerações semânticas e categoriais relativas às lexias formadas por in-.

### 5.1 Itens Lexicais formados por in-

Do total de 2.569 itens lexicais prefixados pelos dois prefixos aqui estudados, 1.072 são derivados com in-. Desse número, 316 são substantivos, 726 são adjetivos e 30 são verbos. Vejamos como esses dados se configuram no gráfico abaixo:

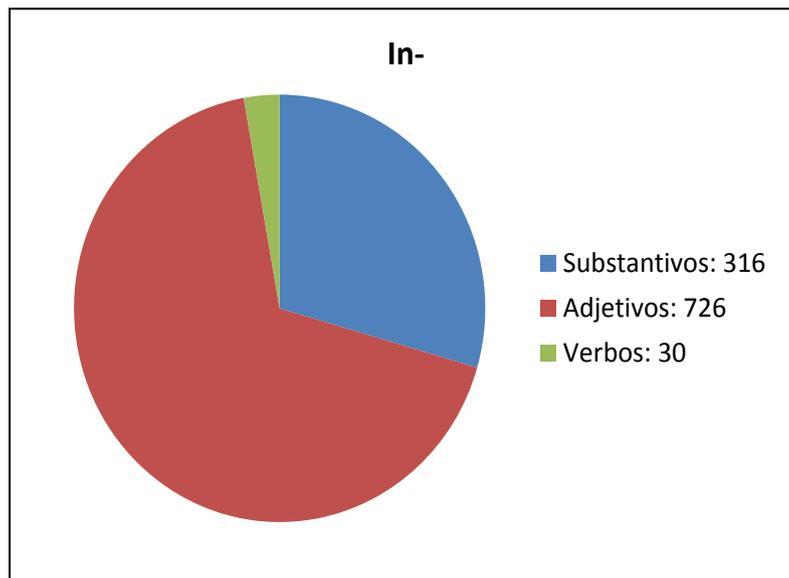


Gráfico 2: Dados Categóricos de in-

De fato, a produtividade desse afixo com adjetivos é bastante evidente. Verificaremos, nas seções que tratam de substantivos e de verbos, se há a presença de itens lexicais prefixados por in- que não apresentam estágios derivacionais adjetivais.

#### 5.1.1 Substantivos

Tendo em vista que, para a análise categorial, tomamos como base as afirmações de Silva e Miotto (2009), os quais defendem que o prefixo in- se adjunge apenas a bases adjetivais, buscamos ver se esse fato encontra respaldo em nossos dados.

Relativamente aos substantivos prefixados por in-, obtivemos 316 ocorrências. Deste número, consideramos que 100 são nomes primitivos, denominais ou deverbais, ou seja, 31,6% do corpus não apresenta um estágio derivacional adjetival antes de se fazerem substantivos. Vejamos como isso se apresenta no gráfico abaixo:

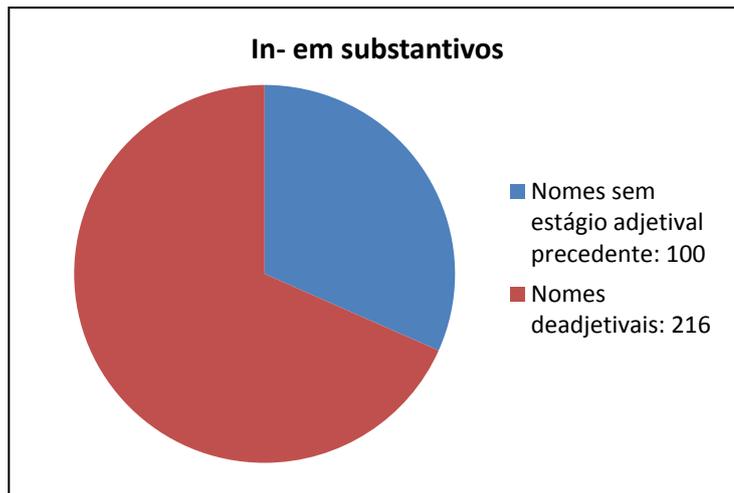


Gráfico 3: In- em Substantivos

É claro que a maioria dos nomes (216 ocorrências, em torno de 70%) de fato apresenta um estágio adjetival anterior à formação do substantivo, como em *indisponibilidade*, *indivisibilidade*, *indocilidade*, *impureza*, *incapacidade*, *inaturalidade*, *imoralidade*, *insensatez*, *insinceridade*, etc., mas parece-nos que a postulação de uma seleção rígida para o prefixo, em que este só se adiciona em estágios adjetivais, não é capaz de condizer com os dados, tendo em vista os 31,6% de nomes sem esse estágio. Por isso, acreditamos que as afirmações de Silva e Miotto (2009) para in- devam ser consideradas não em termos categóricos, mas antes em termos de produtividade dos tipos de base com as quais os prefixos se concatenam.

Vejamos alguns exemplos de nomes primitivos e deverbais<sup>17</sup> nos quadros abaixo e os significados dos mesmos cunhados pelo Borba (2002):

Nomes primitivos formados por in-	Significado
Conforto → Inconforto	falta de conforto, desconfortoso
Pudor → Impudor	falta de pudor, descaramento, lascívia
Razão → Irrazão	falta de razão
Religião → Irreligião	falta de religião
Sucesso → Insucesso	falta de sucesso, mau êxito, fracasso
Verdade → Inverdade	falsidade, mentira
Virtude → Invirtude	falta de virtude

Quadro 7: Nomes primitivos formados por in-

<sup>17</sup> No anexo deste trabalho, apresentamos todo o corpus analisado. Ademais, também fazemos referência a esses estágios derivacionais, classificando as lexias como provindas de adjetivos, substantivos ou verbos ao lado de cada item lexical – tanto dos prefixados por in- quanto dos prefixados por des-.

<b>Nomes Deverbais (sem estágio adjetival) formados por in-</b>	<b>Significado</b>
Adaptação → Inadaptação	falta de adaptação, desajustamento
Adequação → Inadequação	falta de adequação, desajuste
Comunicação → Incomunicação	incapacidade de comunicação
Coordenação → Incoordenação	falta de coordenação
Determinância → Indeterminância	indeterminação
Execução → Inexecução	não-execução, suspensão
Limitação → Ilimitação	falta de limitação, ausência de limites

Quadro 8: Nomes Deverbais formados por in-

Para análise semântica do prefixo, como já discutido no capítulo 2, Lieber advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos negativos, qual seja [-Loc]. Retomemos sua definição:

- O traço [Loc], ‘localização’ (location, em inglês), é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no tempo/espaço são relevantes; conseqüentemente, em itens que não obtiverem esse traço, ou seja, itens [-Loc], a noção de posição ou espaço é irrelevante. Com efeito, Lieber assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

De acordo com os dados apresentados, tanto no Quadro 7 quanto no Quadro 8, e com as definições dadas por Borba (2002), parece-nos que o traço [-Loc] é capaz de dar conta da semântica tanto dos nomes primitivos quanto dos deverbais e deadjetivais, tendo em vista que *impudor* é falta de pudor, *irrazão* é falta de razão, *inadequação* é falta de adequação e *ilimitação* é falta de limitação. Em se tratando de nomes derivados de adjetivos, tais como *ilegalidade*, *imortalidade*, *inaturalidade*, *impureza*, *impolidez*, *incapacidade*, etc., parece-nos que o traço [-Loc] proposto por Lieber se aplica muito convenientemente, licenciando, novamente, paráfrases com a noção de ‘falta de’: falta de legalidade, falta de pureza, falta de capacidade, etc. Ademais, Lieber (p. 124) também aponta que os prefixos negativos são pouco produtivos com nomes em inglês, tendendo a favorecer bases abstratas.

### 5.1.2 Adjetivos

Os adjetivos formados por *in-* são muito produtivos e, em nosso *corpus*, ainda mais numerosos que os formados por *des-*, totalizando 726 ocorrências. Em sua grande maioria são adjetivos formados pelo sufixo *-vel*, mas também temos adjetivos participiais, em que a noção perfectiva se faz presente. Portanto, as formações com o sufixo *-vel* são, de fato, as mais produtivas, somando-se aos adjetivos formados principalmente pelos sufixos *-do*, *-nte*, *-vel* e *-oso*, além, é claro, dos primitivos. Vejamos alguns dados – as definições para os adjetivos derivados com os prefixos de acordo com Borba (2002) também são apresentadas. Apresentamos abaixo de cada quadro uma reflexão acerca da produtividade categorial desse afixo com adjetivos.

<b>Primitivos</b>	<b>Significado</b>
Ábil → Inábil	que não tem habilidade, inepto;
Ativo → Inativo	sem atividade, sem ação;
Legal → Ilegal	contrário à lei, que se faz fora do abrigo da lei;
Lógico → Ilógico	que não tem explicação lógica, incoerente;
Modesto → Imodesto	que se faz sem modéstia, comedimento ou recato;
Puro → Impuro	pecaminoso.

Quadro 9: Adjetivos primitivos formados por *in-*

Os adjetivos primitivos com *in-* são bastante comuns em nosso léxico, assim como suas interpretações são bastante naturais com o traço [-Loc]: *inativo* é “não ativo”, assim como *impuro* é “não puro”. Os adjetivos derivados, no entanto, apresentam ainda mais ocorrências. Vejamos algumas delas com o sufixo *-do*:

<b>-do</b>	<b>Significado</b>
Abalado → Inabalado	que não foi abalado, que não sofreu perturbação, firme;
Adaptado → Inadaptado	que não se adaptou ou que não se adapta a determinado meio ou situação; desajustado;
Adequado → Inadequado	mal-feito, impróprio;
Alterado → Inalterado	sem alteração, sem mudança;
Conformado → Inconformado	que não se conforma, não resignado
Merecido → Imerecido	que não é merecido;

Quadro 10: Adjetivos em –do prefixados por in-

Muito interessante, percebe-se que, ao tentarmos buscar um estágio derivacional verbal nessas lexias, a prefixação com in- torna-se estranha: ?inabalar, ?inadequar, ?inalterar, ?inconformar, ?imerecer. Em termos semânticos, o prefixo in-, através do traço [-Loc], impõe a interpretação de não localização ou não existência a alguma parte da base: *inadequado* não está localizado na propriedade de *adequado*, assim como *inconformado* não está localizado na propriedade de *conformado*. O mesmo ocorre com os adjetivos em –nte:

<b>-nte</b>	<b>Significado</b>
Condizente → Incondizente	que não é condizente, que não se harmoniza;
Consciente → Inconsciente	de que não se tem consciência;
Convincente → Inconvincente	que não convence;
Relevante → Irrelevante	sem relevo, de pouca importância;

Significante → Insignificante	que tem pouco significado ou importância, irrelevante;
Transigente → Intransigente	que não transige, que não cede.

Quadro 11: Adjetivos em –nte prefixados por in-

Estágios verbais com o prefixo, tais como ?Incondizer, ?inconvencer, ?irrelevante, ?insignificar, ?intransigir, também soam estranhos e não são atestados por Borba (2002). No que diz respeito à lexia *consciente*, seu estágio verbal seria posterior e, mesmo assim, não parece ser atestado em português: ?inconscientizar. A ideia, pois, de negação + base verbal nesses casos é expressa, no português, sintaticamente: *não condizer*, *não convencer*, etc. Novamente aqui, os itens lexicais são adequadamente descritos por [-Loc], haja vista que *irrelevante* não está localizado na propriedade de *relevante* e *insignificante* não está localizado na propriedade de *significante* – e assim por diante.

<b>-dor</b>	<b>Significado</b>
Ativador → Inativador	capaz de inativar um processo;
Estabilizador → Instabilizador	que torna instável, responsável pela instabilidade;
Mobilizador → Imobilizador	que imobiliza, paralizante, imobilizante.

Quadro 12: Adjetivos em –dor prefixados por in-

Os casos em –dor apresentados no Quadro 12 são os únicos encontrados em nosso corpus. Isso se deve, acreditamos, ao fato de esse sufixo ser prototipicamente verbal, o que impede/evita formações com in-. Muito interessantemente, identificamos estágios adjetivais precedentes aos estágios verbais nesses vocábulos:

ativo → ativar → ativador

estável → estabilizar → estabilizador

móvel → mobilizar → mobilizador

Com isso, vemos que o prefixo de negação é adjungido nos estágios adjetivais da derivação (*inativo, instável, imóvel*), assim como apontam Silva e Miotto (2009), e são consequentemente levados aos outros estágios. De qualquer forma, vemos que [-Loc] também se aplica a esses casos, considerando que *imobilizador* é “não mobilizador”, *instabilizador* é “não estabilizador” e *inativador* é “não ativador”.

<b>-vel</b>	<b>Significado</b>
Censurável → Incensurável	não-censurável.
Comparável → Incomparável	que não se pode comparar, que não admite comparação.
Compatível → Incompatível	que não é compatível, que não pode coexistir.
Compreensível → Incompreensível	que não pode ser compreendido, difícil de entender, estranho.
Legível → Ilegível	que não é legível, que não se pode ler
Reversível → Irreversível	que não pode ser revertido, que não comporta retrocesso, sem volta

Quadro 13: Adjetivos em –vel prefixados por in-

Da mesma forma que acontece nas lexias com –do e –nte, é difícil encontrar um estágio verbal atestado das lexias com –vel que apresente o prefixo: ?incomparar, ?incensurar, ?incompreender, \*iler, ?irreverter. Novamente aqui, para a negação dessas bases verbais, precisamos recorrer a orações negativas. Diferentemente, *incompatível* apresenta seu estágio verbal depois de seu adjetival, o que licencia a formação *incompatibilizar*, assim como foi

verificado nos nomes em –dor do Quadro 12. Nesses casos, [-Loc] também é aplicável: *ilegível* não está localizado na propriedade de *legível*, *incompreensível* não está localizado na propriedade de *compreensível*, etc.

<b>-oso</b>	<b>Significado</b>
Cauteloso → Incauteloso	que não é cauteloso, imprudente;
Decoroso → Indecoroso	que não é decoroso, obsceno;
Escrupuloso → Inescrupuloso	que não tem escrúpulos;
Imaginoso → Inimaginoso	que não tem imaginação;
Piedoso → Impiedoso	que não tem compaixão; desumano, insensível;
Religioso → Irreligioso	que não é religioso; ateu, ímpio.

Quadro14: Adjetivos em –oso prefixados por in-

No que diz respeito aos dados em –oso, também não encontramos estágios verbais precedentes, haja vista esse sufixo ser prototipicamente nominal. Relativamente a isso, apenas *irreligião* é registrado pelo Borba como apresentando o prefixo em estágio nominal. Novamente, [-Loc] se aplica a esses casos, fazendo com que *impiedoso* não esteja localizado na propriedade de *piedoso*, *incauteloso* não esteja presente em *cauteloso*, etc.

Pelo que se pode observar através da análise dos diversos adjetivos aqui descritos, parece que a produtividade de in- é, de fato, ligada a essa classe categorial. Com isso em vista, a descrição semântica de Lieber dessas lexias através do traço [-Loc] é também bastante pertinente, tendo em vista que adjetivos descrevem propriedades de entidades e, através da adjunção de in- a eles, temos a ideia de falta ou negação dessas propriedades. No que diz respeito à nossa divisão dos adjetivos relativamente à sua derivação sufixal, a mesma foi feita apenas no sentido de demonstrar a aplicabilidade do traço [-Loc] aos prefixos quando adjungidos a uma variada gama de tipos adjetivais do PB.

Acerca de um suposto traço semântico presente nas bases adjetivais capaz de licenciar a presença de des- ou in-, não acreditamos existir. Muito convenientemente, Borba (2002) registra formas análogas com ambos os prefixos: *desamigo e inimigo, desfeliz e infeliz, descrente e incrédulo, descaridoso e impiedoso, desajustado e inadaptado*, etc. Parece mesmo que, em se tratando de adjetivos especificamente, des- e in- são concorrentes. A diferença entre os dois se estabelece mais em termos de produtividade categorial, tendo em vista que, quando um mesmo radical pode receber tanto des- quando in-, a determinação do prefixo eleito é feita em função da categoria: descontrolar/incontrolável.

### 5.1.3 Verbos

São poucos os verbos prefixados por in-, totalizando 30 ocorrências. Deste número, 6 são primitivos, quais sejam *improceder, incompreender, indeferir, indispor, inexistir e insatisfazer*. Vejamos como isso pode ser demonstrado graficamente:

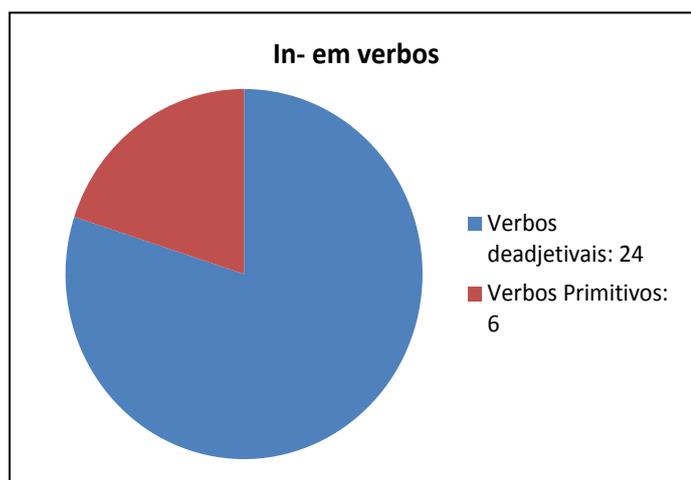


Gráfico 4: In- em Verbos

A existência de verbos primitivos vai de encontro às postulações de Silva e Mioto (2009), que advogam que in- pode apenas se adjungir a bases adjetivais ou que apresentem um estágio derivacional adjetival precedente. No entanto, como já comentamos, as análises dos autores devem ser consideradas em termos de produtividade e, em sendo assim, ganham respaldo através de nosso *corpus*. Afora esses seis verbos, os outros são todos de adjetivos, principalmente fazendo uso do sufixo -izar, o qual forma verbos através da adjunção a bases adjetivas. No que tange à interpretação semântica dos vocábulos, parece que o traço [-Loc] é capaz de dar conta do significado disparado pelo prefixo. Apresentamos na íntegra nossos dados e, ao lado, suas definições.

<b>Verbos prefixados por in-</b>	<b>Significado</b>
Ativar → Inativar	tornar inativo;
Capacitar → Incapacitar	tornar incapaz ou inapto;
Comodar → Incomodar	perturbar, molestar;
Compatibilizar → Incompatibilizar	tornar inconciliável, indispor definitivamente;
Compreender → Incompreender	não compreender;
Deferir → indeferir	não deferir, dar despacho contrário;
Dignar → Indignar	causar indignação, enfurecer;
Dispor → Indispor	pôr em conflito;
Estabilizar → Instabilizar	tornar instável, desequilibrar;
Existir → Inexistir	não existir;
Felicitar → Infelicitar	tornar infeliz;
Flexibilizar → Inflexibilizar	tornar inflexível;
Habilitar → Inabilitar	tornar inábil, incapacitar;
Mobilizar → Imobilizar	impedir os movimentos;
Mortalizar → Imortalizar	tornar imortal;
Pacientar → Impacientar	fazer perder a paciência, irritar;
Permeabilizar → Impermeabilizar	tornar impermeável;
Pessoalizar → Impessoalizar	despersonalizar;
Popularizar → Impopularizar	tornar impopular;
Possibilitar → Impossibilitar	tornar impossível, causar impossibilidade;
Proceder → Improceder	não ser procedente, não ter justificativa;
Propriar → Impropriar	tornar-se impróprio ou inadequado;
Quietar → Inquietar	desassossegar, preocupar;
Satisfazer → Insatisfazer	deixar insatisfeito, desagradar;
Sensibilizar → Insensibilizar	fazer perder a sensibilidade, dessensibilizar;
Sonorizar → Insonorizar	tornar insonoro ou mudo;
Tranquilizar → Intranquilizar	deixar intranquilo, causar apreensão, inquietar;

Utilizar → Inutilizar	danificar, destruir;
Validar → Invalidar	tirar a validade, tornar inócuo ou ineficaz;
Viabilizar → Inviabilizar	tornar inviável, impedir.

Quadro 15: Verbos prefixados por in-

Tendo em vista que, em sua maioria, os verbos acima apresentam uma forma adjetiva correspondente, fica evidente que as formações verbais em questão são obtidas via sufixação a partir de adjetivos já prefixados por in-. Por isso, como aponta Oliveira (2004) o sentido negativo de in- prende-se à base adjetival, ou seja, o escopo da negação recai sobre a forma adjetival básica e não sobre a formação verbal como um todo, tendo em vista que *ilegalizar* é “tornar ilegal”, *informalizar* é “tornar informal”, etc. Longo (*apud* Oliveira, 2004) defende que este fato ocorre com todos os verbos prefixados com in-: tanto os sufixados com -izar quanto outros verbos de base adjetiva, como *infecundar*, *incapacitar*, *inabilitar*, etc. Considerando, pois, nossa análise com os adjetivos, vemos que o traço [-Loc] se aplica, por consequência, também a essas formações verbais.

### 5.3 Itens lexicais formados por des-

Do total de 2.569 itens lexicais prefixados pelos dois prefixos aqui estudados, 1.497 são derivados com des-. Desse número, 488 são substantivos, 538 são adjetivos e 471 são verbos. Vejamos como esses dados se configuram no gráfico que segue:

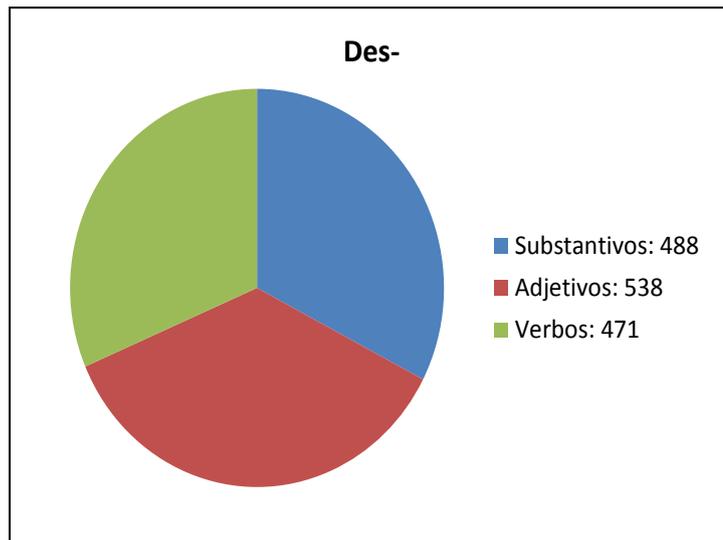


Gráfico 5: Dados Categóricos de des-

De fato, a produtividade desse afixo se dá com substantivos, adjetivos e verbos de forma bastante semelhante. Verificaremos, na seção que trata de substantivos, se há a presença de itens lexicais prefixados por des- que não apresentem estágios derivacionais adjetivais e/ou verbais e qual seria o estágio derivacional precedente mais produtivo com des-.

### 5.2.1 Substantivos

Relativamente aos substantivos, obtivemos 488 ocorrências com o prefixo des-. Deste número, 52 são nomes primitivos ou denominais, ou seja, apenas 10,6% do corpus. Esse fato corrobora a afirmação de Oliveira (2004) no que tange a pouca produtividade desse afixo com substantivos primitivos. Por outro lado, vai de encontro à ideia postulada por Silva e Miotto (2009) de que des- se adjunge apenas a adjetivos e verbos – apesar de o número de ocorrências de substantivos primitivos prefixados por des- não ser, de fato, substancial, não se pode ignorar as existentes. De forma surpreendente, encontramos apenas 16 substantivos (3,2%) que apresentam estágio derivacional anterior adjetival; os 420 substantivos restantes (86%) são deverbais (que se tornaram nomes via sufixação ou via derivação regressiva). Vejamos como isso é apresentado graficamente:

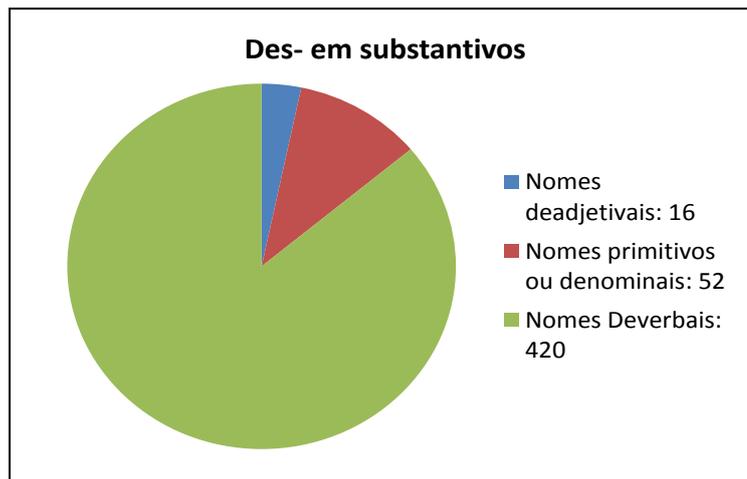


Gráfico 6: Des- em Substantivos

A explicitação desses estágios derivacionais anteriores nos faz enxergar algo que havia nos parecido obscuro no Gráfico 5: parece que a produtividade de des- está de fato ligada a itens lexicais provenientes de verbos.

Vejamos alguns exemplos com seus respectivos significados cunhados por Borba (2002):

<b>Substantivos Primitivos ou Denominais</b>	<b>Significado</b>
Amor → Desamor	desprezo, desafeição;
Harmonia → Desarmonia	desarranjo, desorganização;
Assunto → Desassunto	falta de assunto;
Atenção → Desatenção	desconsideração, desinteresse, distração;
Caso → Descaso	desatenção, desprezo;
Favor → Desfavor	descrédito, desabono;
Graça → Desgraça	miséria, sofrimento, ruína;
Valor → Desvalor	ausência de valor;
Vantagem → Desvantagem	ausência de vantagem; posição de inferioridade;
Vergonha → Desvergonha	desfaçatez, descaramento.

Quadro 16 – Substantivos primitivos prefixados por des-

Para análise semântica do prefixo, como já discutido no capítulo 2 e na seção sobre o prefixo in-, Lieber advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos

negativos, qual seja [-Loc], o qual sinaliza a noção de falta ou privação, caracterizando determinados itens lexicais que apresentam negação através de afixos derivacionais.

De acordo com os dados apresentados no Quadro 16 e com as definições dadas por Borba (2002), vemos que a definição de Lieber se aplica muito convenientemente à maioria das lexias, haja vista a aplicação da noção de falta ou privação relativamente às bases. No entanto, *desgraça* e *desfavor* parecem ser mais idiossincráticos, pois não significam apenas ‘falta de graça’ e ‘falta de favor’, mas se localizam no extremo oposto do significado de suas bases: *desgraça*, como já apresentado, é entendido como miséria, sofrimento, ruína; já *desfavor* parece se remeter a uma negligência ou abandono<sup>18</sup>. Como Lieber lidaria com esses significados idiossincráticos veiculados pelo prefixo em conjunto com bases específicas?

Como já abordado no Capítulo 3 desta dissertação, ao conceber as representações semânticas dos itens lexicais como sendo compostas de duas partes, quais sejam o esqueleto gramático-semântico e o corpo pragmático-semântico, Lieber relega as idiossincrasias ao corpo. Com isso em vista, [Loc] faz parte do esqueleto gramático-semântico, o qual se assemelha, em alguns pontos, com as Estruturas Léxico-Conceituais de Jackendoff. Essa parte da representação é relativamente rígida e formal, responsável pelo estabelecimento dos primitivos, através dos quais é possível desenvolver um sistema de características amplamente transcategorial para a decomposição de significados em morfemas. A segunda parte, qual seja o corpo, é a parte enciclopédica, holística e não-decomposicional, não composta por primitivos e talvez apenas parcialmente formalizável; compreende aquela parte do conhecimento perceptual e cultural que forma a massa da representação lexical.

Considerando que a teoria de Lieber é conscientemente baseada na metáfora anatômica, o esqueleto forma a base do que sabemos sobre morfemas e palavras – é o que nos permite estender o léxico através de vários processos de formação de palavras; já o corpo agrega mais informações e detalhes a essa base: pode agregar mais ou menos dependendo do item lexical em questão e dependendo, também, da representação lexical desse item no léxico mental de cada pessoa em particular. Os corpos podem mudar com o tempo de vida de um item lexical – ganhar ou perder peso, por assim dizer. Os esqueletos, por outro lado, são menos suscetíveis a tais mudanças (LIEBER, 2004, p. 9 e 10)

Portanto, as idiossincrasias presentes nos itens lexicais como *desgraça* e *desfavor* são

---

<sup>18</sup> Parece que, de fato, as idiossincrasias estão mais presentes nos itens lexicais pertencentes à classe dos substantivos, comparativamente às outras classes gramaticais.

parte do corpo pragmático-semântico, considerando que as palavras derivadas, com o tempo, desenvolvem corpos substanciais e distintos em função da sua lexicalização. A lexicalização atua individualmente, item por item, permitindo a existência de uma variada gama de significados em itens lexicais muitas vezes originados pelo mesmo processo.

Lieber afirma que essa variação semântica entre itens formados pelo mesmo processo não advém somente do processo de lexicalização. Na verdade, uma analogia da afirmação de que a semântica da derivação deveria refletir a semântica de itens lexicais primitivos é que os tipos de polissemia que encontramos em palavras primitivas também devem ser encontrados em palavras derivadas. Os principais tipos de polissemia encontrados no léxico comum também são passíveis de serem encontrados nos afixos derivacionais. Essa polissemia surge da composição dos esqueletos e dos efeitos de subdeterminação dos significados neles presentes. É nesse quesito que a escolha de primitivos no sistema é justificada: apenas um sistema de traços pode dar origem ao nível exato de subdeterminação de significado para dar conta da polissemia afixal.

Em se tratando dos poucos nomes derivados de adjetivos, tais como *deslealdade*, *desonestidade*, *descortesia*, *desigualdade*, *desumanidade*, *desuniformidade*, etc., parece-nos que o traço [-Loc] proposto por Lieber se aplica muito convenientemente, licenciando paráfrases com a noção de ‘falta de’: falta de lealdade, falta de honestidade, falta de cortesia, etc. O mesmo se aplica a muitos nomes derivados de verbos, tais como *desafinação*, *desapego*, *desanimação*, *desautorização*, *desconhecimento*, *descontrole*, *descrença*, *desemprego*, etc., os quais podemos parafrasear por: falta de afinação, falta de apego, falta de autorização, falta de conhecimento, falta de emprego, etc. No entanto, alguns nomes deverbais provenientes de verbos de ação-processo parecem não se enquadrar tão facilmente nesse traço: *descongelamento* e *desencarnação* não são interpretados simplesmente como um não-congelamento e uma não-encarnação, haja vista a noção de inversão veiculada por esse prefixo quando adjungido a verbos de mudança, o que repercute, por consequência, nos nomes provindos deles. Borba define *descongelamento* pela sua sinonímia com *liberação* e *degelo*; já em *desencarnação*, o lexicógrafo aponta que se trata de uma separação do espírito, de uma saída do corpo. Relegaríamos essa aparente idiosincrasia ao corpo semântico/pragmático do modelo de Lieber, assim como procedemos com *desgraça* e *desfavor*? Essa discussão será melhor elaborada na parte que concerne aos verbos, mas já adiantamos aqui nossas dúvidas relativamente à precisão descritiva desse modelo, tendo em vista o grande poder explanatório dado por Lieber ao traço [-Loc].

### 5.2.2 Adjetivos

São muitos os adjetivos formados por des- presentes no Dicionário de Usos do Português Brasileiro do Borba (2002), totalizando 538 ocorrências. Deste número, 437 (81,2%) são adjetivos deverbais, 72 (13,3%) são primitivos, deadjetivais ou em última fase de derivação e apenas 29 (5,4%) são denominais. Vejamos como isso se apresenta graficamente:

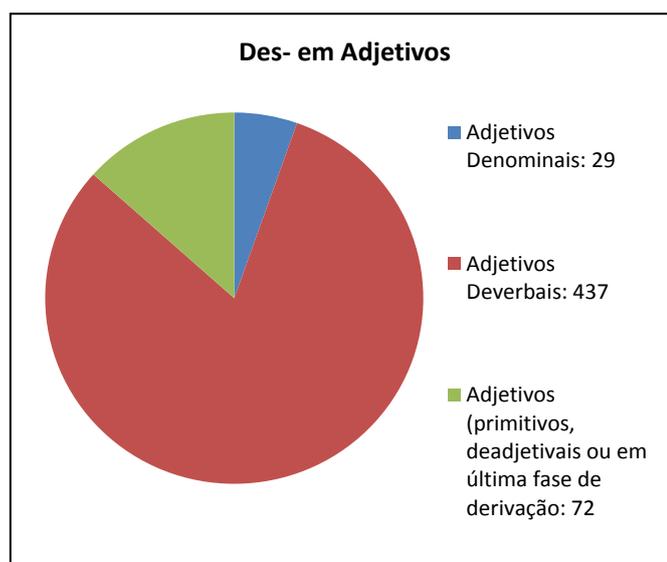


Gráfico 7: Des- em Adjetivos

Como já havia sido notado no Gráfico 6 relativo aos substantivos com des-, a maioria dos itens lexicais adjetivais também são provenientes de verbos. Depois dos deverbais, temos des- se adjungindo a adjetivos primitivos, deadjetivais ou em última fase de derivação e, com o menor número de ocorrências, temos des- se adjungindo a adjetivos denominais.

No início de nossa análise dos dados, nossa intenção era a de apenas comprovar que as afirmações categóricas de Silva e Miotto (2009) – de que in- apenas se adjungia a adjetivos e des- apenas a verbos e adjetivos – deveriam ser encaradas em termos de produtividade. Por isso, resolvemos averiguar os estágios derivacionais anteriores de verbos e substantivos em in- para ver se seria possível encontrar in- se adjungindo, primitivamente, a essas classes; nossas análises comprovaram nossa ideia inicial de que as postulações categóricas dos autores deveriam ser vistas apenas no sentido de produtividade. No entanto, ao analisar os substantivos em des-, além de encontrar, como esperado, um reduzido número de substantivos primitivos ou denominais (10,6% do *corpus*), fomos capazes de constatar, surpreendentemente, que o número de substantivos deadjetivais era ínfimo (3,2% do *corpus* – uma porcentagem ainda mais baixa que a relativa aos substantivos primitivos ou denominais) perante uma afirmação que considera des- como prefixo de adjetivos e de verbos. Com esse

impasse, resolvemos analisar, também, os estágios derivacionais dos adjetivos para verificar se a afirmação dos autores relativa a des- como prefixo também de adjetivos encontraria respaldo nessa categoria. No entanto, como vimos no Gráfico 7, isso não procede, já que o número de adjetivos primitivos ou deadjetivais é muito menor frente ao de adjetivos deverbais.

Com isso em vista, acreditamos que as afirmações de Silva e Miotto (2009) não podem ser encaradas nem no sentido de produtividade para des-, porque, como vimos ao considerar estágios derivacionais precedentes, esse afixo é produtivo apenas com verbos. Em um segundo lugar bem distante, viriam os adjetivos e, por fim, com uma quantidade muito pequena de ocorrências, os substantivos.

Pelo fato de a grande maioria dos adjetivos formados por des- ser deverbal, a quantidade mais considerável desses itens lexicais é formada por sufixos que selecionam verbos para gerar adjetivos, tais como -do (formando adjetivos participiais em que a noção perfectiva se faz presente), -nte, -dor e -vel. Além disso, em menor quantidade de ocorrências, também temos adjetivos primitivos e aqueles formados pelo sufixo -oso, o qual forma, em sua maioria, adjetivos denominais. Assim como explicitado na subseção acerca dos adjetivos prefixados por in-, a nossa divisão dos adjetivos relativamente à sua derivação sufixal é feita apenas no sentido de demonstrar a aplicabilidade do traço [-Loc] aos prefixos quando adjungidos a uma variada gama de tipos adjetivais do PB. Demonstramos também que, assim como a maioria dos substantivos com des- apresenta um estágio derivacional verbal anterior, esse fato também é corroborado no que tange aos adjetivos.

Vejamos alguns dados – as definições para os adjetivos derivados com os prefixos de acordo com Borba (2002) também são apresentadas.

<b>Primitivos</b>	<b>Significado</b>
Amigo → Desamigo	que não é amigo, inimigo;
Contente → Descontente	insatisfeito, desgostoso;
Elegante → Deselegante	que não tem elegância, desairoso, indecoroso;

Igual → Desigual	que apresenta desequilíbrio ou diferença;
Feliz → Desfeliz	infeliz, desditoso;
Leal → Desleal	infiel, desonesto.

Quadro 17: Adjetivos Primitivos prefixados por des-

Assim como ocorre com in-, os adjetivos primitivos com des- apresentam interpretações bastante naturais com o traço [-Loc]: *desleal* é “não leal”, assim como *desigual* é “não igual”. Um exemplo de adjetivo deadjetival seria *descomunal*, o qual é definido como “que tem tamanho ou intensidade fora do normal”; o traço [-Loc] também é aplicável a ele, haja vista a noção de “fora do comum” veiculado pelo prefixo. Os adjetivos derivados, como já revelado no gráfico anterior, apresentam ainda mais ocorrências. Vejamos algumas delas com o sufixo -do (é com este sufixo que exemplificaremos, ao final, o que entendemos por “adjetivos em última fase de derivação”):

<b>-do</b>	<b>Significado</b>
Acomodado → Desacomodado	sem acomodação;
Acreditado → Desacreditado	que perdeu o crédito ou a reputação, malconceituado;
Armado → Desarmado	sem arma;
Colado → Descolado	despegado, desgrudado;
Encarnado → Desencarnado	que deixou o corpo físico, morto;
Merecido → Desmerecido	desacreditado.

Quadro 18: Adjetivos em -do prefixados por des-

Através dessas ocorrências, percebe-se que, diferentemente do que ocorre com in-, ao tentarmos buscar um estágio derivacional verbal nessas lexias, a prefixação com des- torna-se plausível: *desacomodar, desacreditar, desarmar, descolar, desencarnar, desmerecer*. Em termos semânticos, o prefixo des-, através do traço [-Loc], como já mencionado, impõe a interpretação de não localização ou não existência a alguma parte da base: *desacomodado* não está localizado na propriedade de *acomodado*, assim como *descolado* não está localizado na propriedade de *colado*. De forma análoga, as lexias formadas por esse sufixo, tais como *desaldeado, desbandeirado, desbarrigado, desbeijado, descabeçado, desbussolado, desdentado, descinturado*, etc., também são adequadamente descritas por [-Loc], considerando que des- opera no sentido de negar a parte nominal da base: *desaldeado* é alguém sem aldeia, assim como *desdentado* é alguém sem dentes. Muito interessantemente, outros vocábulos sofrem determinada extensão metafórica de significado relativamente ao nominal-base, tendo em vista que, de acordo com Borba (2002):

- *Desbeijado* é algo que teve as bordas destruídas - por extensão da noção de *beijo* ou *boca* humana às bordas de determinados objetos;
- *Desbandeirado* é alguém desgarrado, por extensão da noção de “falta de bandeira”;
- *Desbussolado* é alguém desnordeado, desorientado, por extensão metafórica da noção de “falta de bússola”;
- *Descabeçado* é alguém que não tem juízo, por extensão da noção de “falta de cabeça”;
- *Descinturado* é alguém que não tem jogo de cintura.

Como já apontado, Lieber lida muito bem com essas pequenas nuances de significados diferentes, já que apresenta, no seu modelo, uma estrutura semântica que divide o esqueleto (composto, neste caso, por [-Loc]), do corpo (idiossincrasias provindas da lexicalização particular de determinados itens lexicais derivados).

É importante notarmos que, apesar de encontrarmos substantivos como bases nesses itens lexicais (*aldeia, dente, beijo, bandeira, bússola, cabeça, cintura*), não consideramos essas formações como adjetivos denominais na nossa análise, porque o des- não se adjunge no estágio nominal (\**desaldeia, \*desdente, \*desbeijo, \*desbandeira, \*desbússola, \*descabeça, \*descintura*). Com isso em vista, esses são exemplos em que o prefixo foi adicionado na última fase da derivação, qual seja a adjetival, conjuntamente com -do. Ademais, essa

impossibilidade de adjunção de des- a essas lexias vai ao encontro das análises de Oliveira (2004), nas quais a autora considera a impossibilidade de adjunção de des- a substantivos concretos.

A mesma aplicabilidade de [-Loc] ocorre com os adjetivos em -nte:

<b>-nte</b>	<b>Significado</b>
Burocratizante → Desburocratizante	que desburocratiza;
Crente → Descrente	incrédulo;
Estimulante → Desestimulante	que tira o estímulo, que desanima;
Figurante → Desfigurante	que desfigura;
Infetante → Desinfetante	que destrói microorganismos;
Norteante → Desnorteante	que desnorteia, desorientador.

Quadro 19: Adjetivos em -nte prefixados por des-

Estágios verbais com o prefixo, tais como *descrer*, *desestimular*, *desfigurar*, *desinfetar* e *desnortear*, diferentemente do que ocorreu quando procuramos estágios verbais dos adjetivos em -do formados por in-, são muito naturais, sendo atestados por Borba (2002). A ideia, pois, de “negação + base verbal” nesses casos é expressa, no português, morfologicamente com des-. Novamente aqui, os itens lexicais são adequadamente descritos por [-Loc], haja vista que *descrente* não está localizado na propriedade de *crente* e *desestimulante* não está localizado na propriedade de *estimulante* – e assim por diante.

<b>-dor</b>	<b>Significado</b>
Alentador → Desalentador	desanimador;
Conhecedor → Desconhecedor	que não conhece, ignorante;
Estimulador → Desestimulador	desestimulante;
Intoxicador → Desintoxicador	que desintoxica, desintoxicante;

Merecedor → Desmerecedor	que apouca, que menoscaba;
Organizador → Desorganizador	que desorganiza, desintegrador.

Quadro 20: Adjetivos em –dor prefixados por des-

Os casos em –dor que, quando explicitados no Quadro 12 com a prefixação in-, eram apenas três, apresentam mais ocorrências com des-. Isso se deve, acreditamos, ao fato de esse sufixo ser prototipicamente verbal, o que licencia formações com esse prefixo. Com isso em vista, identificamos, nesses casos, um estágio verbal:

Conhecer → conhecedor

Estimular → estimulador

Merecer → merecedor

Como já explicitamos, Silva e Mioto (2009) apontam que des- pode ser tanto um prefixo verbal como um prefixo adjetival. Nesses casos, podemos dizer que o prefixo des- é adjungido nos estágios verbais de derivação (*desconhecer*, *desestimular*, *desmerecer*) e são consequentemente levados aos outros estágios. Através das nossas análises até então (considerando o gráfico relativo aos substantivos e adjetivos em des- e as análises com esse prefixo feitas até então) vemos que a produtividade deste prefixo é, de fato, muito acentuada com verbos, pois é possível reconhecer estágios derivacionais verbais na grande maioria dos adjetivos formados por des- (como exposto nos dados relativos ao Gráfico 7, em 81,6% dos casos). De qualquer forma, vemos que [-Loc] também se aplica a esses casos, considerando que *desconhecedor* é “não conhecedor”, *desestimulador* é “não estimulador” e *desmerecedor* é “não merecedor”.

<b>-vel</b>	<b>Significado</b>
Aconselhável → Desaconselhável	que não se deve aconselhar ou indicar;
Agradável → Desagradável	que não agrada, incômodo,

	inconveniente, antipático;
Cabível → Descabível	que não tem cabimento;
Confortável → Desconfortável	sem conforto;
Culpável → Desculpável	passível de ser desculpado; perdoável;
Favorável → Desfavorável	que é prejudicial, desvantajoso ou contrário.

Quadro 21: Adjetivos em –vel prefixados por des-

Da mesma forma que acontece nas lexias com -do, -nte e -dor, encontramos facilmente um estágio verbal atestado das lexias com –vel que apresente o prefixo: *desaconselhar*, *desagradar*, *descaber*, *desconfortar*, *desculpar*. Em *desfavorável*, o estágio verbal é posterior, haja vista que o anterior é nominal:

desfavor → desfavorável → desfavorecer

Também nesses casos, [-Loc] é aplicável: *desagradável* não está localizado na propriedade de *agradável*, *desaconselhável* não está localizado na propriedade de *aconselhável*, etc.

<b>-oso</b>	<b>Significado</b>
Ambicioso → Desambicioso	que não tem ambição;
Atencioso → Desatencioso	indelicado, descortês;
Harmonia → Desarmonioso	desarranjo, desorganização
Esperançoso → Desesperançoso	sem esperança, desesperançado;
Honroso → Desonroso	que causa desonra, que avilta;
Prazeroso → Desprazeroso	desagradável.

Quadro 22: Adjetivos em –oso prefixados por des-

No que diz respeito aos dados em –oso, não encontramos estágios verbais precedentes, mas sim nominais, considerando que esse sufixo é prototipicamente nominal. Relativamente a isso, todos os itens lexicais presentes no quadro acima são registrados pelo Borba como apresentando o prefixo em estágio nominal: *desambição*, *desatenção*, *desesperança*, *desonra*, *desprazer*. Novamente, [-Loc] se aplica a esses casos, fazendo com que *desesperançoso* não esteja localizado na propriedade de *esperançoso*, *desprazeroso* não esteja presente em *prazeroso*, etc.

Pelo que se pode observar através da análise dos diversos adjetivos aqui descritos, parece que a descrição de Lieber através do traço [-Loc] é também bastante pertinente, tendo em vista que adjetivos descrevem propriedades de entidades e, através da adjunção de des- a eles, temos a ideia de falta ou negação dessas propriedades. Ademais, é importante notarmos que, de forma diversa à nossa análise dos substantivos provenientes de verbos de mudança, no caso dos adjetivos *descolado* e *desencarnado* (e de outros formados à semelhança), a ideia que se aplica à base através do prefixo des- é de simples negação e poderia ser parafraseada por não-colado e não-encarnado. Isso se deve ao caráter perfectivo adicionado pelo sufixo -do, o qual elimina a noção de processo veiculada pelo verbo correspondente ao acrescentar uma semântica estativa, característica da classe dos adjetivos.

Algumas interpretações que extrapolam um pouco as noções de privação das propriedades denotadas pela base podem ser facilmente relegadas ao corpo pragmático-semântico do modelo de Lieber, assim como procedemos acerca dos nomes *desgraça* e *desfavor*, considerando que, ao lidarmos com itens lexicais derivados, algumas idiosincrasias podem surgir no processo de lexicalização. *Descaído* e *desfalecido* são exemplos de vocábulos que apresentam essa idiosincrasia, haja vista que *descaído* não é “não caído”, assim como *desfalecido* não é “não falecido”: parece que des- funciona, nesses casos, como um operador semântico com a noção de “em vias de”, “parecido com”, já que *descaído* é entendido como *inclinado* e *desfalecido* é interpretado como *desmaiado*, *abatido*, *sem forças*. Mais uma vez, julgamos que Lieber trata bem dessas lexias derivadas através da existência, em seu modelo, de um corpo pragmático-semântico.

### 5.2.3 Verbos

São muitos os verbos formados pelo prefixo *des-* em nossos dados, totalizando 472 ocorrências. São verbos classificados, de acordo com Borba (2002), como de estado, ação, processo e ação-processo. Começaremos pela análise dos verbos de estado; vejamos alguns dados:

Verbos de Estado	Significado
Amar → Desamar	não amar, malquerer;
Apreciar → Desapreciar	não gostar, repudiar;
Crer → Descrer	não crer, desacreditar;
Deixar → Desdeixar	ser impedimento;
Lembrar → Deslembrar	não ter lembrança, olvidar;
Querer → Desquerer	não ter intenção, não querer.

Quadro 23: Verbos de estado prefixados por *des-*

Através dessas definições, fica claro que o traço [-Loc] é capaz de dar conta desses itens derivados, haja vista serem de semântica estativa, assim como os adjetivos: *desamar* é não amar, *descrer* é não crer e *deslembrar* é não ter lembrança, ou seja, *des-* opera através de [-Loc] no sentido de simplesmente negar a base. Mesmo com lexias como *deslembrar*, registradas pelo Borba (2002), mas pouco naturais aos falantes, o traço opera normalmente. Ademais, é importante notarmos que a ideia de reversão, assim como foi defendida por Silva e Miotto (2009) acerca da semântica de *des-* com quaisquer bases verbais, não se aplica necessariamente a esses, haja vista a noção estativa de suas bases<sup>19</sup>.

Vejamos agora se o traço de Lieber se aplica também aos outros tipos de verbos.

<sup>19</sup> Apesar de as definições de Borba contemplarem apenas uma noção estativa de negação nesses casos, muitos falantes interpretam *des-* como um sufixo produtivo de semântica reversativa quando ligado a verbos em geral. Na maioria dos casos, ambas as interpretações (negação e reversão) são possíveis, e é provável que, em formações recentes, o sentido mais prototípico disparado por *des-* seja mesmo o de reversão. Dada sua polissemia, vemos que um estudo mais detalhado acerca do percurso histórico desse afixo em português se faz pertinente para que os efeitos da diacronia sejam melhor explicitados e filtrados na formalização semântica.

<b>Verbos de Ação</b>	<b>Significado</b>
Aprovar → Desaprovar	não concordar, reprovar;
Atender → Desatender	não atender, desconsiderar;
Considerar → Desconsiderar	não levar em consideração
Cumprir → Descumprir	deixar de cumprir; desobedecer, infringir;
Cuidar → Descuidar	não atentar para; desprezar, ignorar;
Obedecer → Desobedecer	não se submeter, rebelar-se, transgredir.

Quadro 24: Verbos de ação prefixados por des-

Da mesma forma que ocorre com os verbos estativos, os verbos de ação prefixados, em sua maioria, parecem ser, também, capazes de serem descritos de forma adequada pelo traço [-Loc], haja vista a negação operada sobre a base: *desaprovar* é não aprovar, *desconsiderar* é não levar em consideração, *desobedecer* é não obedecer, etc. No entanto, há alguns verbos classificados por Borba como de ação, tais como *descomprar* e *desassociar*, que não podem ser parafrazeados simplesmente por ‘não comprar’ e ‘não associar’, tendo em vista que o primeiro é definido por ‘desfazer uma compra’ e o segundo é sinônimo de ‘desvincular’. Há uma noção de inversão adjungida à negação nesses casos. Mesmo que Lieber defenda que [-Loc] seja a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa, incluindo nessa representação a possibilidade de origem do significado de reversão, acreditamos que, em sendo assim, seu traço apresenta um poder explanatório muito grande ao postular que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base. Continuaremos com a análise dos verbos de processo e ação-processo, muito produtivos em nosso *corpus*, e, ao final, retomaremos essa discussão, sugerindo uma possível solução para o problema.

<b>Verbos de Processo</b>	<b>Significado</b>
Aprumar → Desaprumar	perder a compostura;
Assimilar → Desassimilar	esquecer o que se assimilou, desincorporar;
Ancorar → Desancorar	sair do ancoradouro;
Confiar → Desconfiar	perder a confiança, tornar-se desconfiado;
Corar → Descorar	perder a cor, tornar-se descolorido, desbotar;
Enfiar → Desenfiar	sair de onde estava enfiado.

Quadro 25: Verbos de processo prefixados por des-

<b>Verbos de ação-processo</b>	<b>Significado</b>
Arrumar → Desarrumar	tirar da ordem, desfazer;
Atrelar → Desatrelar	tirar ou soltar da trela;
Bloquear → Desbloquear	retirar os obstáculos; desimpedir, bloquear;
Caracterizar → Descaracterizar	alterar o caráter, fazer perder as características básicas;
Cobrir → Descobrir	tirar a cobertura;
Encantar → Desencantar	desfazer, tirar o encanto ou encantamento.

Quadro 26: Verbos de ação-processo prefixados por des-

A maioria dos verbos de processo e ação-processo denota, ao ser prefixada por des-, a ideia de reversão. Como já exposto quando analisamos alguns verbos de ação, acreditamos

que [-Loc] não é capaz de adequadamente descrever essa semântica, haja vista que nada impediria que des- veiculasse o significado de pura negação a lexias como *cobrir*, *corar*, *arrumar*, *encantar*, etc. Se assim o fizesse, [-Loc] atuaria adequadamente, gerando interpretações como “não cobrir”, “não corar”, “não arrumar”, “não encantar”, etc. Como sabemos, não é esse o caso, considerando que *descobrir* é “tirar a cobertura”, *desarrumar* é “tirar da ordem”, *desencantar* é “tirar o encanto” e assim por diante. Mesmo que verbos com o prefixo *des-* não precisem necessariamente pressupor o evento correspondente ao verbo sem o prefixo, como defendem Medeiros (2010) e Ribeiro (2014), acreditamos que, em última análise, essa pressuposição faça parte da interpretação *default* desses verbos derivados, tendo em vista que as definições dadas a eles geralmente incluem a noção de ‘perder algo’ relativamente à semântica da base.

### 5.3 Uma possível solução para o problema

Acreditamos que a solução para melhor descrever verbos que apresentam a noção de reversão quando prefixados por *des-* está no próprio sistema de traços proposto por Lieber e apresenta uma clara correlação com a proposta de Ribeiro (2014) para o tratamento de eventos. Considerando a ideia do pesquisador de que a contribuição semântica do prefixo *des-* para a estrutura léxico-conceitual de um evento seja a inversão da direção da trajetória de mudança, faz sentido postular que *des-* reversativo precisa ter em seu esqueleto semântico não apenas o traço [-Loc], mas também a noção de trajetória, veiculada pelo traço [+IEPS] no modelo de Lieber. Na verdade, esse traço já se faz presente em todos os verbos que implicam processos de mudança e, ao adicionarmos o prefixo negativo, o traço [-Loc] atua sobre [+IEPS], não anulando a presença da trajetória (que seria representada por [-IEPS]), mas invertendo a direção da mesma. Com isso em vista, temos um ganho descritivo muito grande, pois damos conta da inegável relação de proximidade existente entre as noções de negação e reversão fazendo uso de apenas dois traços semânticos: [-Loc] atuando autonomamente em lexias que não apresentam a noção de trajetória, ou seja, em itens lexicais de semântica de estado e/ou ação (sejam elas substantivos, adjetivos ou verbos), veiculando a noção de pura negação (ou a noção de ‘falta de’); e [-Loc] atuando sobre o traço [+IEPS], o qual já estaria presente em itens lexicais que denotam a noção de processos de mudança (sejam eles verbos ou substantivos deverbais), veiculando a noção de reversão desse processo (invertendo a direção da trajetória que o item lexical sem prefixo tomaria).

Quando expusemos nosso referencial teórico, no capítulo 3, explicitamos rapidamente o traço [IEPS] e sua atuação no modelo de Lieber. Retomemos agora como esse traço é descrito por ela e a sua pertinência para a descrição da prefixação negativa em verbos que implicam mudança:

- [+/- IEPS]: sigla para *Inferable Eventual Position or State* (Posição ou Estado Final Inferível), permite capturar algumas das principais classes aspectuais dos verbos. Se esse traço for positivo em determinado item lexical, teremos uma sequência tal de lugares/estados em que haja, em algum ponto entre o lugar/estado inicial e final, alguma progressão em direção ao estado/lugar final. Se esse traço for negativo, não podemos fazer nenhuma inferência sobre a progressão de lugares/estados. A adição desse traço na caracterização dos itens lexicais sinaliza a adição do componente de significado *trajetória*.

A pesquisadora argumenta que esse traço nos permite distinguir um número significativo de classes verbais:

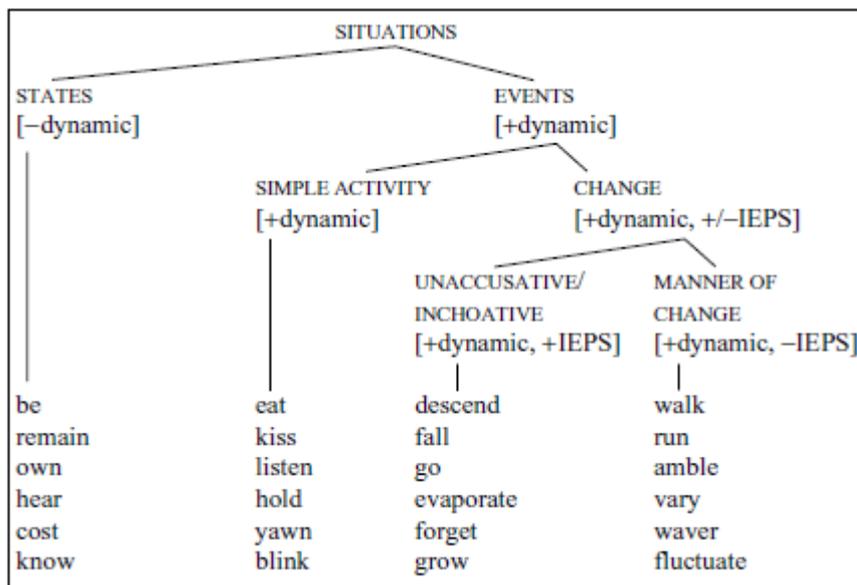


Figura 7: Classes verbais e seus traços (LIEBER, 2004, p.30)

Com isso em vista, relativamente aos verbos, ele é adicionado ao traço [+dynamic] para distinguir uma subclasse de verbos que denotam movimento ou mudança em trajetórias direcionadas de uma classe que denota movimento ou mudança com uma trajetória ao acaso. A primeira classe é composta por verbos inacusativos/incoativos, tais como *cair*, *ir*, *evaporar*,

*esquecer, crescer, etc.*, e a segunda por verbos de forma de movimento, como *caminhar, correr, flutuar, oscilar, etc.* Verbos com o traço [IEPS] são aqueles em que alguma mudança de lugar ou estado acontece, seja essa mudança direcionada ([+IEPS]) ou casual ([-IEPS]). Verbos sem esse traço são verbos de atividades simples para os quais a noção de trajetória é irrelevante. Ademais, as noções de espaço e tempo são tratadas da mesma forma nesse traço.

Isso naturalmente explica a impossibilidade de adjunção de *des-* a verbos que denotam apenas o modo de mudança e não implicam nenhum tipo de deslocamento através de uma trajetória, tais como *\*descorrer, \*despular* ou *\*desflutuar*. No entanto, ainda não esclarece a agramaticalidade de construções do tipo *\*descrescer* (a agramaticalidade de *\*desesquecer* é explicada através da noção de bloqueio gerada pelo verbo *lembrar*). Com isso em vista, acreditamos que os itens lexicais individualmente fornecem a informação de “possibilidade de reversão da trajetória”. Em havendo essa possibilidade, o traço [-Loc] é o que será responsável por ela.

Lieber (2004, p. 34) defende que essa decomposição de traços desenvolvida por ela não deve ser vista como uma variante do sistema de representação de Jackendoff (1990), tendo em vista que o pesquisador não divide os verbos explicitamente em classes. A pesquisadora defende que os primitivos (CAUSE, INCH, BE e GO) de Jackendoff são usados de maneira a possibilitar a distinção entre algumas classes de verbos, classes essas que ela própria também distingue. A diferença, argumenta Lieber, é que o modelo do pesquisador não é capaz de abarcar todas as classes que ela é capaz de descrever através de seu modelo. Para os interesses deste trabalho de dissertação, julgamos que o modelo de Lieber é, de fato, o mais pertinente, haja vista que sua proposta de descrição semântica é transcategorial.

No que tange, mais especificamente, a possibilidade de descrição de *des-*, Ribeiro (2014), na linha de proposta de Jackendoff (1983), analisa o caso dos verbos *descongelar* e *desorganizar* (como já visto no capítulo 2). Retomando suas análises, temos que a mudança de estado envolvida em verbos como *congelar* deve ser representada por meio dos predicados GO e TO. O prefixo *des-*, então, modificaria essas representações revertendo a direção da mudança de estado com a introdução do predicado FROM:

(1) a . O lago congelou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing LAGO<sub>i</sub>], [Path TO<sub>Circ</sub> [State BE<sub>Ident</sub> ([Thing X<sub>i</sub>], [Place AT<sub>Ident</sub> ([Property CONGELADO ])]))]]]

(2) a . O lago descongelou.

b. [Event GO<sub>Circ</sub> ([Thing LAGO<sub>i</sub>], [Path FROM<sub>Circ</sub> [State BEIdent ([Thing X<sub>i</sub>], [Place ATIdent ([Property CONGELADO ])]))]]]

(RIBEIRO, 2014, p. 133)

No que diz respeito aos verbos de mudança, nossa análise em muito se assemelha à de Ribeiro. No entanto, para o pesquisador, faltaria explicar a aplicação de des- a verbos de estado e, também, a nomes e adjetivos. Tendo em vista que o modelo de Jackendoff não é transcategorial como o de Lieber, a descrição da prefixação de des- com outras bases que não sejam verbais não é tão óbvia. Ainda assim, poder-se-ia lançar mão do primitivo BE para tanto:

3) Meu quarto está organizado.

[State BEIdent ([Thing QUARTO], [Place ATIdent ([Property ORGANIZADO])]]]

(Adaptado de Ribeiro, 2014, p.18)

Considerando que a propriedade do quarto de “estar organizado” é analisada metaforicamente, em paralelo com o campo espacial, como a localização deste objeto na propriedade “organizado”, ao adicionarmos des- ao adjetivo, estamos negando a localização deste objeto nessa propriedade. Isso poderia ser feito aplicando o primitivo NEG a *Place*, analogamente à valoração negativa do traço [Loc] de Lieber, o qual sinaliza a noção de falta ou privação a itens lexicais que teriam como relevante a posição ou lugar no tempo/espço.

Não é nosso intuito aqui analisar nossos dados também conforme o modelo de Jackendoff (1983); no entanto, pensamos que algumas relações poderiam ser tracejadas. Diferentemente do modelo do pesquisador, o sistema de Lieber, por ser transcategorial, parece apresentar soluções descritivas mais uniformes tanto para verbos quanto para substantivos e adjetivos.

É importante notarmos que Lieber (2004) sugere a presença do traço [+IEPS] nos verbos de mudança que, quando prefixados por des- (no caso do inglês, prefixados por un- ou dis-), apresentam a semântica de reversão:

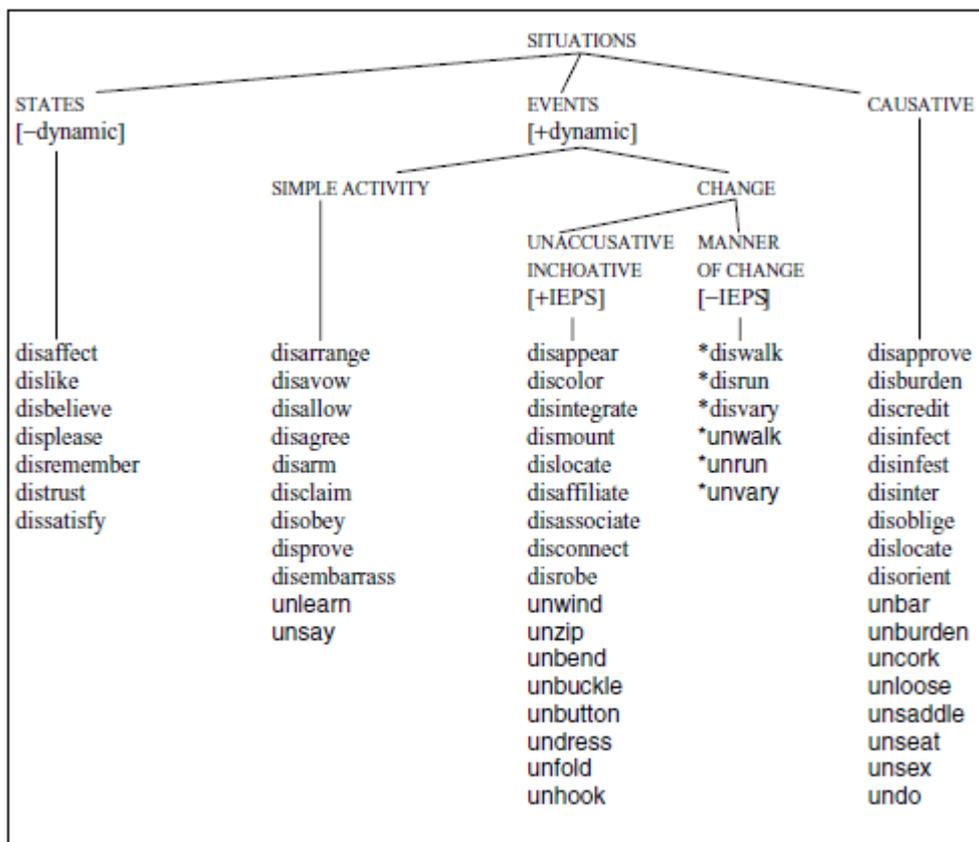


Figura 8: Classes verbais – possibilidade de prefixação negativa (LIEBER, 2004, p. 116)

Com esse quadro em vista, temos claro que os afixos dis- e un- não se adjungem a verbos que apresentam o traço [-IEPS], ou seja, a verbos que implicam alguma mudança, mas não uma mudança direcionada. A pesquisadora aponta que esses prefixos se adjungem com relativa liberdade a verbos que são causativos ou alternantes causativos/incoativos, os quais apresentam bases que implicam um resultado que não é fixo ou permanente. Nesses verbos, Lieber defende, o traço [-Loc] tem escopo sobre o resultado, assegurando que ele não tenha mais existência. Com isso em vista, a autora defende que não há necessidade de postular um significado reversativo distinto do significado negativo mais geral, representado por [-Loc]. A pesquisadora aponta que o significado reversativo surge sempre que houver uma determinada estrutura semântica da base sobre a qual o traço [-Loc] possa ter um resultado não permanente como escopo. Essa ideia segue a linha de Horn (2001) e Medeiros (2010), os quais igualmente entendem a reversão como a negação de um estado resultante de um verbo de mudança. De forma análoga à de Ribeiro (2014), defendemos neste trabalho a ideia de que, em havendo a noção de trajetória em determinados itens lexicais, a prefixação negativa atuará no sentido de inverter a direção de mesma; com isso, não precisamos lançar mão de um suposto estado resultante proveniente do verbo.

Ao defender que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada ao certo quando este estiver em contato com sua base, Lieber atribui um papel fundamental à semântica da mesma. Com isso em vista, acreditamos que o modelo da pesquisadora perde um pouco de credibilidade, pois apresenta um poder explanatório muito grande. Como já mencionamos na análise de nossos dados, acreditamos que [-Loc] seja, de fato, capaz de adequadamente descrever a privação, a negação contrária e a negação contraditória, até porque, em última análise, não acreditamos que haja diferenças significativas entre essas três nuances de significado. No entanto, relativamente à inversão, defendemos a premência de um refinamento da descrição e, para tanto, lançamos mão da necessidade de explicitação do traço de trajetória presente na base dos verbos de mudança, qual seja [+IEPS], sobre o qual [-Loc] atua ao inverter a direção da mesma.

Como já dissemos, está claro que Lieber considera que o traço [+IEPS] esteja presente nos verbos de processo de mudança – inclusive, segundo a pesquisadora, a noção de trajetória está também no esqueleto semântico dos verbos causativos. O que advogamos neste trabalho é que essa noção deva ser mais enfatizada, pois é ela a responsável por essa nuance de significado parcialmente diversa: em havendo o traço [+IEPS] na base de determinadas lexias, [-Loc] não resultará em simples negação.

### 5.3.1 Retomando os dados de Schwindt (2001)

No primeiro capítulo desta dissertação, relatamos o estudo de Schwindt, o qual apresenta uma proposta de segmentação semântica do prefixo *deS-*, com o intuito de explicar seu comportamento fonológico diferenciado. Não é de nossa alçada, neste trabalho, verificar as implicações fonológicas dos vocábulos em questão, mas podemos dizer que a divisão semântica proposta pelo pesquisador no Quadro 3 (o qual reproduzimos novamente abaixo) apresenta claras correlações com a ideia que aqui defendemos.

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLOS	NÍVEL
deS <sub>priv-</sub>	ausência, afastamento, privação	deslocado desmentir destruído destituído	nível 1
deS <sub>neg-</sub>	negação (= não)	desfavorável desestruturado desestimulado	nível 2

Quadro 3: Prefixo Des- (SCHWINDT, 2001)

O pesquisador aponta que, na derivação de *destruído*, o prefixo  $deS_{priv-}$  é inserido no nível 1, atacando a base ainda em formação, enquanto *desestimulado* é prefixado por  $deS_{neg-}$  no nível 2, quando a base já sofreu epêntese. Também em nossas análises, vemos que há uma relação importante estabelecida na base para diferenciar a simples negação da inversão, qual seja a presença do traço [+IEPS]. Fica claro, pois, que a presença da noção de trajetória na base de determinados vocábulos licencia uma interpretação diferente dos mesmos quando prefixados negativamente.

Outra questão que merece nota é a de que em verbos e nomes deverbais que denotam processos de mudança, [+IEPS] está presente, como em *descongelar* e *descongelamento* – por isso que paráfrases com simples negações não funcionam nestes casos: *descongelar* não é “não congelar” e *descongelamento* não é “não congelamento”. No entanto, em itens lexicais adjetivais, principalmente os participiais, o traço de trajetória já não se faz mais presente na base, tendo em vista a noção perfectiva adicionada por sufixos como -do, o que licencia descrições com o traço [-Loc] apenas: *descongelado* é “não congelado”.

Com isso em vista, é evidente que os exemplos apresentados no Quadro 3 pelo pesquisador não se encaixam totalmente em nossa análise. Mesmo assim, julgamos conveniente retomá-los para evidenciar a importância que a noção de base em formação, juntamente com a consideração dos traços semânticos presentes nela, apresenta – não só para os estudos fonológicos como também para os semânticos. Talvez bases que denotem trajetória, em contato com o prefixo des-, apresentem um comportamento fonológico diverso das bases estativas em contato com o mesmo prefixo. Essas são apenas divagações; deixamos para trabalhos futuros a tentativa de uma sistematização adequada de ambos os aspectos linguísticos conjuntamente.

#### **5.4 Sistematização das ideias e perspectivas para estudos futuros**

Através das considerações apresentadas neste capítulo, percebemos que a polêmica acerca da postulação de dois des- homófonos para o português encontra respaldo teoricamente. Pesquisadores que defendem que a inversão deve ser encarada de forma diferente que a negação têm seu olhar focado na questão da trajetória ([+IEPS]) propriamente

dita, enquanto aqueles que defendem a existência de um único des- analisam o processo de negação de forma mais global.

Em consonância com esses últimos, defendemos neste trabalho que não há dois des-, um para negação e outro para reversão, tendo em vista que sua semântica apresenta essa variação devido às bases com as quais se concatena – a ideia de negação é expressa autonomamente por [-Loc], enquanto a de inversão é proveniente da atuação conjunta de [-Loc] e [+IEPS]. Ao analisar itens lexicais que não apresentam a noção de trajetória prefixados negativamente, o traço [-Loc] é suficiente para adequadamente descrevê-los; já no que tange à inversão (ou reversão), precisamos considerar também o traço [+IEPS], presente na base de itens lexicais que denotam processos de mudança, como responsável por des- apresentar uma semântica mais complexa quando submetido à presença de [-Loc]. De qualquer forma, seja autonomamente em itens lexicais estativos, seja conjuntamente com [+IEPS] em itens lexicais que denotam processos de mudança, [-Loc] se faz presente nos dois casos, e é com base nisso que defendemos, assim como Medeiros (2010), a existência de apenas um des- no português.

Com essa análise em vista, vemos que uma divisão de verbos mais simples daquela proposta por Oliveira (2009), uma proposta que apenas diferencie verbos que apresentam a noção de trajetória (verbos de processo de mudança) dos que não apresentam essa noção em seu esqueleto (verbos de estado e/ou de atividade simples, ação), já seja capaz de adequadamente descrever o sentido veiculado pelo prefixo: quando adjungido a verbos de estado e/ou ação sem trajetória, o sentido veiculado é o de simples negação; quando adjungido a verbos de processo de mudança direcionada, o sentido apresentado é o de reversão desse processo. Ademais, as noções semânticas de “oposição”, “contrário de”, “ausência”, “falta de” e “negação”, também propostas por Oliveira (2009), podem ser consideradas como desmembramentos do traço-chave [-Loc], e a noção de “reversão” (ou inversão) pode ser vista como o resultado da atuação de [-Loc] sobre [+IEPS].

Com isso em mente, surge um questionamento: será que o traço [+IEPS] também não deveria estar presente na nossa descrição dos verbos prefixados por in-, tais como *impossibilitar*, *inviabilizar*, *impermeabilizar*, haja vista serem causativos e, por consequência, apresentarem a noção de trajetória em seu esqueleto? Nossa solução anterior foi a de, na linha de Oliveira (2004), postular que [-Loc] atuaria sobre o adjetivo, gerando paráfrases com *tornar*: tornar impossível, tornar inviável, tornar impermeável. De qualquer forma, não nos parece distante a noção autônoma de [-Loc] nessas lexias, já que podemos dizer que

*impossibilita* é não possibilitar. A polêmica com verbos prefixados por in- não chega perto da polêmica com des-, tendo em vista sua baixa produtividade. De qualquer forma, deixamos para estudos futuros a averiguação de qual seria a melhor forma de descrição desses verbos.

Outra questão que ainda merece um estudo mais detalhado concerne à semântica dos verbos. A divisão de Borba em verbos de estado, ação, processo e ação-processo não dá conta da noção de trajetória, considerando que alguns verbos de ação ora apresentam uma leitura estritamente negativa com des-, ora apresentam a noção de reversão. Acreditamos que, se atentarmos para os diversos traços propostos por Lieber para a divisão dos verbos em classes, teremos sistematizações mais claras e contundentes acerca da interação deles com [-Loc]. Deixamos essa investigação para trabalhos futuros.

Com essas ideias em vista, passemos, pois, às nossas considerações finais – seção na qual retomaremos nossas análises, sistematizando-as.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, nos propusemos a estudar os aspectos categoriais e semânticos de dois prefixos de negação do português brasileiro, quais sejam /in-/ e /des/, haja vista a também necessidade de caracterização do significado de unidades lexicais complexas. Com a evidência de que os prefixos de negação apresentam uma variada gama de categorias lexicais às quais eles podem se adjungir (nomes, adjetivos e verbos), buscamos, neste trabalho, delinear como cada um dos prefixos de negação mencionados aparece em relação às bases com as quais eles se concatenam e a semântica por eles atualizada.

Para tanto, no primeiro capítulo, fizemos uma revisão dos processos de formação de palavras no português, retomando antigos debates acerca das diferenças entre flexão e derivação e, também, entre derivação e composição. A prefixação pode ser vista como estando, em alguns momentos, no entremeio dos processos derivacionais e composicionais, considerando que a distinção entre bases presas e prefixos é de difícil percepção em termos sincrônicos. Após esse debate, trouxemos algumas ideias presentes no trabalho de Lee (1997), o qual apresenta, na análise de seus dados, um tratamento unificado para a composição e para a afixação, dispensando as diferentes regras de formação de palavras ao considerar que todos os elementos morfológicos não passíveis de serem analisados são definidos conjuntamente nas entradas lexicais. Como fechamento do capítulo, referenciamos as considerações de Schwindt (2001) acerca do comportamento fonológico ambíguo dos prefixos no português e sua proposta de segmentação dos mesmos através de uma análise morfofonológica.

No segundo capítulo, apresentamos as diversas descrições e discussões acerca dos prefixos de negação in- e des- presentes na literatura linguística do português brasileiro. Ao revisitar as principais ideias já propostas por estudiosos que se debruçaram sobre o tema, delineamos a importância de suas contribuições para o desenvolvimento do nosso trabalho de dissertação. Primeiramente, abordamos os argumentos de Silva e Miotto (2009), os quais defendem a existência de uma seleção rígida feita pelos prefixos, à semelhança do que acontece com os sufixos; essas considerações foram posteriormente verificadas no momento de análise de nossos dados relativamente aos aspectos categoriais. Também elucidamos as contribuições de Alves (2004) e Oliveira (2004) concernentes a in- e, por fim, trouxemos as considerações de Alves (2004), Oliveira (2004, 2009), Schneider e Bidarra (2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014) relativamente ao prefixo des-.

No capítulo terceiro, apresentamos em detalhe o arcabouço teórico advogado por Lieber (2004), com foco especial no traço proposto pela pesquisadora para tratar dos afixos de negação. Para tanto, revisitamos seus principais motivos e questionamentos para a construção de um aparato teórico capaz de lidar especificamente com a semântica de afixos e, após, delineamos os traços semânticos por ela propostos, com o intuito de poder abordar de forma mais refinada o traço [Loc] e a sua relação com os prefixos de negação posteriormente. Abordamos também as exemplificações de Lieber com o traço [-Loc] em dados de língua inglesa e correlacionamos seus resultados com dados do português.

No quarto capítulo, apresentamos nossos procedimentos metodológicos. Primeiramente, apresentamos a fonte de nosso corpus, qual seja o Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco Borba (2002), explicitando sua organização e funcionamento. Pelo fato de esse dicionário ter como base a língua escrita no Brasil na segunda metade do Século XX, sua preocupação de registro do uso efetivo do sistema linguístico, num período e local bem determinados, torna-o diferente de outras obras do gênero. Com isso em vista, através da nossa fonte de dados, fomos capazes de verificar a plausibilidade de determinadas análises categoriais e semânticas frente a um considerável número de ocorrências que estão efetivamente registradas e que fazem parte do dia a dia dos falantes brasileiros.

Com o intuito, pois, de analisar os itens lexicais prefixados por des- e in-, a recolha de nossos dados foi transcategorial, englobando substantivos, adjetivos e verbos por eles formados e restringindo-nos apenas aos vocábulos em que des- e in- veiculam o sentido de negação e/ou reversão. No que diz respeito à análise categorial, nos valem dos argumentos de Silva e Miotto (2009), os quais advogam pela ideia de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam: in- apenas seleciona adjetivos e des- seleciona, além de adjetivos, também verbos. Ademais, os autores defendem a existência de dois afixos des- homófonos: um verbal, aplicando o sentido de reversão, e o outro adjetival, atualizando o sentido de um tipo de negação. Juntamente com a análise categorial, procedemos no sentido de verificar se a proposta de Lieber, a qual advoga por uma única característica na descrição semântica dos prefixos negativos, qual seja [-Loc], reflete o apresentado em nossos dados.

Nossos resultados foram os que seguem. Em termos categoriais, para in-:

- De um total de 1072 ocorrências, 726 são adjetivos, 316 são substantivos e 30 são verbos. Sem considerar estágios derivacionais anteriores, podemos dizer que in- é muito produtivo com a classe dos adjetivos, seguido da classe dos nomes e, por último, com um ínfimo número de ocorrências, da dos verbos.
- Ao considerarmos a explicitação de estágios derivacionais precedentes, parece-nos que a postulação de uma seleção rígida para o prefixo in-, em que este só se adiciona em estágios adjetivais, não é capaz de condizer com os dados, tendo em vista que:
  - a) Obtivemos 316 ocorrências de substantivos prefixados por in-. Deste número, consideramos que 100 são nomes primitivos, denominais ou deverbais que não apresentam um estágio adjetival em sua formação.
  - b) Encontramos apenas 30 ocorrências de verbos prefixados por in-. Deste número, 6 são primitivos.

É claro que a grande maioria dos nomes prefixados por in- de fato apresenta um estágio adjetival anterior à formação do substantivo. No que tange aos verbos prefixados por in-, afora esses seis, os outros são todos deadjetivais. Com isso em vista, parece-nos que a postulação de uma seleção rígida para o prefixo in-, em que este só se adicione em estágios adjetivais (in-), não é capaz de condizer com os dados. Por isso, acreditamos que essas afirmações de Silva e Miotto (2009) devam ser consideradas não em termos categóricos, mas antes em termos de produtividade. Em sendo assim, ganham muito respaldo através do nosso *corpus*.

Em termos categoriais, para des-:

- De um total de 1497 ocorrências, 538 são adjetivos, 488 são substantivos e 471 são verbos. Sem considerar estágios derivacionais anteriores, podemos dizer que des- é bastante produtivo com todas as classes gramaticais, não apresentando diferenças numéricas muito significativas entre uma e outra.
- Ao considerarmos a explicitação de estágios derivacionais precedentes, parece-nos, novamente, que a postulação de uma seleção rígida para o prefixo des-, em que este só se adicione em estágios adjetivais e verbais, não é capaz de condizer com os dados, tendo em vista que:

- a) Obtivemos 488 ocorrências de substantivos prefixados por des-. Deste número, 52 são nomes primitivos ou denominais e 16 são nomes deadjetivais; os 420 restantes são deverbais.

Com esse resultado acerca dos substantivos, em que apenas 16 (3,2%) são nomes deadjetivais, vemos a impossibilidade de considerar as afirmações de Silva e Miotto (2009) no sentido de produtividade. Com o intuito de melhor respaldar nosso argumento, resolvemos analisar os estágios derivacionais precedentes também dos adjetivos:

- b) Dos 538 adjetivos do corpus, 437 são adjetivos deverbais, 72 são adjetivos primitivos, deadjetivais ou em último estágio de derivação e 29 são adjetivos denominais.

Considerando que 86% dos substantivos apresentam um estágio verbal anterior e 81,2% dos adjetivos também, defendemos neste trabalho que, ao analisar estágios precedentes de derivação, des- é produtivo apenas com verbos. Relativamente a des- em adjetivos, as afirmações de Silva e Miotto (2009), que já não procederiam em termos categóricos, também não encontram respaldo em termos de produtividade. A descrição semântica dos autores (a qual aponta que des- em adjetivos é negação e des- em verbos é reversão) também não é corroborada pelos dados, considerando que, em verbos estativos, a noção atualizada por des- pode também ser de simples negação.

De forma geral, sem considerar estágios derivacionais anteriores, analisando apenas as ocorrências registradas nas entradas no Dicionário de Usos do PB do Borba (2002), podemos dizer que in- é produtivo com adjetivos e substantivos e des- é produtivo com adjetivos, substantivos e verbos. Em averiguando estágios derivacionais precedentes, constata-se que in- é produtivo com adjetivos e des- o é com verbos.

Em termos semânticos, Lieber advoga por uma única característica na descrição dos prefixos negativos, qual seja [-Loc]:

- O traço [Loc] é atribuído a itens lexicais para os quais posição ou lugar no tempo/espaço são relevantes; conseqüentemente, em itens que não obtiverem esse traço, ou seja, itens [-Loc], a noção de posição ou espaço é irrelevante. Com efeito, Lieber assinala, [-Loc] sinaliza a noção de falta ou privação, principalmente na

caracterização de determinados verbos, nomes e adjetivos que apresentam negação através de afixos derivacionais.

- a) Tendo em vista os substantivos prefixados por in-, parece-nos que o traço [-Loc] é capaz de dar conta de sua semântica, tanto dos nomes primitivos quanto dos deverbais e deadjetivais, licenciando paráfrases com a noção de “falta de”.
- b) No que diz respeito aos adjetivos prefixados por in-, parece que a descrição através do traço [-Loc] é também bastante pertinente, tendo em vista que adjetivos descrevem propriedades de entidades e, através da adjunção de in- a eles, temos a ideia de falta ou negação dessas propriedades.
- c) Acerca de um suposto traço semântico presente nas bases adjetivais capaz de licenciar a presença de des- ou in-, não acreditamos existir, tendo em vista que Borba (2002) registra formas análogas com ambos os prefixos: *desamigo e inimigo, desfeliz e infeliz, descrente e incrédulo*, etc. Parece mesmo que, em se tratando de adjetivos especificamente, des- e in- são concorrentes.
- d) Sobre os verbos com in-, considerando que sua maioria apresenta uma forma adjetiva correspondente, acreditamos que o escopo da negação do prefixo recai sobre a forma adjetival básica e não sobre a formação verbal como um todo. Considerando nossa análise com os adjetivos, vemos que o traço [-Loc] se aplica, por consequência, a essas formações verbais. Fica para pesquisas futuras averiguar se a descrição através do traço [+IEPS] se faz mais adequada.

Com essas constatações em vista, [-Loc] se aplica adequadamente aos itens lexicais prefixados por in-. Vejamos, agora, como ele opera nas lexias formadas por des-:

- a) A definição de Lieber se aplica muito convenientemente à maioria dos substantivos prefixados por des-, licenciando paráfrases com a noção de “falta de” em nomes deadjetivais e em nomes derivados de verbos estativos. No entanto, alguns nomes deverbais provenientes de verbos de ação-processo parecem não se enquadrar tão facilmente nesse traço, haja vista a noção de inversão veiculada por esse prefixo quando adjungido a verbos de mudança, o que repercute nos nomes provindos deles. Nesses casos, [-Loc] parece não ser suficiente.

- b) Nomes como *desgraça* e *desfavor* parecem ser mais idiossincráticos, pois não significam apenas “falta de graça” e “falta de favor”, mas se localizam no extremo oposto do significado de suas bases. A pesquisadora é capaz de lidar facilmente com isso ao conceber as representações semânticas dos itens lexicais como sendo compostas de duas partes: o esqueleto gramático-semântico e o corpo pragmático-semântico – Lieber relega as idiossincrasias ao corpo.
- c) Pelo que se pode observar através da análise dos diversos adjetivos formados por *des-*, parece que a descrição de Lieber através do traço [-Loc] é também bastante pertinente. Em adjetivos formados pelo sufixo *-do*, a noção de processo veiculada pelo verbo correspondente é eliminada, fazendo com que esses adjetivos apresentem uma semântica prototipicamente estativa.
- d) Os verbos estativos e alguns verbos de ação (verbos que não apresentam a noção de trajetória em seu esqueleto semântico) prefixados por *des-*, em sua maioria, parecem ser, também, capazes de serem descritos de forma adequada por [-Loc]. No entanto, a maioria dos verbos de processo e ação-processo denota, ao ser prefixada por *des-*, a ideia de reversão. Com isso em vista, acreditamos que [-Loc] não seja capaz de adequadamente descrever essa semântica, haja vista que nada impediria que des-veiculasse o significado de pura negação a essas lexias.

Mesmo que Lieber defenda que [-Loc] seja a única característica necessária para a descrição da prefixação negativa, incluindo nessa representação a possibilidade de origem do significado de reversão, acreditamos que, em sendo assim, seu traço apresenta um poder explanatório muito grande ao considerar que a semântica de cada afixo só poderá ser determinada quando este estiver em contato com sua base.

Frente a isso, defendemos que a solução para melhor descrever verbos que apresentam a noção de reversão quando prefixados por *des-* está no próprio sistema de traços proposto por Lieber, qual seja a explicitação da presença do traço [+IEPS], responsável pela noção de trajetória. Entendemos que esse traço já se faz presente em todos os verbos que implicam processos de mudança e, ao adicionarmos o prefixo negativo, o traço [-Loc] atua sobre [+IEPS], não anulando a presença da trajetória, mas invertendo a direção da mesma.

Com isso, temos um ganho descritivo considerável, pois damos conta da inegável relação de proximidade entre as noções de negação e reversão fazendo uso de apenas dois

traços semânticos: [-Loc] atuando autonomamente em lexias estativas ou sem trajetória, veiculando a ideia de pura negação; e [-Loc] atuando sobre o traço [+IEPS], o qual já estaria presente em itens lexicais que denotam a noção de processos de mudança, veiculando a noção de reversão desse processo. É importante enfatizarmos que, diferentemente de Lieber (e cf. Ribeiro, 2014), acreditamos que [-Loc] inverta a trajetória de lexias que apresentam o traço [+IEPS], e não negue um suposto resultado dos verbos que denotam mudança.

Alguns pesquisadores veem a questão da trajetória ([+IEPS]) de forma desconexa, não atentando para a ligação existente entre [+IEPS] e [-Loc] na semântica de reversão. De qualquer forma, [-Loc] se faz presente nos dois casos, tanto no de negação quanto no de reversão, e é com base nisso que advogamos pela unicidade de des- para lidar com esses dois sentidos.

Portanto, pode-se dizer que nossa análise reforça e apresenta algumas sistematizações importantes sobre a atuação desses prefixos no português brasileiro: em termos categoriais, in- é produtivo com adjetivos, e des- o é com verbos; em termos semânticos, o traço [-Loc] de Lieber é capaz de descrever adequadamente os itens lexicais formados por in- e também os formados por des- que não apresentam a noção de trajetória em sua estrutura semântica (verbos de estado e alguns verbos que denotam atividades simples/ação). No que tange às lexias que denotam processos de mudança prefixadas por des-, precisamos atentar para a atuação do traço de negação conjuntamente com o traço que denota trajetória.

Deixamos para pesquisas futuras a averiguação da conveniência do traço [+IEPS] também em verbos prefixados por in-, assim como a realização de um estudo mais aprofundado acerca da semântica dos verbos e da sua possível divisão em classes mais homogêneas. Outra profícua vertente de pesquisa está na consideração do percurso histórico de des-, haja vista sua origem latina (de- e ex-) e sua atual polissemia.

Acreditamos, pois, que a explicitação da presença do traço [+IEPS] na base dos itens lexicais seja necessária. Como dito na introdução deste trabalho, ao argumentar que não seria capaz de empreender análises muito detalhadas com línguas de que não é falante nativa, Lieber espera que falantes nativos de outras línguas ajudem a corroborar ou a criticar o aparato teórico por ela construído. Foi através das inúmeras descrições qualificadas concernentes a des- no português, e das suas igualmente qualificadas polêmicas (principalmente a de Silva e Miotto (2009), Oliveira (2004 e 2009), Medeiros (2010) e Ribeiro (2014)), que acreditamos ter sido possível enxergar uma necessidade de refinamento do sistema de Lieber, a qual se aplica, também, na descrição dos itens lexicais análogos em

inglês. Ademais, acreditamos que nossa análise um pouco diferenciada no que tange à semântica de reversão só vem a enriquecer e fortalecer o aparato teórico da pesquisadora, demonstrando que soluções para prováveis impasses descritivos são passíveis de serem encontradas no próprio sistema de traços por ela proposto.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. Prefixos Negativos no Português Falado. *In: ILARI, R. (org.) Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 8 ed., São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BASÍLIO, M. Verbos em –a(r) em português: afixação ou conversão? *Delta*, São Paulo, v.9, n.1, p. 195-304, 1993.
- BELIGON, S. Lexical Negation in English: the case of un- and in-. **Anais do XXIV Encontro Internacional de la Asociación de Jóvenes Linguistas – Universitat Autònoma de Barcelona**, 2009. Disponível em:  
<<http://filcat.uab.cat/clt/XXIVAJL/Interlinguística/Encuentro%20XXIV/Beligon%20REVF.pdf>> Último acesso em: 20/05/2013.
- BORBA, F. S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**, São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 33 ed., Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In R. Jacobs & Rosenbaum (eds), **Readings in English transformational grammar**. Waltham: Blaisdell, 1970 (versão eletrônica).
- CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- HORN, L. **A Natural History of Negation**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- KATAMBA, F.; STONHAM, J. **Morphology**. 2 ed., New York: Palgrave Macmillan, 2006.

LEE, Seung-Hwa. SOBRE OS COMPOSTOS DO PB. **DELTA**, São Paulo , v. 13, n. 1, Fev. 1997 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100002&lng=en&nrm=iso)>. Último acesso em: 06/03/14.

LIEBER, R. **Morphology and Lexical Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MEDEIROS, A. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo *des-*. **Revista da ABRALIN**, v.9, n.2, p. 95-121, 2010.

OLIVEIRA, S. M. **Derivação prefixal**: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, S. M. **Aspectos da Derivação Prefixal e Sufixal no Português do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2009. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, P. N. **Revisitando a Semântica Conceitual de Jackendoff: um estudo sobre a semântica verbal no PB sob a perspectiva da Hipótese Locacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Tese de Doutorado.

ROCHA, L.C. **Estruturas Morfológicas do Português**. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SCHNEIDER, L.; BIDARRA, J. O Comportamento Semântico do Prefixo Des-: questões de polissemia e produtividade lexical. **Revista Línguas e Letras**, v. 10, n. 18, p. 71-84, 2009.

SCHWINDT, L. C. **O prefixo no português brasileiro**: análise morfofonológica. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Tese de Doutorado.

SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. **DELTA**, São Paulo , v. 17, n. 2, 2001 . Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502001000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200001&lng=en&nrm=iso)>. Último acesso em: 06/03/2014.

SILVA, M. C.; MIOTO, C. **Considerações sobre a prefixação.** *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009.

SPENCER, A. **Morphological theory:** an introduction to word structure in generative grammar. Oxford: Blackwell, 1991.

## **ANEXO – *CORPUS* ANALISADO**

Neste anexo, encontra-se todo o *corpus* analisado. Os itens lexicais estão divididos em adjetivos, substantivos e verbos de acordo com a classificação presente em Borba (2002). Primeiramente analisaremos o *corpus* relativo a in- e, depois, o relativo a des-.

**IN-**

Acerca do prefixo in-, analisamos os estágios derivacionais anteriores dos substantivos e verbos. Se o estágio em que o prefixo se adiciona for nominal, tem-se “(subst)” ao lado da lexia; se o estágio for verbal, tem-se “(verb)”; e se o estágio for adjetival, não colocamos nada ao lado do vocábulo, haja vista esse ser o estágio *default* de anexação deste prefixo. É por esse motivo que também não analisamos os estágios precedentes de adjetivos. Entendemos que, em nomes deverbiais, o prefixo in- é anexado apenas na fase nominal, portanto só quisemos enfatizar a procedência dos nomes ao colocar ‘verb’ ao lado da ocorrência.

<b>ADJETIVOS (726 ocorrências)</b>	<b>SUBSTANTIVOS (316 ocorrências)</b>	<b>VERBOS (30 ocorrências)</b>
Ilegal	Ilegalidade	Imobilizar
Ilegalista	Ilegalismo	Imortalizar
Ilegitimado	Ilegitimidade	Impacientar
Ilegitimador	Ilicitude	Impermeabilizar
Ilegítimo	Ilimitação (verb)	Impessoalizar
Ilegível	Ilogicidade	Impopularizar
Ileso	Imaterialidade	Impossibilitar
Iletrado	Imaturidade	Improceder (verb)
Ilícito	Imobilidade	Impropriar
Ilimitado	Imobilismo	Inabilitar
Ilógico	Imobilização	Inativar
Imaculado	Imoderação (verb)	Incapacitar
Imaculável	Imodéstia	Incomodar
Imarcável	Imoralidade	Incompatibilizar
Imarcescível	Imoralismo	Incompreender (verb)
Imaterial	Imortalidade	Indeferir (verb)
Imaterializado	Imortalização	Indignar
Imaturo	Imotivação (verb)	Indispor (verb)
Imbatível	Impaciência (subst)	Inexistir (verb)
Imberbe	Imparcialidade	Infelicitar
Imemorável	Imparidade	Inflexibilizar
Imemorial	Impassibilidade	Inquietar
Imensurável	Impassividade	Insatisfazer (verb)
Imerecido	Impatriotismo	Insensibilizar
Imexível	Impenetrabilidade	Insonorizar
Imiscível	Impenhorabilidade	Instabilizar
Imobilizado	Impercepção (verb)	Intranquilizar
Imobilizador	Imperfeição	Inutilizar
Imobilizante	Imperícia (subst)	Invalidar
Imoderado	Impermanência (verb)	Inviabilizar
Imodesto	Impermeabilidade	
Imodificável	Impermeabilização	
Imoral	Impersonalismo	

Imoralista	Impertinência	
Imorredouro	Imperturbabilidade	
Imorrível	Impessoalidade	
Imortal	Impessoalismo	
Imortalizado	Impiedade	
Imortalizante	Implacabilidade	
Imotivado	Implausibilidade	
Imóvel	Impolidez	
Impaciente	Imponderabilidade	
Inpagável	Impontualidade	
Inpalatável	Impopularidade	
Impalpável	Impopularização	
Imparável	Importunidade	
Imparcial	Impossibilidade	
Impassível	Impotência (subst)	
Impassivo	Impraticabilidade	
Impatriota	Imprecisão	
Impatriótico	Imprescindibilidade	
Impávido	Imprescritibilidade	
Impecável	Imprestabilidade	
Impenetrável	Imprevidência (verb)	
Impenhorável	Imprevisão (verb)	
Impenitente	Imprevisibilidade	
Impensado	Improbidade	
Impensável	Improbabilidade	
Imperceptível	Improcedência (verb)	
Imperdível	Improdutividade	
Imperdoável	Improdutivismo	
Imperecível	Impronúncia (subst)	
Imperfeito	Impronunciamento (verb)	
Impermeabilizado	Impropriedade	
Impermeabilizante	Imprudência (subst)	
Impermeável	Impudor (subst)	
Imperscrutável	Impunibilidade	
Impertinente	Impunidade	
Imperturbado	Impureza	
Imperturbável	Inabarcabilidade	
Impessoal	Inabilidade	
Impessoalizado	Inabilitação	
Impiedoso	Inacabamento (verb)	
Ímpio	Inação (subst)	
Implacável	Inaceitabilidade	
Implausível	Inaceitação (verb)	
Implume	Inacessibilidade	
Impolido	Inadaptação (verb)	
Impoluído	Inadequabilidade	
Impoluto	Inadequação (verb)	
Imponderado	Inadiabilidade	

Imponderável	Inadimplemento (verb)	
Impontual	Inadimplência (verb)	
Impopular	Inadmissibilidade	
Importuno	Inadvertência (verb)	
Impossibilitado	Inalterabilidade	
Impossível	Inamovibilidade	
Imposterável	Inapetência (subst)	
Impotente	Inaplicabilidade	
Impraticável	Inaprensibilidade	
Impreciso	Inaptidão	
Imprescindível	Inatacabilidade	
Imprescritível	Inatingibilidade	
Impressentido	Inativação	
Imprestável	Inatividade	
Impreterível	Inatualidade	
Imprevidente	Inautenticidade	
Imprevisível	Incapacidade	
Imprevisto	Incapacitação	
Improcedente	Incerteza	
Impordutível	Incivildade	
Improdutivo	Inclemência (subst)	
Improfícuo	Incoerência (subst)	
Improjetável	Incolumidade	
Impronunciado	Incombustibilidade	
Impronunciável	Incomensurabilidade	
Impróprio	Incomodidade	
Improrrogável	Incompatibilidade	
Improvável	Incompatibilização	
Improvisado	Incompetência (verb)	
Imprudente	Incompletude	
Impúbere	Incompreensão (verb)	
Impublicável	Incompreensibilidade	
Impudico	Incomunicabilidade	
Impune	Incomunicação (verb)	
Impunido	Incomunicado (verb)	
Impunível	Incomutabilidade	
Impuro	Inconciliação (verb)	
Imputrescível	Inconclusão (verb)	
Imutável	Incondicionalidade	
Inabalado	inconfiabilidade	
Inabalável	Inconfidência (verb)	
Inabarcável	Inconformação	
Inábil	Inconformidade	
Inabilitado	Inconformismo	
Inabitado	Inconforto (subst)	
Inabitável	Incongruência (subst)	
Inabitual	Inconsequência (subst)	
Inabordável	Inconstância (subst)	

Inabsorvível	Inconstitucionalidade	
Inacabado	Incontestabilidade	
Inaceitável	Incontinência (verb)	
Inacessível	Incontornabilidade	
Inacompanhável	Inconveniência (verb)	
Inacreditável	Incoordenação (verb)	
Inadaptado	Incorreção (verb)	
Inadaptável	Incorruptibilidade	
Inadequado	Incredibilidade	
Inadiável	Incredulidade	
Inadimplente	Incultura (subst)	
Inadministrável	Incurabilidade	
Inadmissível	Incuriosidade	
Inadmitido	Indecência (subst)	
Inadulterado	Indecisão (verb)	
Inadvertido	Indeferimento (verb)	
Inafastável	Indefinibilidade	
Inafetivo	Indefinição (verb)	
Inafiançável	Indelicadeza	
Inafirmativo	Independência (verb)	
Inajustável	Indeterminação (verb)	
Inalcançado	Indeterminância (verb)	
Inalcançável	Indeterminismo(verb)	
Inalienável	Indiferença (verb)	
Inalistável	Indiferenciação	
Inalterado	Indiferentismo	
Inalterável	Indigestão (verb)	
Inambíguo	Indignação	
Inamistoso	Indignidade	
Inamovível	Indireta (verb)	
Inapagável	Indisciplina (subst)	
Inaparente	Indiscrição (subst)	
Inapelável	Indispensabilidade	
Inapetente	Indisponibilidade	
Inaplicado	Indisposição	
Inaplicável	Indissociabilidade	
Inapreciável	Indissolubilidade	
Inapreensível	Indistinção	
Inapresentável	Indivisibilidade	
Inapropriado	Indocilidade	
Inaproveitado	Ineditismo	
Inaproveitável	Inefetividade	
Inaproximável	Ineficácia	
Inapto	Ineficiência (subst)	
Inarrancável	Inelasticidade	
Inarrável	Inelegibilidade	
Inarredável	Inelutabilidade	
Inarticulado	Inequação (subst)	

Inassimilável	Inequidade (subst)	
Inassistido	Inescrupulosidade	
Inatacável	Inescrutabilidade	
Inatendido	Inesquecibilidade	
Inatingido	Inevitabilidade	
Inatingível	Inexatidão	
Inativador	Inexecução (verb)	
Inativo	Inexequibilidade	
Inatolável	Inexibilidade	
Inatural	Inexigência (verb)	
Inatural	Inexigibilidade	
Inaudito	Inexistência (verb)	
Inaudível	Inexorabilidade	
Inautêntico	Inexperiência (subst)	
Inavaliável	Inexplicabilidade	
Inaveriguável	Inexpressão (verb)	
Incabível	Inexpressividade	
Incaível	Inexpugnabilidade	
Incalculável	Infalibilidade	
Incansável	Infatigabilidade	
Incapacitado	Infecundidade	
Incapacitante	Infelicidade	
Incapaz	Infidelidade	
Incapturável	Infinidade	
Incaracterístico	Infinito	
Incauteloso	Infinitude	
Incauto	Inflexibilidade	
Incensurável	Informalidade	
Incerto	Informalismo	
Incessante	Informalista	
Incicatrizável	Informalização	
Incivil	Informe (subst)	
Incivilizado	Infortúnio (subst)	
Inclassificável	Ingovernabilidade	
Inclemente	Ingoverno (subst)	
Incobrável	Ingratidão	
Incoercível	Inidoneidade	
Incoerente	Inimitabilidade	
Incognoscível	Inimizade (subst)	
Incolor	Inimputabilidade	
Incólume	Ininteligibilidade	
Incombinável	Ininterrupção (verb)	
Incombustível	Injustiça	
Incomensurável	Inobservância (verb)	
Incomentável	Inofensividade	
Incomível	Inoperância (verb)	
Incomodado	Inoportunidade	
Incomodativo	Inquestionabilidade	

Incômodo	Inquietação	
Incomovível	Inquietude	
Incomparável	Insaciabilidade	
Incompartilhável	Insalivação (verb)	
Incompassivo	Insalubridade	
Incompatibilizado	Insanidade	
Incompatível	Insapiência	
Incompetente	Insatisfação (verb)	
Incompleto	Insaturação (verb)	
Incomportável	Insegurança	
Incomprável	Insensação (verb)	
Incompreendido	Insensatez	
Incompreensível	Insensibilidade	
Incompreensivo	Insensibilização	
Incompressível	Insignificância (verb)	
Incomprimível	Insinceridade	
Incomprovado	Insipidez	
Incomprovável	Insolubilidade	
Incomum	Insolvabilidade	
Incomunicante	Insolvência (verb)	
Incomunicável	Insônia	
Inconcebível	Instabilidade	
Inconciliável	Instabilização	
Inconcludente	Insubmissão	
Inconcluído	Insubordinação	
Inconclusivo	Insubsistência (verb)	
Inconcluso	Insubstancialidade	
Incondicionado	Insubstituição (verb)	
Incondicional	Insucesso (subst)	
Incondizente	Insuficiência (subst)	
Inconfessado	Insuportabilidade	
Inconfessável	Insuscetibilidade	
Inconfesso	Insuspeição (verb)	
Inconfidente	Insustentabilidade	
Inconformado	Intangibilidade	
Inconforme	Intemperança (verb)	
Inconformista	Intempérie (subst)	
Inconfortável	Intempestividade	
Inconfundível	Intemporalidade	
Incongruente	Intocabilidade	
Inconquistado	Intolerância (verb)	
Inconquistável	Intraquilidade	
Inconsciente	Intranscendência (verb)	
Inconsentido	Intransigência (verb)	
Inconsequente	Intransitividade	
Inconsertável	Intransparência (verb)	
Inconsiderado	Intratabilidade	
Inconsistente	Inutilidade	

Inconsolidado	Inutilização	
Inconsolável	Invalidação (verb)	
Inconspícuo	Invalidez	
Inconspurcável	Invalidez	
Inconstante	Invariabilidade	
Inconstitucional	Invariância (verb)	
Inconsútil	Invencibilidade	
Incontaminado	Inveracidade	
Incontaminável	Inverdade (subst)	
Incontável	Inverossimilhança	
Incontentado	Inviabilidade	
Incontentável	Inviabilização	
Incontestado	Invigilância (verb)	
Incontestável	Inviolabilidade	
Inconteste	Invirtude (subst)	
Incontido	Invisibilidade	
Incontinente	Invulnerabilidade	
Incontível	Irracionalidade	
Incontornado	Irracionalismo	
Incontornável	Irração (subst)	
Incontrastado	Irrealidade	
Incontrastável	Irrealismo	
Incontrolado	Irreconciliabilidade	
Incontrolável	Irrecuperabilidade	
Incontroverso	Irreduzibilidade	
Incontrovertível	Irreflexão (verb)	
Inconvencional	Irrefutabilidade	
Inconveniente	Irregularidade	
Inconversível	Irrelevância (verb)	
Inconvincente	Irreligião (subst)	
Inconvivível	Irreligiosidade	
Incooptável	Irrepetibilidade	
Incoordenado	Irrequietude	
Incorporal	Irresidência (verb)	
Incorpóreo	Irresignação (verb)	
Incorreto	Irresistibilidade	
Incorrigível	Irresolução (verb)	
Incorrompível	Irresponsabilidade	
Incorrosível	Irretocabilidade	
Incorruptível	Irretroatividade	
Incorrupto	Irreverência (subst)	
Incozinhável	Irreversibilidade	
Incrédulo	Irrevogabilidade	
Incréu		
Incriado		
Incrítico		
Incrível		
Incruento		

Inculto		
Incumprimentável		
Incumprível		
Incurado		
Incurável		
Indébito		
Indecapitável		
Indecente		
Indecidível		
Indecifrado		
Indecifrável		
Indeciso		
Indeclarado		
Indeclinável		
Indecomponível		
Indecoroso		
Indedutível		
Indefectível		
Indefendível		
Indefensável		
Indeferido		
Indefeso		
Indefinido		
Indefinível		
Inde glutível		
Indeiscente		
Indelével		
Indelicado		
Independente		
Indescoberto		
Indescritível		
Indesculpável		
Indesejado		
Indesejável		
Indeslindável		
Indesmentível		
Indestrutível		
Indesviável		
Indeterminado		
Indeterminável		
Indevassado		
Indevassável		
Indevido		
Indiferençável		
Indiferenciado		
Indiferenciável		
Indiferente		
Indigerível		

Indigesto		
Indignado		
Indigno		
Indireto		
Indirigível		
Indiscernível		
Indisciplinado		
Indisciplinar		
Indiscreto		
Indiscriminado		
Indiscriminatório		
Indiscutido		
Indiscutível		
Indisfarçado		
Indisfarçável		
Indispensável		
Indisponibilizado		
Indisponível		
Indisputado		
Indisputável		
Indissociado		
Indissociável		
Indissolúvel		
Indistinguível		
Indistinto		
Inditoso		
Indivisível		
Indiviso		
Indizível		
Indobrável		
Indócil		
Indocumentado		
Indolor		
Indomado		
Indomável		
Indomesticável		
Indominável		
Indômito		
Indormido		
Indubitável		
Inédito		
Inefável		
Inefetivo		
Ineficaz		
Ineficiente		
Inegável		
Inegligenciável		
Inegociável		

Inelástico		
Inelegível		
Inelidível		
Ineliminável		
Inelutável		
Inenarrável		
Inencontrável		
Inequacionável		
Inequilibrável		
Inequívoco		
Inerradicável		
Inescapável		
Inescrupuloso		
Inescrutável		
Inesgotável		
Inespecífico		
Inesperado		
Inesperante		
Inesperável		
Inesquecido		
Inesquecível		
Inestancável		
Inestético		
Inestimável		
Inevitável		
Inexato		
Inexaurível		
Inexcedível		
Inexecutável		
Inexequível		
Inexigível		
Inexistente		
Inexorável		
Inexperiente		
Inexperto		
Inexplicado		
Inexplicável		
Inexplícito		
Inesplorado		
Inesplorável		
Inexpressivo		
Inexprimível		
Inexpugnável		
Inextinguível		
Inextirpável		
Inextricável		
Infactível		
Infalível		

Infatigável		
Infausto		
Infecundo		
Infelicitado		
Infeliz		
Infértil		
Infiel		
Infilmável		
Infindável		
Infindo		
Infinitesimal		
Inflexível		
Informal		
Informe		
Infortunado		
Infrequentável		
Infrequente		
Infriável		
Infrutífero		
Infulgente		
Infundado		
Inglório		
Ingovernável		
Ingrato		
Inguiável		
Inidentificável		
Inidôneo		
Inigualado		
Inigualável		
Inigualitário		
Iniludível		
Inimaginado		
Inimaginativo		
Inimaginável		
Inimaginoso		
Inimigo		
Inimitável		
Inimportante		
Inimputável		
Ininteligente		
Inintencional		
Ininteligível		
Inintencional		
Ininterrompível		
Ininterrupto		
Injustiçado		
Injustificado		
Injustificável		

Injusto		
Inlocalizável		
Inobjetável		
Inobservado		
Inobservável		
Inocultável		
Inocupado		
Inodoro		
Inofensivo		
Inoficial		
Inoficializável		
Inolvidado		
Inolvidável		
Inomeável		
Inominado		
Inominável		
Inoperante		
Inoperável		
Inopinado		
Inopinável		
Inoportuno		
Inóptico		
Inorgânico		
Inorganizável		
Inortodoxo		
Inoxidável		
Inqualificável		
Inquantificável		
Inquebrado		
Inquebrantável		
Inquebrável		
Inquestionado		
Inquestionável		
Inquietador		
Inquietante		
Inquieto		
Insabível		
Insaciado		
Insaciável		
Insalubre		
Insalvável		
Insanável		
Insanitário		
Insano		
Insatisfatório		
Insatisfeito		
Insaturado		
Inseguro		

Insensato		
Insensível		
Inseparável		
Insepulto		
Inservível		
Insexuado		
Insexual		
Insignificante		
Insincero		
Insípido		
Insociável		
Insofismável		
Insofreável		
Insofrido		
Insólito		
Insolucionado		
Insolucionável		
Insolúvel		
Insolvente		
Insondável		
Insone		
Insonegável		
Insopitável		
Insosso		
Instabilizado		
Instabilizador		
Instável		
Insubmergível		
Insubmisso		
Insubordinado		
Insubordinável		
Insubsistente		
Insubstancial		
Insubstituível		
Insuficiente		
Insuperado		
Insuperável		
Insuportável		
Insuscetível		
Insuspeitado		
Insuspeitável		
Insuspeito		
Insustentável		
Intacto		
Intangível		
Intempestivo		
Intemporal		
Interminável		

Intérmino		
Intocado		
Intocável		
Intolerado		
Intolerante		
Intolerável		
Intonso		
Intraduzível		
Intrafegável		
Intragável		
Intranquilizador		
Intraquilo		
Intransferível		
Intransgredível		
Intransigente		
Intransitável		
Intransitivo		
Intransmissível		
Intransponível		
Intratável		
Intreinável		
Intrespassável		
Inultrapassável		
Inumano		
Inumerável		
Inúmero		
Inusável		
Inusitado		
Inusual		
Inútil		
Inutilitário		
Inutilizado		
Inutilizável		
Invalidade		
Invalidante		
Inválido		
Invariante		
Invariável		
Invencível		
Invendável		
Inveraz		
Inverídico		
Inverificável		
Inverossímil		
Inviabilizado		
Inviável		
Inviolado		
Inviolável		

Invisível		
Invivível		
Involuído		
Involuntário		
Involutivo		
Invulgar		
Invulnerável		
Irracional		
Irracionável		
Irrazoável		
Irreal		
Irrealizado		
Irrealizável		
Irrebatível		
Irreconciliável		
Irreconhecível		
Irreconstituível		
Irrecorrível		
Irrecuperável		
Irrecusável		
Irredimível		
Irreduzível		
Irrefletido		
Irreformável		
Irrefreado		
Irrefreável		
Irrefutável		
Irregular		
Irrelevante		
Irreligioso		
Irremediável		
Irremissível		
Irremovível		
Irremunerável		
Irrenunciável		
Irreparável		
Irrepetível		
Irrepreensível		
Irrepresentável		
Irreprimido		
Irreprimível		
Irreprochável		
Irreprodutível		
Irreprodutivo		
Irreproduzível		
Irreprovável		
Irrequieto		

Irresgatável		
Irresignado		
Irresistível		
Irresoluto		
Irresolúvel		
Irresolvido		
Irresolvível		
Irrespirável		
Irrespondível		
Irresponsável		
Irrestaurável		
Irrestrito		
Irretocável		
Irretornável		
Irretorquível		
Irretratável		
Irrevelado		
Irrevelável		
Irreverente		
Irreversível		
Irrevogável		

**DES-**

Acerca do prefixo des-, analisamos os estágios derivacionais anteriores dos adjetivos e substantivos por ele prefixados. Se o estágio em que o prefixo se adiciona for adjetival, tem-se “(adj)” ao lado da lexia; se o estágio for nominal, tem-se “(subst)”; e se o estágio for verbal, não colocamos nada ao lado do vocábulo, haja vista esse ser o estágio *default* de anexação deste prefixo. É por esse motivo que também não analisamos os estágios precedentes de verbos.

<b>SUBSTANTIVOS (488 ocorrências)</b>	<b>ADJETIVOS (538 ocorrências)</b>	<b>VERBOS (471 ocorrências)</b>
Desabafo	Desabafado	Desabafar
Desabilitação	Desabalado	Desabalar
Desabituação	Desabitado	Desabar
Desabono	Desabitado	Desabonar
Desabrigo	Desabitual (adj)	Desabotoar
Desabrimento	Desabonado	Desabrigar
Desacato	Desabonador	Desabrochar
Desaceleração	Desabotoado	Desaçaimar
Desacerto	Desabrigado	Desacatar
Desacomodação	Desacelerado	Desaceitar
Desacoplamento	Desacomodado	Desacelerar
Desacordo	Desacompanhado	Desacertar
Desaculturação	Desaconselhado	Desacochar
Desafeição (subst)	Desaconselhável	Desacocorar
Desaferentação	Desacorçoado	Desacomodar
Desafinação	Desacorrentado	Desaconselhar
Desafogamento	Desacostumado	Desacordar
Desafogo	Desacreditado	Desacostumar
Desafrota	Desadorado	Desacreditar
Desagrado	Desafeito (adj)	Desacumular
Desabrochamento	Desaferentado	Desadaptar
Desagravo	Desaferrado	Desaferrolhar
Desagregação	Desafetado	Desafinar
Desaguadouro	Desafeto (adj)	Desafivelar
Desajeitamento	Desafinado	Desafogar
Desajustamento	Desafivelado	Desafricanizar
Desajuste	Desafogado	Desafrontar
Desalento	Desafortunado (adj)	Desafrouxar
Desalienação	Desafricanizado	Desagarrar
Desalinho	Desagradável	Desagradar
Desambição (subst)	Desagravado	Desagravar
Desambientação	Desagregado	Desagregar
Desamor (subst)	Desagregador	Desaguar
Desamparo	Desairoso (adj)	Desajudar
Desanimação	Desajeitado	Desajustar

Desânimo	Desajudado	Desalentar
Desaparecimento	Desajustado	Desalinhar
Desaparelhamento	Desajustador	Desalinhavar
Desaparição	Desaldeado (adj)	Desalojar
Desapego	Desalentado	Desalterar
Desaperto	Desalentador	Desamar
Desapontamento	Desalinhado	Desamarrar
Desaponto	Desalmado (adj)	Desamarrotar
Desapreço	Desamante	Desamassar
Desapropriação	Desamassado	Desamolgar
Desapropriador	Desambicioso (subst)	Desamontar
Desaprovação	Desambientado	Desamontoar
Desaquecimento	Desamigo (adj)	Desamparar
Desarmador	Desamontado	Desancar
Desarmamento	Desandado	Desancorar
Desarmonia (subst)	Desanimado	Desandar
Desarraigamento	Desanimador	Desanimar
Desarranjo	Desanuviado	Desanotar
Desarreio	Desanuviador	Desanuviar
Desarrumação	Desapanhado	Desaparafusar
Desarrumador	Desaparafusado	Desaparecer
Desarticulação	Desaparecido	Desapartar
Desarticulador	Desaparelhado	Desapear
Desassalariamento	Desapercebido	Desapertar
Desassentamento	Desapiedado	Desapossar
Desassimilação	Desapoiado	Desapreciar
Desassombro	Desapontado	Desaprender
Desassoreamento	Desapontador	Desapropriar
Desassossego	Desapropriado	Desaprovar
Desassunto (subst)	Desapropriatório	Desaprumar
Desatenção (subst)	Desapropriável	Desaquecer
Desatendimento	Desaprovativo	Desarmar
Desatino	Desaprumado	Desarmonizar
Desativação	Desarmado	Desaromatizar
Desativamento	Desarmante	Desarquivar
Desatracação	Desarmônico (subst)	Desarraigar
Desatrelamento	Desarmonioso (subst)	Desarranchar
Desautomatização	Desarquivado	Desarranjar
Desautoramento	Desarraigado	Desarrear
Desautorização	Desarranjado	Desarregaçar
Desavença	Desarrazado	Desarrolhar
Desavergonhação	Desarreado	Desarrumar
Desavergonhamento	Desarrolhado	Desarticular
Desaviso	Desarrumado	Desarvorar
Desbalanceamento	Desarticulado	Desasnar
Desbalanço	Desarvorado (adj)	Desassimilar
Desbarrancado	Desasnado (adj)	Desassociar
Desbarrancamento	Desassalariado	Desassombrar

Desbloqueador	Desassentado	Desassossegar
Desbloqueamento	Desassistido	Desatar
Desbloqueio	Desassoreado	Desatarraxar
Desbobinadeira	Desassossegado	Desataviar
Desbordamento	Desatado	Desatender
Desbriado	Desatencioso (subst)	Desatinar
Desburocratização	Desatendido	Desativar
Descabaçamento	Desatento (adj)	Desatolar
Descabeceio (subst)	Desatinado	Desatracar
Descabimento	Desativado	Desatrapalhar
Descaída	Desatolado	Desatrelar
Descalçadeira	Desatualizado	Desautorar
Descalcificação	Desautorizado	Desautorizar
Descamação	Desavergonhado	Desavançar
Descaminhador	Desavindo	Desavisar
Descaminho	Desavisado	Desbancar
Descanso	Desbalanceado	Desbaratar
Descapitalização	Desbancado	Desbastar
Descaração	Desbandeirado	Desbeijar
Descaracterização	Desbaratado	Desbloquear
Descarboxilação	Desbarrigado	Desbordar
Descarga (subst)	Desbastado	Desbotar
Descarioquização	Desbeijado (adj)	Desbragar
Descaroçamento	Desbloqueado	Desbravar
Descarregamento	Desbocado (adj)	Desbrotar
Descarrilhamento	Desbocador (adj)	Desbrugar
Descasado	Desbolado (adj)	Desburocratizar
Descasamento	Desbotado	Descabaçar
Descascamento	Desbragado	Descabeçar
Descaso (subst)	Desbravado	Descabelar
Descentralização	Desbrilhado	Descair
Descentramento	Desbundado (adj)	Descalçar
Descerramento	Desbundante (adj)	Descaluniar
Desclassificação	Desburocratizante	Descamar
Descoagulação	Desbussolado (adj)	Descambar
Descoberta	Descabeçado (adj)	Descaminhar
Descobridor	Descabelado (adj)	Descansar
Descobrimento	Descabido	Descantar
Descodificador	Descabível	Descapitalizar
Descoincidência	Descadeirado (adj)	Descaracterizar
Descolador	Descaído	Descarnar
Descolagem	Descalçado	Descaroçar
Descolonização	Descalço	Descarregar
Descoloração	Descalibrado	Descarrilhar
Descolorante	Descamado	Descartar
Descombinação	Descamativo	Descasar
Descomedimento	Descambado	Descascar
Descompactação	Descamisado (adj)	Descentralizar

Descomparecimento	Descampado	Descentrar
Descompasso	Descansadão	Descerrar
Descompensação	Descansadona	Desclassificar
Descomplicação	Descapado (adj)	Descobrir
Descompostura (adj)	Descapitalizado	Descodificar
Descompressão	Descaracterizador	Descoivarar
Descomprometimento	Descarado (adj)	Descolar
Descompromisso	Descarenado	Descolocar
Descomunização	Descaridoso (adj)	Descolorar
Desconceito (subst)	Descarnado	Descolorir
Desconcerto (subst)	Descarnador	Descombinar
Desconchavo (subst)	Descaroçado	Descomer
Descondicionamento	Descarregado	Descompactar
Desconector	Descarregador	Descomparecer
Desconexão	Descartado	Descompartimentar
Desconfiança	Descartável	Descompensar
Desconfiômetro	Descaracterizado	Descomplexar
Desconformidade	Descasado	Descompor
Desconforto (subst)	Descascável	Descomprar
Descongelamento	Descentrado	Descomprimir
Descongestão (subst)	Descentralizado	Descomprometer
Descongestionamento	Descentralizador	Desconcentrar
Desconhecimento	Descerebrado (adj)	Desconcertar
Desconserto	Descerrado	Desconchavar
Desconsideração	Descinturado (adj)	Desconectar
Desconsolo	Desclassificado	Desconfiar
Desconstituição	Desclassificante	Descongelar
Desconstrução	Descoberto	Descongestionar
Desconstrucionismo	Descocainização	Desconhecer
Desconstrutivismo	Descodificado	Desconjuntar
Descontaminação	Descolado	Desconsiderar
Descontaminante	Descolorado	Desconsolar
Descontentamento	Descolorido	Descontar
Descontextualização	Descombinado	Descontentar
Descontingenciamento	Descomedido	Descontextualizar
Descontinuação	Descomensurado	Descontinuar
Descontinuidade	Descômodo (adj)	Descontrair
Descontração	Descompactado	Descontratar
Descontraimento	Descompassado	Descontrolar
Descontrole	Descompassador	Desconversar
Desconversa	Descompensado	Desconvir
Desconvite (subst)	Descompensatório	Desconvocar
Desconvocação	Descompetente	Descorar
Descoordenação	Descompleto (adj)	Descorçoar
Descoramento	Descomplicado	Descornar
Descorçoamento	Descomposto (adj)	Descortinar
Descortesia (adj)	Descompreendido	Descoser
Descredenciamento	Descompressivo	Descosturar

Descrédito (subst)	Descomprometido	Descredenciar
Descrença	Descomunal (adj)	Descrer
Descrido	Desconcatenado	Descruzar
Discriminação	Desconcentrado	Descuidar
Descriminalização	Desconcentrador	Desculpar
Descristianização	Desconcertado	Descumprir
Descritério (subst)	Desconcertante	Descurar
Descuido	Desconchavado	Desdeixar
Desculpa	Descondicionado	Desdentar
Desculpabilização	Desconectado	Desdizer
Descumpridor	Desconexo (adj)	Desdobrar
Descumprimento	Desconfiado	Desdourar
Descupinização	Desconforme (adj)	Deseducar
Descupinizadora	Desconfortante	Desemaranhar
Desdemonização	Desconfortável	Desembaçar
Desdiferenciação	Descongelado	Desembainhar
Desdobramento	Descongestionado	Desembalar
Desdramatização	Descongestionante	Desembaraçar
Deseconomia (subst)	Desconhecedor	Desembaralhar
Deseducação	Desconhecido	Desembarcar
Deselegância (adj)	Desconjuntado	Desembestar
Desembaçador	Desconsiderado	Desembolsar
Desembaçamento	Desconsolado	Desembrulhar
Desembaraço	Desconsolador	Desembuchar
Desembaralhamento	Desconstrucionista	Desempacotar
Desembarcadouro	Desconstruído	Desemparelhar
Desembarque	Desconstrutível	Desempastelar
Desembolso	Descontente (adj)	Desempatar
Desembaraçamento	Descontextualizado	Desempenar
Desemburguesamento	Descontraído	Desemperrar
Desempate	Descontrolado	Desempestar
Desempeno	Desconvocado	Desempestar
Desemprego	Desconvulso (adj)	Desempoar
Desencadeamento	Descoordenado	Desempobrecer
Desencaixe	Descorado	Desempoçar
Desencalhe	Descorável	Desempoleirar
Desencaminhamento	Descorçoado	Desempregar
Desencanação	Descorporificado	Desencabeçar
Desencantamento	Descortês (adj)	Desencabrestar
Desencargo	Descortinado	Desencabular
Desencarnação	Descortinador	Desencadernar
Desencarrilhamento	Descosido	Desencaixar
Desencontro	Descosturado	Desencaixotar
Desencorajamento	Descredenciado	Desencalhar
Desendividamento	Descrente	Desencaminhar
Desenfado	Descristianizado	Desencanar
Desengajamento	Descriterioso (subst)	Desencantar
Desengano	Descuidado	Desencapar

Desengate	Descuidoso (subst)	Desencarangar
Desengonço	Descuidadoso (subst)	Desencarar
Desengrossadeira	Descuidoso (subst)	Desencardir
Desenlace	Desculpável	Desencarnar
Desenquadramento	Descumprido	Desencavar
Desenraizamento	Descurado	Desencilhar
Desenrolamento	Desdentado (adj)	Desencolher
Desentendimento	Desditado	Desencorajar
Desenterramento	Desditoso	Desencostar
Desentortador	Desdobrado	Desencovar
Desentranhamento	Desdobrável	Desencravar
Desentrosamento	Desdormido	Desencrespar
Desentupidor	Desdramatizado	Desencruzar
Desentupimento	Deseducado	Desenfeitar
Desenvoltura (adj)	Deseducativo	Desenferrujar
Desequalização	Deselegante (adj)	Desenfiar
Desequilíbrio	Desembaçado	Desenformar
Deserdação	Desembainhado	Desenfurnar
Desesperança	Desembalado	Desenganar
Desespero	Desembaraçado	Desenganchar
Desestabilização	Desembarcado	Desengatar
Desestalinização	Desembestado	Desengatilhar
Desesterificação	Desembolsado	Desengressar
Desestetização	Desembrulhado	Desengolir
Desestímulo	Desemparelhado	Desengomar
Desestruturização	Desempenado	Desengonçar
Desfalecimento	Desemplumado	Desengordar
Desfastio (subst)	Desempregado	Desengordurar
Desfavelamento	Desencadeado	Desengranar
Desfavelização	Desencadeador	Desenguiçar
Desfavor (subst)	Desencaixado	Desengurdir
Desfazimento	Desencalmado	Desenlaçar
Desfeita	Desencaminhado	Desenlamear
Desfeminilização	Desencaminhador	Desenovelar
Desfeminização	Desencanado	Desenqueixar
Desfiamento	Desencapado	Desenraivar
Desfibradeira	Desencarnado	Desenraizar
Desfibragem	Desencarregado	Desenrascar
Desfibramento	Desencavado	Desenredar
Desfiguração	Desencontrado	Desenrolar
Desfiguramento	Desencorajador	Desenrugar
Desflorestamento	Desenfeitado	Desensinar
Desfocalização	Desenfeitado	Desentalar
Desfocamento	Desenfreado	Desentediar
Desfolhação	Desengajado	Desentender
Desfolhamento	Desenganado	Desenterrar
Desfolhante	Desenganador	Desenterroar
Desformalização	Desengatado	Desentocar

Desfosforilação	Desengavetado	Desentorpecer
Desfragmentação	Desengonçado	Desentortar
Desfuncionalidade (adj)	Desengordado	Desentranhar
Desgermanização	Desengraçado (adj)	Desentravar
Desglamourização	Desenrolado	Desentrevar
Desglória (subst)	Desentendido	Desentrosar
Desgosto	Desenterrado	Desentulhar
Desgoverno	Desentoadado	Desentupir
Desgraça (subst)	Desentocado	Desenturvar
Desgraceira (subst)	Desentranhado	Desenvultar
Desgravação	Desentrosado	Desenxergar
Desgravamento	Desentupido	Desequilibrar
Desguarnecimento	Desenvergado	Deserdar
Desidentificação	Desenvolto (adj)	Deserotizar
Desidratação	Desenxabido	Desesperançar
Desidrogenase (subst)	Desequilibrado	Desesperar
Desierarquização	Deserdado	Desestabilizar
Desigualdade (adj)	Desesperado	Desestatizar
Desilusão	Desesperador	Desestimular
Desimpedimento	Desesperançado (subst)	Desestruturar
Desimportância	Desesperançoso (subst)	Deseuropeizar
Desincentivo	Desesperante	Desfalecer
Desinchaço	Desespichado	Desfavelizar
Desincompatibilização	Desespiritualizado	Desfavorecer
Desindexação	Desestabilizado	Desfazer
Desindustrialização	Desestabilizante	Desfeitear
Desinercialização	Desestatizado	Desfiar
Desinfestação	Desestatizante	Desfibrar
Desinfetador	Desestimulado	Desfavelar
Desinflação	Desestimulador	Desfigurar
Desinformação	Desestimulante	Desfitar
Desinibição	Desestruturado	Desfocar
Desinquietação	Desestruturador	Desfolhar
Desintegração	Desestruturante	Desforrar
Desinteligência (adj)	Desfalecido	Desfraldar
Desinterdição	Desfavorável	Desfranzir
Desinteresse	Desfavorecido	Desfrutar
Desintoxicante	Desfeito	Desgalhar
Desintrusão (subst)	Desfeliz (adj)	Desgarrar
Desinvestimento	Desfiado	Desgostar
Desjeito (subst)	Desfibrado	Desgovernar
Desjejum (subst)	Desfigurado	Desgraçar
Deslanche	Desfigurante	Desgrenhar
Deslealdade (adj)	Desfornado	Desgrudar
Deslegitimação	Desfragmentado	Desguaritar
Deslei (subst)	Desfraldado	Desguiar
Desligada	Desfraterno (adj)	Desidratar
Desligamento	Desfrequentado	Desigualar

Deslimite (subst)	Desfritado (adj)	Desiludir
Deslocação	Desfrutável	Desimpedir
Deslocalização	Desgarrado	Desinchar
Deslocamento	Desgarrador	Desindexar
Desmagnetização	Desglamourizado	Desindianizar
Desmagnetizador	Desglamourizante	Desindividualizar
Desmama	Desgostoso (subst)	Desindustrializar
Desmanchador	Desgovernado	Desinfetar
Desmanche	Desgraçado (subst)	Desinflamar
Desmando	Desgracioso (subst)	Desinflar
Desmantelamento	Desgramado (adj)	Desinformar
Desmantelo	Desgrenhado	Desinibir
Desmascaramento	Desgrilado	Desinquiatar
Desmatamento	Desguaritado (adj)	Desinsirir
Desmate	Desguarnecido	Desintegrar
Desmaterialização	Desideologizado	Desinterditar
Desmembramento	Desidratado	Desinteressar
Desmemoria (subst)	Desidratante	Desintoxicar
Desmentido	Desigual (adj)	Desinventar
Desmesura	Desigualitário (adj)	Desjejuar
Desmilitarização	Desigualizador (adj)	Deslanchar
Desmineralização	Desiludido	Deslegitimar
Desmistificação	Desimpedido	Desleitar
Desmitificação	Desimportante	Deslembrar
Desmitologização	Desincentivador	Desligar
Desmobilização	Desincentivante	Deslocar
Desmonetização	Desincomodado	Deslustrar
Desmontagem	Desincompatibilizado	Desmaçarocar
Desmonte	Desincorporado	Desmamar
Desmoralização	Desindexado	Desmanchar
Desmunhecada (subst)	Desindianizado	Desmandibular
Desnacionalidade (adj)	Desindicado	Desmantelar
Desnacionalização	Desindustrializante	Desmarcar
Desnatadeira (subst)	Desinfeliz (adj)	Desmascarar
Desmerecimento	Desinfetado	Desmatar
Desnatamento	Desinfetante	Desmaterializar
Desnaturação	Desinflacionário	Desmazorrar
Desnaturalização	Desinformado	Desmembrar
Desnaturamento	Desinformativo	Desmentir
Desnecessidade (adj)	Desinibido	Desmerecer
Desneutralização	Desinquiato (adj)	Desmesurar
Desnível (subst)	Desinstrumentalizado	Desmilitarizar
Desnivelamento	Desintegrado	Desmistificar
Desnorreamento	Desintegrador	Desmitificar
Desnorsteio (subst)	Desintegrante	Desmobilizar
Desnucamento	Desinteligente (adj)	Desmongolar
Desnutrição	Desinteressado	Desmontar
Desobrigação	Desinteressante	Desmoralizar

Desobediência	Desintoxicado	Desmoronar
Desobriga	Desintoxicador	Desmotivar
Desobrigada	Desinvertido	Desmunhecar
Desobsessão (subst)	Deslanado	Desnacionalizar
Desobstrução	Deslavado	Desnasalizar
Desocupação	Desleal (adj)	Desnatar
Desodorante (subst)	Desligado	Desnaturar
Desonestidade (adj)	Deslocado	Desnortear
Desonra	Deslambido	Desnovelar
Desopressão	Desmamado	Desnudar
Desoras (subst)	Desmanchado	Desobedecer
Desordem(subst)	Desmandado	Desobrigar
Desordenança	Desmantelado	Desobstruir
Desorganização	Desmarcado	Desocupar
Desorientação	Desmareado	Desonerar
Desorvalho (subst)	Desmascarado	Desonrar
Desospitalização	Desmatado	Desopilar
Desossa	Desmatador	Desoprimir
Desova	Desmazelado	Desordenar
Desoxigenação	Desmedido	Desorganizar
Desparelismo (adj)	Desmembrado (adj)	Desorientar
Despedida	Desmemoriado	Desossar
Despenalização	Desmensurado	Desovar
Despersonalização	Desmerecedor	Despalatizar
Despigmentação	Desmerecido	Desparafusar
Despistamento	Desmesurado	Desparramar
Despiste (subst)	Desmilitarizado	Despautar
Despoeiramento	Desmineralizado	Despedaçar
Despolarização	Desmiolado (adj)	Despedir
Despolitização	Desmistificado	Despegar
Despolpadeira (subst)	Desmistificador	Despendurar
Despolpadora (subst)	Desmobilizado	Despentear
Despoluente	Desmobilizador	Desperceber
Despoluição	Desmoldante	Despermitir
Despovoamento	Desmomizante	Despersonalizar
Desprazer (subst)	Desmonetizado	Despetalar
Despreferência	Desmontado	Despistar
Desprendimento	Desmontável	Desplugar
Despreocupação	Desmoralizado	Despolitizar
Despreparo	Desmoralizador	Despolpar
Despressurização	Desmoronado	Despoluir
Desprestígio	Desmotivado	Despontar
Despretensão	Desmunhecado (adj)	Despovoar
Desprezo	Desnacionalizante	Despregar
Desprivilegio	Desnalgado (adj)	Desprender
Desprofissionalização	Desnatado	Despreocupar
Desproporção (subst)	Desnaturado (adj)	Desprestigiar
Desproporcionalidade (adj)	Desnatural (adj)	Desprezar

Despropósito	Desnecessário (adj)	Despropositar
Desproteção	Desnivelado	Desproteger
Desprovincianização	Desnortheastado (adj)	Desprover
Despudor (subst)	Desnortheastante (adj)	Desqualificar
Desqualificação	Desnuclearizado	Desqueixar
Desratização	Desnudado (adj)	Desquerer
Desrecalque	Desnudo (adj)	Desradicalizar
Desregramento	Desnutrido	Desratizar
Desregulação	Desobediente (adj)	Desrealizar
Desregulagem	Desobrigado	Desrecalcar
Desregulamentação	Desobstruído	Desregulamentar
Desregulamento	Deobstrutivo	Desregular
Desregularização	Desocupado	Desrespeitar
Desreificação	Desodorizado	Dessacralizar
Desrepresamento	Desodorizador	Dessazonalizar
Desrespeito	Desodorizante	Desservir
Desritmização	Desonerável	Dessincronizar
Dessacralização	Desonesto (adj)	Dessoterrar
Dessalarização	Desonrado	Destampar
Dessanilização	Desonroso (subst)	Destapar
Dessanilizador	Desoportuno (adj)	Destelhar
Dessazonalização	Desoprimido	Destemperar
Dessemelhança	Desordeiro (subst)	Desterrar
Desserviço	Desordenado	Destoar
Dessindicalização	Desorganizado	Destocar
Dessocialização	Desorganizador	Destorcer
Dessublimação	Desorientado	Destorroar
Destampatório	Desorientador	Destrançar
Destelhamento	Desortográfico (subst)	Destrancar
Destemor	Desospedado	Destratar
Destempero (subst)	Desossado	Destravar
Desterceirização	Despalhafatoso (subst)	Destreinar
Desterritorialização	Desparramado	Destripar
Desterro	Despedaçado	Destrocar
Destoado	Despenteado	Destronar
Destoca	Despercebido	Destroncar
Destombamento	Despersonalizante	Desturvar
Destrancamento	Despesçoado (adj)	Desumanizar
Destravamento	Desplugado	Desumidificar
Destribalização	Despoliciado	Desunir
Destributação	Despolitizante	Desvalorizar
Destronador	Despolpado (adj)	Desvantajar
Desumanidade (adj)	Despontado	Desvaziar
Desumanização	Despossuído	Desvelar
Desumidificação	Despovoado	Desvendar
Desumidificador	Despovoador	Desvestir
Desunião	Desprazeroso (subst)	Desviar
Desunidade (adj)	Despreconceituoso (subst)	Desvincar

Desuniformidade (adj)	Despregado	Desvincular
Desuso	Desprendido	Desvirar
Desvalia	Despreocupado	Desvirginar
Desvalimento	Despreparado	Desvirtuar
Desvalor (subst)	Despressentido	
Desvalorização	Desprestigiado	
Desvantagem (subst)	Despresunçoso (subst)	
Desvelamento	Despretensioso (subst)	
Desvendamento	Desprevenido	
Desventura (subst)	Desprezado	
Desventuroso (subst)	Desprezível	
Desvergonha (subst)	Desprivilegiado	
Desvestimento	Desproporcionado	
Desvinculação	Desproporcional	
Desvinculamento	Despropositado	
Desvirginamento	Desproposital	
Desvirginização	Desprotegido	
Desvirtuação	Desprovido	
Desvirtuamento	Despudorado (subst)	
Desvitalização	Desqualificado	
Desvitaminização	Desqualificador	
Desvontade (subst)	Desqualificante	
Desmerecimento	Desrebocado	
	Desregrado	
	Desregulado	
	Desreprimido	
	Desrespeitado	
	Desrespeitador	
	Desrespeitante	
	Desrespeitoso (subst)	
	Dessacralizante	
	Dessaliente (adj)	
	Dessangrado	
	Dessazonalizado	
	Dessubstanciado	
	Destamanho (subst)	
	Destampado	
	Destelhado	
	Destemido	
	Destemperado	
	Desterrado	
	Desterritorializado	
	Destoante	
	Destocado	
	Destorcido	
	Destravado	
	Destreinado	
	Destribalizado	

	Destronado (adj)	
	Desumanizado	
	Desumanizante	
	Desumanizador	
	Desumano (adj)	
	Desunido	
	Desuniforme (adj)	
	Desusado	
	Desvalido	
	Desvalorizado	
	Desvantajado (subst)	
	Desvantajoso (subst)	
	Desvaziado	
	Desvelado	
	Desvendador	
	Desventurado (subst)	
	Desventuroso (subst)	
	Desvergonhado	
	Desvestido	
	Desviacionista	
	Desviado	
	Desviante	
	Desvinculado	
	Desvirginado (subst)	
	Desvirtuado	